

REVISTA EDIÇÃO Nº 114 | DEZEMBRO DE 2024

# CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

www.fevistaconexaoliteratura.com.br

**CONFIRA**

ARTIGOS, RESENHAS  
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,  
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS  
E MUITO MAIS...

Distribuição Gratuita

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM MAURÍLIO, DA

## INTELECTUS BUSTUS

CRIADOR DE BUSTOS DE PENSADORES E  
GRANDES NOMES DA LITERATURA

# SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Maurílio - Foto: Cláudio Fonseca



# 6

**Maurílio** é engenheiro civil, criador de esculturas de grandes escritores e intelectuais.

Confira entrevista exclusiva que o nosso editor fez com ele na **pág. 06**

## SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX  
PE  
DI  
EN  
TE

**Ademir Pascale**  
Editor-Chefe  
[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

**Elenir Alves**  
Assessora de Imprensa  
[elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

ISSN: 2448-1068

## CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: [@conexaoliteratura](#)  
Facebook 2: [@conexaogramatica](#)  
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)  
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)  
Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



EDIÇÃO 114



ÍNDICE

CONTEÚDO



- Expediente, pág. 02
- Editorial, pág. 04
- Entrevista exclusiva com Maurílio (Capa), pág. 06
- Poema: Esperado Natal, por Sellma Luanny, pág. 11
- O Latim: Uma língua de Metamorfozes, por Gabriel Elias Josende, pág. 14
- Eu já comprei um Poeta, e você?, por Mariana Nóbrega, pág. 20
- Acabou!, por Mônica Palacios, pág. 25
- Dicas para leitura, pág. 28
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 29
- Poema: Órbitas, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 33
- Poema: Caminhos, por Meire Marion, pág. 35
- Breviário Poético da Wicca, por Flavio Joppert, pág. 36
- Poema: Os fantasmas do Natal, por Clarissa Machado, pág. 46
- Poemas de Dio, pág. 48
- Entrevista com Gianni Maria Carneiro, pág. 50
- Entrevista com Idicampos, pág. 54
- Entrevista com Liege Leopoldo, pág. 58
- Entrevista com Marcos Borba, pág. 63
- Entrevista com Renata Feltrin, pág. 70
- Entrevista com Rodrigo Marcon, pág. 75
- Entrevista com Antenor de Bayreuth, pág. 81
- Entrevista com Henrique Medeiros Sérgio, pág. 84
- Entrevista com Rosameres da Maia, pág. 90
- Citações de grandes autores, pág. 99
- Conto: Esperança, por Mí Santiago, pág. 103
- Conto: Me dá sua mão, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 107
- Conto: O Faroleiro, por Roberto Schima, pág. 112
- Conto: O caixão quintuplo, por José Geraldo Souza, pág. 116
- Conto: Curimba, por Idicampos, pág. 122
- Conto: Vidas secas, por Iraci J. Marin, pág. 126
- Conto: A História de Amina - Amina em Alexandria - Continuação, por Sellma Luanny, pág. 130
- Conto: Subitamente humano, por Ney Alencar, pág. 134
- Conto: Todo mundo é filho de Papai Noel, pág. 138
- Conto: Quem irá primeiro?, por Simone Bastos Paiva, pág. 142
- Feedback, pág. 146
- Passatempo, pág. 149
- Mídia Kit, pág. 151
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 152



# EDITORIAL

Querido leitor,



Nossa última edição do ano destaca Maurílio, artista e escultor de grandes escritores e intelectuais. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ele.

O leitor também poderá conferir excelentes contos e poemas, além de entrevistas com escritores, dicas para leitura e artigos sobre o universo dos livros. Para saber como participar da nossa edição de janeiro/2025, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.

Desejamos um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo!



*Ademir Pascale*  
ESCRITOR E EDITOR

E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



DE MARY SHELLEY

# FRANKENSTEIN



**LEIA OS GRANDES  
CLÁSSICOS DA  
LITERATURA**



**E**

# DRÁCULA

DE BRAM STOKER



# Entrevista exclusiva com Maurílio

POR ADEMIR PASCALE

**Maurílio** é um engenheiro civil, mas não se engane, apesar da sua formação na área de exatas ele é apaixonado por artes, tais como literatura, música e cinema. Apesar de já ter viajado um pouco em sua vida, sendo a trabalho ou a lazer, sempre morou na cidade de Nova Odessa-SP, lugar esse em que poucos imaginam que o filho caçula de Seu Maurílio e Dona Dalva faria arte, muito menos esculturas de grandes escritores e intelectuais.



Revista Conexão Literatura: Quem é Maurílio e como surgiu a sua paixão por esculturas de grandes escritores?

Maurílio: Eu sou um homem simples e tímido (risos), sempre tento permanecer discreto em lugares em que estou, porém sou determinado quando acredito que uma causa ou uma ideia valha a pena, e foi nessa determinação que surgiu o plano (em 2021, plena pandemia) de fazer esculturas, mais especificamente bustos de escritores, visto que existiam até aquele momento uma grande variedade de artigos e escultura de heróis e super heróis, mas não dos meus que eram escritores, pensadores e intelectuais no geral.



Maurílio - Foto divulgação

Revista Conexão Literatura: Qual foi o primeiro busto que você produziu e como foi o seu sentimento na venda da sua primeira unidade?

Maurílio: O primeiro foi meu escritor favorito José Saramago. Quando vendi foi uma sensação incrível, não só pelo fato da venda em si, mas também por saber que existem pessoas que estão interessadas e valorizam esse tipo de arte e ideia, tendo como admiração esses grandes intelectuais e pensadores.

Revista Conexão Literatura: De quais escritores você já produziu os bustos e como se dá a escolha pelos autores?

Maurílio: No momento a coleção está composta por um grande time, sendo eles: José Saramago, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Machado de Assis, Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Fiódor Dostoiévski, Sigmund Freud, Paulo Freire, Ariano Suassuna, Carlos Drummond de Andrade, Lima Barreto, J. R. R. Tolkien, Friedrich Nietzsche e a novidade no momento Gabriel García Márquez. A escolha acaba se dando principalmente pela admiração e empatia pela obra e vida dos escritores/pensadores que serão representados.

Revista Conexão Literatura: Qual autor tem melhor saída?

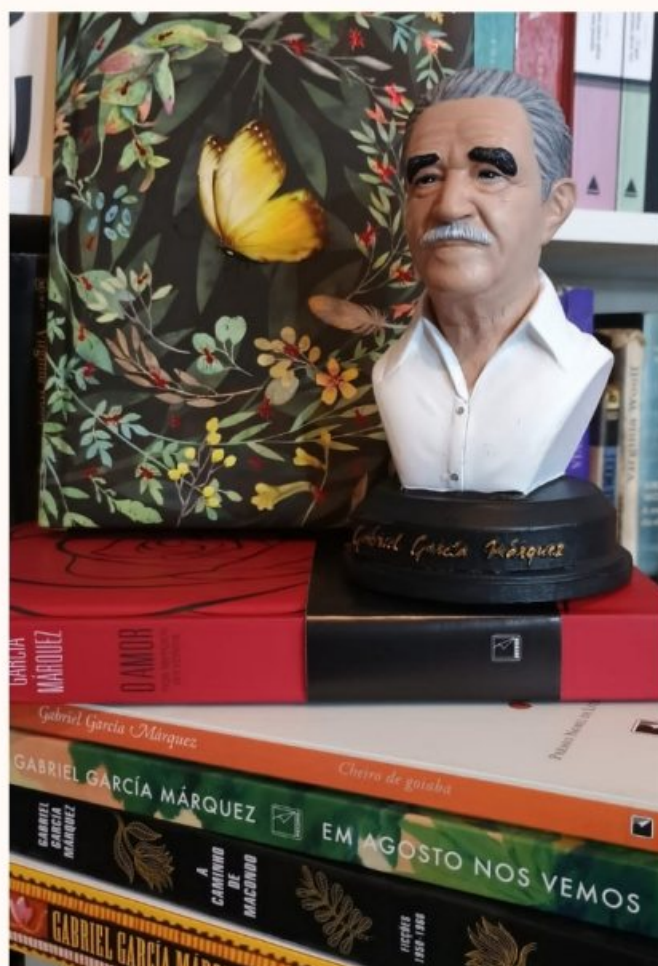
Maurílio: O bruxo do cosme velho,

Machado de Assis.

Revista Conexão Literatura: Quais os próximos escritores que terão os bustos produzidos por você?

Maurílio: Tenho uma fila bem grande, posso falar de alguns, como Lygia Fagundes Telles, Jorge Amado, William Shakespeare, Carolina Maria de Jesus, Luiz Gama, entre outros grandes escritores e intelectuais. Porém ainda não tenho uma ordem definida e data precisa.

Revista Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para adquirir uma das esculturas com você?





“

O PRIMEIRO FOI MEU ESCRITOR FAVORITO JOSÉ SARAMAGO. QUANDO VENDI FOI UMA SENSÇÃO INCRÍVEL, NÃO SÓ PELO FATO DA VENDA EM SI, MAS TAMBÉM POR SABER QUE EXISTEM PESSOAS QUE ESTÃO INTERESSADAS E VALORIZAM ESSE TIPO DE ARTE E IDEIA, TENDO COMO ADMIRAÇÃO ESSES GRANDES INTELLECTUAIS E PENSADORES.

**MAURÍLIO**





Bustos elaborados por Maurílio - Foto divulgação

Maurílio: Podem adquirir através do site [www.intelectusbustos.com.br](http://www.intelectusbustos.com.br) ou me mandando um direct através do perfil no Instagram @intelectusbustos

Perguntas rápidas:

Um livro: As Intermitências da Morte – José Saramago

Um ator ou atriz: Atriz: Susan Sarandon; Ator: Osmar Prado

Um filme: O Amor e a Fúria (Once Were Warriors) – Lee Tamahori

Um hobby: Ir em shows

Um dia especial: 18 de janeiro (aniversário de minha mãe)

Revista Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Maurílio: Apesar de aparentemente trabalhar sozinho, ninguém realmente

chega em algum lugar só, por isso quero mandar um forte abraço a minha família pelo respaldo, ao meu grande amigo Ricardo Vigentin pelo suporte no trabalho e que viu o projeto nascer, a Michelle Custódio pelos toques e apoio, e a todos amigos e clientes da Intellectus Bustos.

Gostaria de também de agradecer a Revista Conexão Literatura e Ademir Pascale pela oportunidade de falar um pouco do meu trabalho.

**SIGA INTELECTUS BUSTOS NO  
INSTAGRAM: @intelectusbustos**

**SITE:**  
[www.intelectusbustos.com.br](http://www.intelectusbustos.com.br)





Intellectus Bustos

INSTAGRAM: @INTELECTUSBUSTOS  
WWW.INTELECTUSBUSTOS.COM.BR



INTELECTUS BUSTOS



INSTAGRAM: @INTELECTUSBUSTOS  
WWW.INTELECTUSBUSTOS.COM.BR

# Esperado Natal

Por Sellma Luanny

Com muita antecedência, esperado...  
Quantas vezes planejado!  
Festas familiares, confraternizações...  
almoços, jantares... e ceias.  
E para os entediados talvez,  
distantes viagens.

Para privilegiadas crianças, data encantada.  
Multicoloridas vitrines, árvores  
cheias de brilho, ruas enfeitadas...  
Presépios... iniciações... e a noite  
de véspera... à espera do Papai Noel.  
Difícil é "pegar no sono".

E no dia certo, os presentes  
avidamente, abertos... prendas  
pedidas, prendas esperadas... e outras,  
surpresa! Muitas brincadeiras...  
E então tudo passa. E logo vem do  
próximo Natal, a espera.



Sobre a autora: Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



# Revista Conexão Literatura

## O Mercador de Veneza



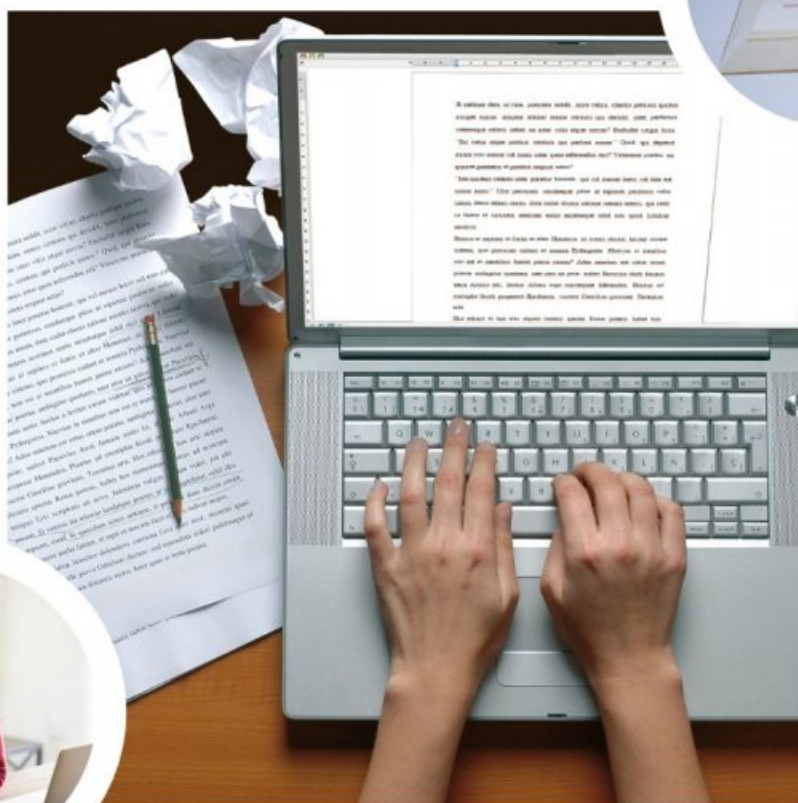
“Se fazer fosse tão fácil quanto saber o que seria bom fazer, as capelas seriam igrejas, e as choupanas dos pobres, palácios de príncipes.”

William Shakespeare

# Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:  
[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

Por  
Gabriel Elias Josende

# O LATIM: UMA LÍNGUA DE METAMORFOSES



**A**s línguas românicas (português, espanhol, catalão, provençal, francês, italiano, sardo, rético, dálmata, romeno) surgiram de uma língua-mãe em comum: o latim (Cardoso, 2009, p. 10). Contudo, pensar que o português veio diretamente do latim (como diria Olavo Bilac, “a última flor do Lácio”) é um erro comum: na verdade, nossa língua se originou do galego. Antes de falar sobre isso, é importante abordar as origens do latim.

O latim foi uma língua de cultura extremamente importante para o mundo ocidental. Suas origens, contudo, são incertas – tudo o que há são hipóteses acerca de seu surgimento. A mais aceita é a de uma língua primitiva que teria dado surgimento a diversos idiomas antigos falados ao redor do mundo. A ela, deu-se o nome de “indo-europeu”, e de acordo com estudiosos, teria sido falada por povos que se dispersaram pelo território global (Cardoso, 2009, p. 6).

A hipótese do indo-europeu ganhou força quando filólogos perceberam estranhas semelhanças entre palavras de línguas bastante diferentes (Cardoso, 2009, p. 6). A possibilidade de elas terem vindo todas de uma mesma língua-mãe é fascinante, dadas as proporções das diferenças que temos na atualidade. Basta comparar idiomas como o grego e o português, por exemplo, para se ter uma ideia do quanto as influências internas e externas podem modificar uma língua.

Quanto ao latim, ele passou por diferentes fases. Originada no Lácio, região da Itália Central que inclui a atual cidade de Roma, a primeira fase da língua, denominada pré-histórica, teve seu início por volta do século XI a.C., perdurando até por volta do século VII ou VI a.C (Cardoso, 2009, p. 7). As datas são aproximadas, uma vez que o nome é bastante sugestivo: como não há documentação de sua existência (ou seja, não há registro histórico), são feitas estimativas.

A segunda fase, de nome proto-histórica, é quando aparecem os primeiros registros escritos do latim. Perdurou até o século IV a.C., aproximadamente, mas dela também se tem pouca documentação. Já a terceira é de maior conhecimento para a filologia, visto que aparece em textos literários dos séculos III ao I a.C (Cardoso, 2009, p. 7). Denominada de latim arcaico, ela preparou o terreno (com o imenso perdão do trocadilho) para o que depois viria a ser a mais afamada fase da língua: o latim clássico.

Ovídio, Virgílio, Horácio, Cícero. Grandes escritores e poetas latinos ascenderam durante a fase clássica. Tido como a língua oficial do Império e da Santa Igreja, o latim clássico foi uma língua de cultura e intelectualidade (Cardoso, 2009, p. 7). “Metamorfoses”, de Ovídio, é um poema épico escrito originalmente nessa fase, no ano 8 d.C., e que narra as diversas transformações de figuras mitológicas (Ovídio, 2023, p. 9-13). Na “mitologia” do Lácio (com a permissão da metáfora), quiçá a fase clássica seja sua metamorfose mais amplamente estudada – mas não a mais produtiva. Este título pertence ao latim vulgar.

O latim vulgar era aquele falado pelos soldados, pelo povo – e não pelos grandes poetas ou pelo clero (Cardoso, 2009, p. 8). Essas variedades foram difundidas com a expansão do Império Romano, chegando a todos os lugares onde os filhos do Lácio aportaram. É importante frisar aqui que “vulgar” não tem qualquer conotação negativa: nesse contexto, significa que pertence às classes populares.

Quando da sua expansão, a língua latina, mais especificamente o latim vulgar (o estrato) encontrou outras línguas já existentes nos locais onde se instalou (substratos). Contudo, a primeira era uma língua de cultura, mas não de imposição – ao menos não à primeira vista. Ela se firmou nos domínios do Império respeitando as línguas nativas dos falantes; entretanto, assuntos oficiais eram tratados em latim, o que gerou a mescla entre substratos e o estrato latino (Ilari, 2018, p. 55-56). Como resultado dessa e de outras interações que ainda veremos, brotaram as flores do nosso Lácio: as línguas românicas.

Aqui, cabe explicar um pouco sobre o surgimento desse termo, “românico”. A fim de distinguir-se dos povos tidos como bárbaros, os povos latinizados se autodenominavam “romanus”. Derivado deste, surgiu “România”, que designa a região pela qual o Império se estendia. De “romanus”, surgiu o advérbio “romanice” (à maneira romana). Assim, tiveram origem as línguas “romanice loqui”, ou as falas segundo o costume romano. O termo “latine loqui” designava o latim (Ilari, 2018, p. 57).

Como mencionado, o latim vulgar exerceu influência nas línguas nativas das terras onde se enraizou. Entretanto, tais regiões foram posteriormente tomadas por povos bárbaros, como vândalos, suevos e visigodos. Ao contrário dos romanos, eles não exerceram essa “implementação silenciosa” de suas línguas; muito pelo contrário, os conquistadores germânicos adotaram as línguas românicas de suas províncias poucas gerações depois. Assim, a essa diversidade de línguas germânicas chama-se superestrato: uma língua de um povo conquistador que não é imposta ao povo conquistado e que pouco contribui para a evolução da língua nativa da região, influenciando majoritariamente no léxico (Bagno, 2012, p. 214-215).

Essas línguas que já existiam antes da expansão da România e que foram influenciadas pelo latim (e um pouco também pelas línguas germânicas) a ponto de desaparecerem são chamadas de substratos (Bagno, 2012, p. 134). Contudo, é preciso lembrar que toda a relação tem dois lados, e essa máxima é muito importante quando o assunto é filologia. A língua de substrato também exerce influência sobre aquela do povo dominador: quanto mais tempo aquela região ficar sob influência de determinado império, mais ambas as línguas sofrerão os impactos uma da outra, sendo que a do povo dominado influencia especialmente na fonologia e na morfossintaxe da língua do povo dominador (Bagno, 2012, p. 134). Será que essa metamorfose Ovídio previu?

Explicados os conceitos de substrato e superestrato, há ainda um terceiro: o adstrato. Em síntese, quando há relação de disputa de território entre dois povos que falem línguas diferentes e elas coexistam por tempo suficiente, pode ser que uma deixe suas marcas na outra (Bagno, 2012, p. 134). Foi como aconteceu com o português e o árabe no episódio dos mouros, o que explica por que falamos “arroz”, os italianos dizem “riso” e os franceses, “riz”. Esse “a” vem do árabe, costumava ser um artigo por lá.

Por falar nisso, essa é uma ótima deixa para se falar de história interna e externa da língua. A história interna diz respeito a tudo aquilo que ocorre dentro do processo evolutivo próprio de um sistema linguístico, como acomodação fonética, lei do menor esforço, alçamento e afins. Essa sistemática não sofre influência do meio, e respeita tão somente ao curso natural que a língua, enquanto organismo vivo, percorre. A essas forças que levam à mudança linguística dá-se também o nome de fatores sociocognitivos, os derivados do nosso cérebro (Bagno, 2012, p. 124).



Por outro lado, há a história externa. Quando menciono os mouros, é um exemplo claro do impacto que o meio pode ter no processo formativo de uma língua. Esses fatores de mudança são chamados de socioculturais, e dependem das interações entre indivíduos e populações (Bagno, 2012, p. 124). Caso não houvesse a disputa pelo território ao sul da Península Ibérica, que fez com que o português e o árabe coexistissem por tantos séculos e que culminou com a expulsão definitiva dos invasores em 1492, talvez falássemos “roz” até hoje.

E por falar na Península Ibérica, seu processo de formação foi bastante longo. O território foi constantemente disputado por diferentes populações. Após sua romanização, ela passou a sofrer constantes invasões de povos germânicos, suevos, visigodos e muçulmanos. Durante o período da Reconquista, por volta do séc. XI, Afonso Henriques assume o Condado Portucalense, fruto de uma troca de terras entre o nobre francês Henrique de Borgonha e os reinos de Leão e Castela, e assume a independência do Reino de Portugal. Ele se torna seu primeiro monarca (Bagno, 2012, p. 219).

Séculos depois, a Europa ainda penava para dar cabo à invasão moura. Foi então que, em 1479, o casamento entre Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão uniu os reinos de Leão, Castela e Aragão. Com as forças militares e os recursos financeiros somados, os reinos se unificaram, conquistando o último reduto, Granada. Com a retomada, surgiu o Império da Hispânia, que culminou com a expulsão das populações árabes em 1492 (Areán-García, 2009, p. 46).

Agora, voltemos a falar do português. Nossa língua formou-se do galego, e não do latim. Durante muito tempo, o português e o galego foram uma língua só. A verdade é que, quando Afonso Henriques declarou a independência de seu reino, ele queria ter certeza de que não falava a mesma língua que se falava na Galiza. Essa região era mal vista, por ser pobre e excluída do restante da Europa (ainda é) (Bagno, 2012, p. 224). Era ultrajante para a ilustríssima majestade, Sr. Afonso Henriques, admitir falar galego. Por isso, a língua passou a se chamar português, por uma decisão política (Bagno, 2012, p. 224).

Eventualmente, é claro, as metamorfoses da vida, do tempo, da história, fizeram com que cada língua seguisse o seu caminho. Redijo este texto em português com o absoluto deslumbre de pensar que falo uma evolução do galego. Se quer saber, acho ainda mais belo do que pensar que viemos diretamente do latim. Por trás de cada uma dessas palavras tem o peso histórico de um povo que renegou suas origens, e tanto as renegou que se lançou ao mar e foi buscar outros lugares para criar seu casulo, viver seu ciclo, eclodir em sua metamorfose. E aqui estou eu.

## REFERÊNCIAS:

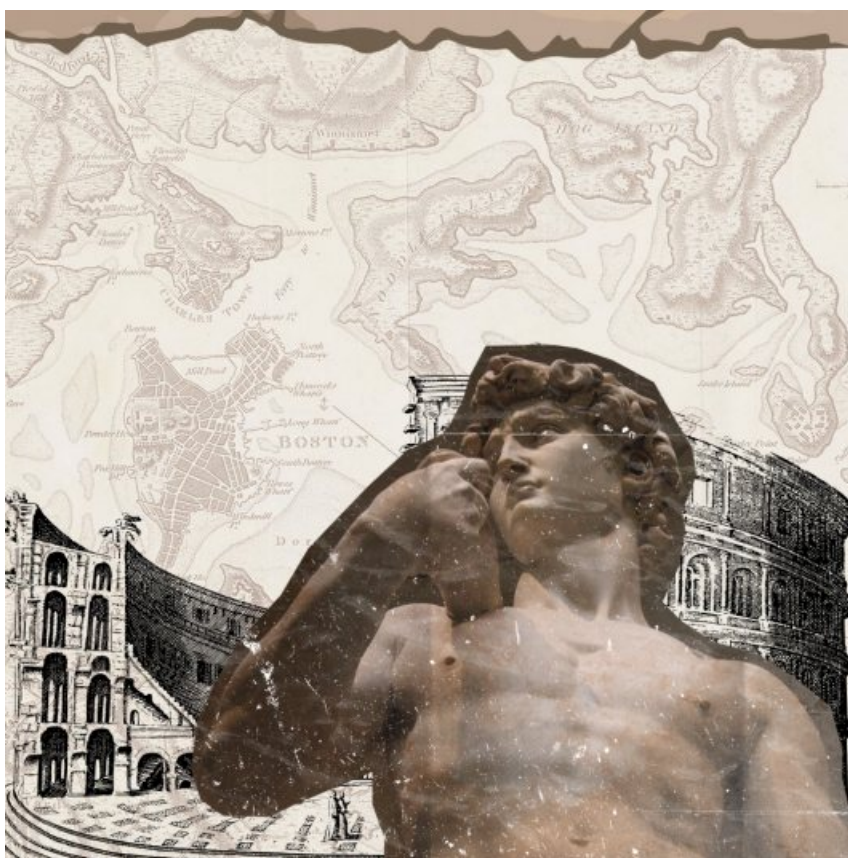
AREÁN-GARCÍA, Nilsa. Breve histórico da Península Ibérica, **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, CiFEFiL, ano 15, n. 45, p. 25-48, set-dez 2009. Disponível em: <<https://http://www.filologia.org.br/rph/ANO15/45/02.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2024.

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao latim**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2009.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2023.



**Gabriel Elias Josende** é formando do curso de Licenciatura em Letras - Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (Campus Bento Gonçalves). Foi bolsista voluntário no projeto de pesquisa "Felicidade e voluntariado em Aristóteles", em 2024. Escritor com oito obras publicadas, já lançou livros de poemas e de contos. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira, da Academia de Letras do Brasil - Seccional RS e artista contemplado pelo Fundo

Municipal de Cultura de Bento Gonçalves, em 2019. Atua desde 2022 como redator em uma agência de publicidade. Já publicou textos literários sob o pseudônimo OLYMPUZ.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA  
**POEMAS FLORAIS**

VOL.V

**POEMAS  
FLORAIS**

Ademir Pascale  
Organizador

vol. v

E-BOOK

saiba mais: clique aqui

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

# Eu já comprei um *Poeta*, e você?

POR MARIANA NÓBREGA  
PATRICIA MAIA (REVISÃO)

**P**erdida durante três horas em uma livraria no Rio de Janeiro, completamente absorta naquela realidade que transcende a cultura e o conhecimento, avistei um livreto com um título curioso e intrigante. Ele me pegou! Mesmo estando plastificado e não conseguindo folhear para entender um pouco mais, segurei, paguei e fui para o aeroporto seguir viagem.

Com o livreto em mãos, dirigi-me a poltrona 14A, abri para compreender por que eu havia comprado um poeta. O livro do autor português Afonso Cruz é perspicaz. Com uma narrativa simples, leve e divertida, mas de uma forma não usual dos romances comerciais, ele vai comparando dois universos: um onde tudo é quantificado, precificado e racional até demais. E o outro mais singelo, onde há belezas, questionamentos e subjetividades. A obra faz o leitor, a cada página, refletir sobre os valores e as formas que estamos vivendo.

De acordo com o autor, a racionalidade está cimentada em tudo, até mesmo nas ações sociais. Dentro da própria família, do consumo, das ideias e nas afeições, por mais espantoso que seja. Já a subjetividade está presente em forma de um *Poeta* que, de maneira genuína, o autor assemelha a um animal de estimação. E a função primordial deste “bicho de estimação” é a tentativa empática de “desmaquinar” o ser humano.

De acordo com Afonso Cruz, os *Poetas* “não precisam de muito para viver, apenas um pouco de água e comida, um caderno e uma caneta. E não estranhem quando eles pararem e fixarem o olhar bem longe. Estão mentalmente produzindo poemas, apenas os deixem”. E é exatamente assim que os poetas vivem e eu posso provar.

Não precisam de muito, pois tudo ao seu redor já se torna inspiração necessária para o deleite, o meu próprio poeta confirmou. Sim, eu tenho um poeta de estimação. Dio Oliveira é um poeta anônimo. Durante o dia tem um trabalho comum, como o meu e o seu, mas nas horas vagas ou não, ele liga a chave da inspiração.

Eu conheci o meu poeta em um subsolo. Sei que parece estranho. Mas o local não é como a gente imagina e nem se parece com aqueles cenários cinematográficos horripilantes, escuros, empoeirados, com sons de goteiras por todos os cantos, bichos

que se rastejam, cheiro desagradável e ecos infundáveis. Muito pelo contrário, é um local fresco, com boa iluminação e muitas vezes silencioso. Perfeito para um poeta meditar e concentrar mais intimamente.

Quando olhei para ele, já sabia que ele seria o escolhido. A palavra que eu o descreveria: simplicidade. Com um timbre vocal linear, sereno e sem muitas alterações de vibrações era perfeito para interações diárias. Mas, o que me conquistou foi o olhar que ao conversarmos, nunca se desviava. Sempre mantinha a direção para não perder nenhuma parte das conversas ou até mesmo, discussões mais intensas. Ele olhava atentamente para poder contra-argumentar e acrescentar algo no meu dia a dia. Sempre me fazendo pensar e repensar.

Ele consegue enxergar fora das quatro linhas. Criar questionamentos para conflitar com padrões já estabelecidos. O poeta instiga. É uma criatura exótica. A antonímia entre o ser racional e o ser subjetivo é saudável e faz muito bem ao ser humano, e neste quesito, eles são peritos. Uma boa dose de criatividade e, muitas vezes, de ambiguidades, são necessárias ao nosso dia a dia condicionado. Senão, adoecemos.

Resolvi “comprá-lo” quando li as 91 páginas de poemas da obra Viagens (essa que aparece na foto). A sequência na elaboração dos versos e suas temáticas que vão além do trivial, me fez questionar alguns valores sociais e pessoais que estavam adormecidos aqui dentro. E é exatamente este ponto que faz o poeta brilhar.

Saber que ele conseguiu atingir, tocar, bagunçar, expandir, rir, chorar, sorrir, emudecer, refletir, complementar algo para o seu leitor, é o ápice do seu ofício. Mas não adianta falar isso para eles. Eles sempre vão dizer que somos exagerados. São modestos e tem um quê de timidez.

Com o Dio aprendi a valorizar situações que julgava ser corriqueiras. Liguei o alerta para não ser tão racional. Como bem ressalta o escritor lusitano em seu livro “a poesia é um dedo espetado na realidade”. É exatamente sobre isso. Uma tentativa de desembaçar algo para que possamos enxergar a mesma realidade de outras formas e perspectivas. A poesia liberta e dá novos sentidos as coisas e as situações. Acredite. Com uma interação contínua, a mudança será gradual. Novos olhares irão florescer e a vida vai ganhando novo ritmo.

Mas atenção, no momento em que você adquirir um poeta e deixar que ele faça parte do seu cotidiano, é um caminho sem volta. Quando os olhos se abrem para o novo, não há mais retorno. Quando a palavra consegue tocar e se multiplicar em diversos sentidos e compreensões, não há quem pare você. Por isso, te convido a compartilhar e enaltecer os trabalhos destes estimados “bichanos”. Estes que estão despercebidos no tecido social.

A poesia é uma arte. Uma maneira de olhar o mundo. Por isso, nunca abandone um poeta. Segure firme em sua mão. Compre. Adote. Leve para a vida. Não há como precificar o seu trabalho, o valor é intangível, mas podemos compartilhar e divulgar.

E como já alertava o poeta de Afonso Cruz, “temos milhas a percorrer antes de dormir”. Presenteio vocês com um singelo poema do meu poeta de estimação que toca exatamente na abordagem feita pelo portuga. Bons sonhos!

### *Desmaquinando*

Uma gentileza Elogio  
Um quase flerte

Era até então Um dia  
comum Uma manhã

Como muitas outras

Fui à padaria O trivial  
Pão francês Pão de  
queijo

Retirei o cartão Estendi  
Mas  
Antes do costumeiro Débito  
ou crédito Ela disse:  
Bonitos olhos...

Pronto  
Não era mais um dia comum Era  
gente  
Não sendo máquina.

**Dio Oliveira**



**Mariana Nóbrega**, 40 anos, brasiliense ou como dizemos por aqui, do Quadrado. Primeira formação em Jornalismo com um plot twist intrigante para uma pós-graduação em Administração de Empresas. Sempre buscando melhorar, recuperei lá dentro, um entusiasmo para uma segunda pós, desta vez, em Literatura e Produção de Textos. Trabalhando constantemente porque eu não quero ser mais uma Ivan Ilitch (personagem de Liev Tostoi) nesta jornada e sigo fiel à afirmação do ilustre José Saramago: "o heroico num ser humano é não pertencer a um rebanho".

UMBERTO ECO

# O Nome da Rosa

Revista Conexão Literatura



“Somos anões, mas anões que estão nos ombros daqueles gigantes, e em nossa pequenez conseguimos enxergar mais longe que eles no horizonte.”



## PARA SABER MAIS:

Lançado em 1980, *O Nome da Rosa* é um romance histórico do escritor italiano Umberto Eco (1932–2016). Em 1986, o romance foi adaptado para o cinema e foi dirigido por Jean-Jacques Annaud.





ACABOV! ACABOV  
ACABOV! ACABOV!  
ACABOV! ACABOV

POR MÓNICA PALACIOS

ACABOV!

ACABOV! ACABOV!  
ACABOV! ACABOV!  
ACABOV! ACABOV!  
ACABOV! ACABOV!

Nesses anos, faz muito, muitos anos atrás, quando os carros só circulavam a 30 km/hora, quando as pessoas usavam chapéus e sombrinhas, quando as crianças não saíam a brincar sem aqueles sapatos de verniz e meias puxadas até o joelho... bom, estão visualizando a época, né?

Nesses anos, a gente não tampava a boca para cochichar segredos senão, virava levemente a sombrinha e compartilhava desde os segredos de alcova até comentários maliciosos.

Nesses anos, os homens ocultavam seus gostos pela arte e pelas tertúlias familiares pelo receio de serem vistos como menos másculos e patriarcais.

Nesses anos, os criados ou colaboradores das casas tinham vergonha de levantar a vista, nem pensar em um olho no olho.

Nesses anos, as editoras trabalhavam manualmente, aquelas linhas amareladas quebravam de tanto virar as páginas, o papel até mais grosso também amarelava e o cheirinho... ah! Esse cheirinho era um ingrediente especial que compete, sempre ganhador com qualquer edição contemporânea.

Estão pensando que esqueci do cinema, com o vendedor de doces e confetes antes de iniciar o filme?

Nesses anos, aqueles comerciais intermináveis e o sapateado do público para que comece... finalmente o filme! As mães providenciavam sacolinhas com quitutes porque as pestilentas máquinas atuais de pipoca não existiam.

Nesses anos, aqueles candidatos adolescentes, ainda indecisos, sentavam poucas fileiras atrás e as risadinhas e cochichos faziam perder a linha do filme. Mas... adolescentes estavam preocupados com isso? Por amor de Deus!

Nesses anos, os animais, tinham seu circuito preservado e só aqueles gatos de angorá apareciam arrogantes suportando o peso das mãos carregadas de anéis trazidos de longe.

Nestes anos, da licença!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Isso tudo se acabou, soa démodé, inumano e eu detesto.

Nestes anos, falamos livremente, sabemos que todos temos os mesmos direitos e merecemos o mesmo respeito. Até os cachorros vira-latas entram nas casas e são acarinhados e protegidos por inúmeras associações protetoras de animais.

Nestes anos, bandeira verde para a sinceridade, para o amor, o respeito e para demonstrar nossas emoções sem preconceitos e sem sobre-entendidos.

Por isso, vou contar a vocês: fiz uma roda com cada lembrança, com cada abraço e com cada gentileza e percebi que não dava conta em uma vida só.

Nestes anos, temos back ground para muitas vidas.

\*\*\*

**Mónica S Silva de Palacios** é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.

**PARTICIPE DA ANTOLOGIA**

# **CONTOS, POEMAS E LENDAS**



**E-BOOK**

saiba mais: [clique aqui](#)

## DICAS PARA LEITURA

CONTOS, MINICONTOS E POEMAS  
INFANTOJUVENIS, REÚNE TEXTOS DE  
ALGUNS DOS MELHORES AUTORES  
NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE  
ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É  
GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO  
SITE DIVULGA LIVROS:  
[WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG)



UNIVERSO DA POESIA, COM  
ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E  
ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM  
E-BOOK GRATUITO E ESTÁ  
DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA  
LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG)

# AH! DAS “FANTASIAS”

*Por Joaquim Cândido de Gouvêa*

Deixo sim você me abraçar saudade  
Por conhecê-la bem... não haver idade  
Em que possa, de fato, sobre mim “repousar”  
E de você querido, das “fantasias”, quão belo “recordar”

Aquele jeitinho gostoso  
Bem-preparado que fazia  
O piscar dos olhos tão “safado” que, levemente, deles muito sorria  
Em um ambiente feliz tão maravilhoso

Deixo sim você me abraçar saudade  
Por conhecê-la bem... não haver idade  
Em que possa, de fato, sobre mim “repousar”  
E de você querido, das “fantasias”, quão belo “recordar”

Ela, com sabedoria, na verdade, chega na hora  
Em que o coração saudoso chora  
E, com “galhardia”  
Consegue jogar a tristeza em um “reinado” de alegria

Deixo sim você me abraçar saudade  
Por conhecê-la bem... não haver idade  
Em que possa, de fato, sobre mim “repousar”  
E de você querido, das “fantasias”, quão belo “recordar”



# O “TAL” PELA MANHÃ

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Ao olhar para o “Céu” azulado  
Que em mim “amanhece”  
Sinto promover um bater de coração bem desconcentrado  
Fruto da “lembança” que jamais se esquece

No decorrer, uma a uma de cada lembrança se põe no coração perfilando  
Pela poesia, ajudada pela brisa, “sussurrando”  
Entregando à saudade o “bilhete” da entrada  
Em recordações de emoções tão amadas

O “choro”, como não, somente cresce  
Da semente, a lágrima de súbito aparece  
O perdido amor, como uma flor  
Floresce, outra vez, no “Jardim” do meu interior

Assim, o sofrido coração  
Ainda como um “coitado”  
Tenta se refrescar nesse “Céu” azulado  
A conseguir amenizar a dor de tão rara emoção

## SOBRE O AUTOR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024 e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta-RS. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação, participação com doze Poemas nos Livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL e ESCREVER FERNANDO PESSOA.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea\_

Email: mjgouvea@hotmail.com



**SEU ANÚNCIO  
AQUI**

*CLIQUE AQUI  
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*





**O mundo segue girando,  
cumprindo seus movimentos...  
Textos também vão rodando;  
misturam-se os argumentos.**

**O tempo, nem sempre brando,  
robustece os pensamentos...  
Em rotação, vai alterando  
sintaxe e seus elementos.**

**A Gramática do Universo!  
Rotação e translação...  
Na estrutura desses versos...**

**a contínua mutação...  
Semântica dos "diversos"...  
Gramática em vibração...**

(In.: Antologia DESATAMOS NÓS - produção coletiva - Grupo NÓS DAS LETRAS)



Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

*Conheça as realizações da*  
**CASA BRASILEIRA DE LIVROS**

*Maiores concursos literários do Brasil:*



MicroConto de Ouro



PENA DE OURO

*Edições de novos livros para o mercado brasileiro:*



*Patrocinadora de iniciativas literárias:*

— revista —  
conexão  
LITERATURA

Concursos Literários



*Saiba mais em:*

[www.casabrasileiradelivros.com](http://www.casabrasileiradelivros.com)

# CAMINHOS POR MEIRE MARION



Pelos trilhos do mundo a caminhar,  
Descobrimos segredos em cada lugar.  
Cores e sabores a me encantar,  
Na dança das culturas, a me embalar.

Viajar é mergulhar na imensidão,  
Um encontro com a diversidade em ação.  
Em cada jornada, uma nova lição,  
O mundo é vasto, cheio de emoção.

Pelos caminhos do mundo, vou partir,  
Descobrir terras de encanto e magia.  
Em cada horizonte, um novo sentir,  
Na jornada sem fim, a alma vazia.



> **Meire Marion**, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infantojuvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie* (2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021) *Dois Gatinhos* (2021) e *THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT* (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.





Breviário Poético da  
**Wicca**

Por Flavio Joppert



**Niterói**  
**2024**

## ÍNDICE

1 O deus Cornífero

2 A Wicca

3 O Caldeirão

4 Noite

5 Dia

Os 5 Elementos

6 Éter - Espirito

7 Ar

8 Fogo

9 Terra

10 Água

Ciclos Lunares

11 Cântico da Lua Nova

12 Cântico da Lua Crescente

13 Esbat da Lua Cheia

14 Cântico da Lua Minguante

Sabás Menores da Roda do Ano

15 Solstício de Inverno – Yule

16 Equinócio de Primavera - Ostara

17 Solstício de Verão - Litha

18 Equinócio de Outono - Mabon

Sabás Maiores da Roda do Ano

19 Preparando o Inverno – Samhain (início da Roda do Ano)

20 Preparando a Primavera - Imbolc

21 Preparando o Verão - Beltane

22 Preparando o Outono – Lammas

23 Palavras Finais

Feliz Encontro!

## Wicca Consolo dos Anjos

Triunfa o Sol na aurora,  
dissipando a noite escura.  
Rompe a madrugada agora  
que meu amor já vem.

Casta sacerdotisa da lua,  
das águas trás a pureza,  
renova em sonhos o  
desejo do amor refém.

Minha alma cativa  
de ti senhora,  
do despertar  
que nos convém.

Nos teus braços  
aos sonhos adentrar,  
de teus lábios os  
beijos seduzir.

Dado que, quanto  
mais pura e casta,  
mais a magia do amor  
''pitonisam'' nosso bem!

## 1 O DEUS CORNÍFERO

Oh! Deus veadíssimo,  
Prazer delas e das deusas.  
Entre os seres vivos é quem  
mais completa a luz da deusa,  
dela casta e fértil primavera.  
(Paródia ao Hino de Vênus)

## 2 WICCA

Os corações atraídos  
por tua força divina,  
tomados por encanto,  
te seguem cheios  
de amor e desejo.  
(Paródia ao Hino de Vênus)

## 3 O CALDEIRÃO

Caldeirão que  
tudo transforma.  
Mutação e magia,  
substância e qualidade,  
metamorfose e alquimia.

## 4 NOITE

Oh! Mistério da vida,  
em segredos guardados  
pela Lua nua, e casta.  
Tanto nos sonhos em magia,  
nos cobre com manto de estrelas.

## 5 DIA

Oh! Sublime visão  
dada pelo Sol  
revestindo de glória  
a aurora matinal, e de  
mistérios a estrela vespertina.

## CINCO ELEMENTOS

### 6 ÉTER – ESPIRITO

Oh! Sopro dos deuses,  
essência pura do existir,  
da origem o princípio.  
Mistério que se revela  
no visgo e na amendoeira.

### 7 ÁR

De Hera o princípio,  
Ativo e masculino,  
surgindo no horizonte.  
Sob a luz do sol,  
realizando sonhos.

### 8 FOGO

Da boca do dragão,  
no toque da salamandra,  
quente e masculino,  
traz de Marte o sonho,  
de sermos um no outro.



## 9 TERRA

De gnomos e ninfas,  
princípio feminino e passivo.

De amor em forma  
do que somos feitos:  
em faunos, Gaia, e vida.

## 10 ÁGUA

Pureza que me lava  
feito mão feminina,  
de Sereias e Ondinas,  
a moldar com a terra  
Nossa forma de existir.

## CICLO LUNAR

### 11 CÂNTICO DA LUA NOVA

Novo ciclo,  
teu fluxo sagrado,  
de mistérios e escuridão,  
com magia povoam  
a transformação.

### 12 CÂNTICO DA LUA CRESCENTE

Brilha no céu,  
renovando a luz.  
Surge crescendo,  
latente magia  
de poder e esperança.

### 13 ESBAT DA LUA CHEIA

Lua cheia,  
da deusa a plenitude,  
da mulher ovulação.  
Todo teu poder  
ilumina a ilusão.

### 14 CÂNTICO DA LUA MINGUANTE

Da mulher anciã  
sabedoria e preparo,  
da menstruação.  
O ciclo renasce  
como destino perene.

### SABÁS MENORES DA RODA DO ANO

#### 15 SOLSTÍCIO DE INVERNO – YULE

Começo do inverno,  
nascimento do deus sol.  
O sabá é luzeiro de velas,  
o pinheiro de Átis ornado  
é vermelho, verde, e dourado.

#### 16 EQUINÓCIO DE PRIMAVERA – OSTARA

Felicidade, amor, e vida  
renascem na primavera.  
O sol volta com a lua  
na mesma duração.  
No bosque feliz coelho.

## 17 SOLSTÍCIO DE VERÃO - LITHA

Sabá de verão,  
toda relva  
em floração.

Deus pai dos grãos,  
a deusa mãe é vida.

## 18 EQUINÓCIO DE OUTONO – MABON

Descanso pagão,  
da colheita do verão.

Aproxima o ano novo,  
noite e dias iguais  
em magia e gratidão.

## SABÁS MAIORES

### 19 SAMHAIN – PREPARANDO O INVERNO

A chegada do ano novo,  
festa dos ancestrais.

O sabá inicia o inverno  
A abóbora sobre a mesa,  
é magia da feiticeira.

### 20 IMBOLC – PREPARANDO A PRIMAVERA

Ápice do inverno,  
do luzeiro fértil  
a germinar a primavera,  
o sol renasce  
no amor materno.

## 21 BELTANE – PREPARANDO O VERÃO

A primavera finda,  
inicia o verão  
O sabá apaixonado,  
força masculina que  
fertiliza a feminina,

## 22 LAMMAS – PREPARANDO O OUTONO

Depois do verão,  
antes do outono,  
a primeira colheita  
é deste sabá festivo  
a semente de magia.

## 23 PALAVRAS FINAIS

São os hinos de sapo,  
cantados com magia,  
enfeitiçados com amor  
para celebrar os sabás  
do ciclo do sol e da luação.

“Para que todos digam que assim seja, e que assim se faça!”

Abençoados Sejam!

\*\*\*



**SOBRE O AUTOR:** Flávio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

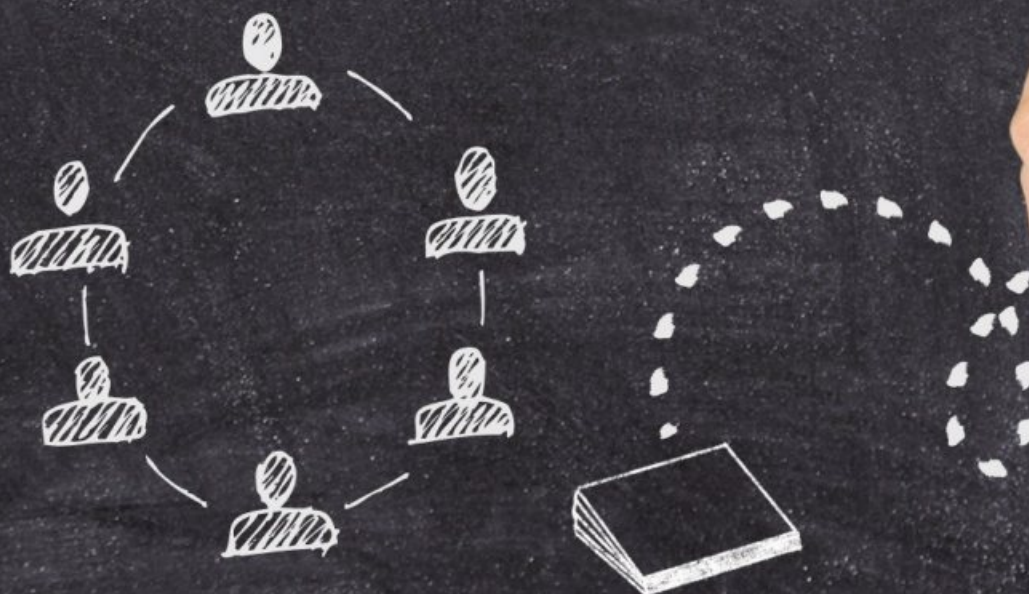
Foto: Flávio na Niteroiense de Letras



MAIS UMA PÁGINA DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

APRENDA COM

CONEXÃO  
GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



[www.facebook.com/conexaogramatica](http://www.facebook.com/conexaogramatica)



[www.instagram.com/conexaogramatica](http://www.instagram.com/conexaogramatica)

# Os Fantasmas do Natal

Por Clarissa Machado



espectros brilham na estrela  
que, ao longe, guia  
sonhos cuja luz se apaga  
quando passam por nós -

fantasmas espelhados...

espelho de tudo aquilo que não  
foi feito, mas foi prometido  
e se eu fosse político  
faria, se não fosse crítico -

o meu próprio estado fantasmagórico...

eufórico vivo como se  
nada além da minha bolha existisse  
é que curiosamente, fantasmas  
moram em bolinhas coloridas e amam -

festas de Natal.

{espantos à hora da ceia -  
quem pegou o meu  
chocotone?}

{espantos à meia-noite -  
quem pegou o meu  
torrone?}

curiosamente, fantasmas  
andam descalços e se divertem -

assombrando o tio do pavê.

curiosamente, fantasmas  
são astuciosos e se esbaldam

tocando a campainha e saindo correndo.

curiosamente, fantasmas  
moram em pinheiros de Natal e adoram -

festas em família.

...

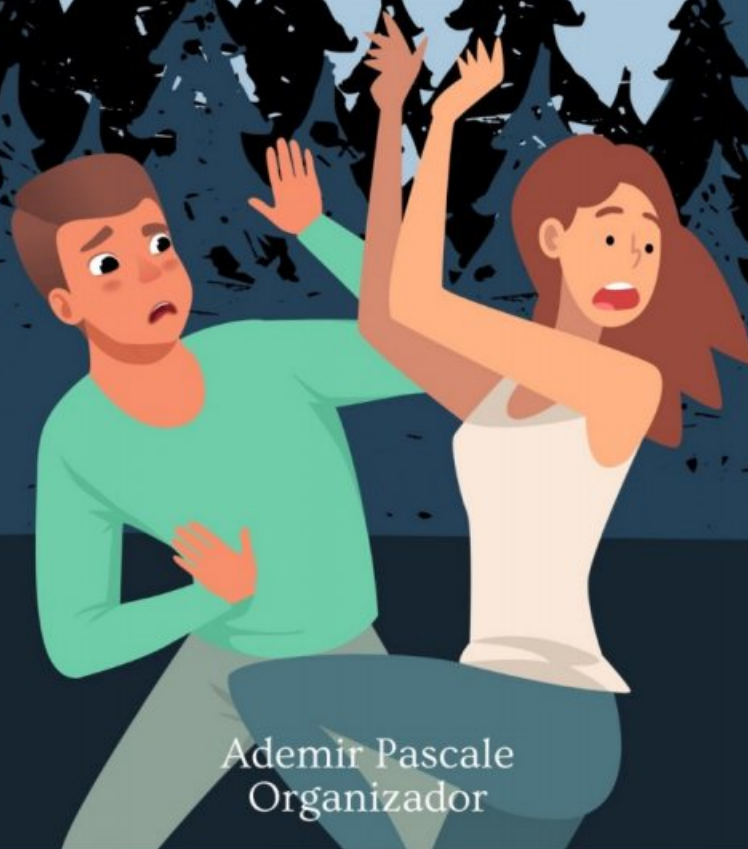
Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL).

**PARTICIPE DA ANTOLOGIA**  
**CONTOS E POEMAS**  
**ASSOMBROSOS**  
**VOL. IX**

**CONTOS E POEMAS**  
**ASSOMBROSOS**

Vol. IX

E-BOOK



Ademir Pascale  
Organizador

saiba mais: [clique aqui](#)

# ENCONTRO

*Por Dia*



Às vezes, saio a procurar um poema  
Que fale de encontro  
E ao falar, descreva lentamente a sua chegada  
Um poema que faça permanente  
O que tende a não ser

Por não saber parar o tempo  
Escrevo  
Palavras, procuro  
Tento encontrar as mais adequadas  
Que possam capturar a beleza do momento  
O receio que seja passageiro  
O desejo que persista

O contentamento com o sublime  
Das palavras, do encontro, do sorriso, da tua pele, da minha mão na tua pele  
Do que sinto  
Do que imagino que você sinta  
De tudo que embora possa passar  
Porque tudo um dia passa  
Escrevo  
Para que persista



# Conquista

*Por Dio*

Vou deixar a porta aberta  
Como quem espera  
Vou arrumar as coisas  
Como certo fosse  
Sua chegada  
Vou me esforçar  
Para não ser tomado pela espera  
Nem pelo desleixo  
Vou crê no amparo e esquecer o seu oposto  
Vou abrir um vinho  
Vestir uma roupa que possa agradar  
Vou me inteirar de assuntos que pareçam inteligentes  
Vou treinar um tom de voz que pareça suave  
Sem aparentar pouco caso  
Que seja forte sem parecer ansioso  
Vou consultar o dicionário de conquistas  
Enfim, vou usar uma cara, um jeito de falar, um modo  
de ser  
Para revelar  
Quem eu não sou

Sobre o autor: Dio, uma mistura boa de poeta, por convicção; psicanalista, por quimera e bancário, por conjuntura. Nasceu em Várzea Nova, pequena cidade da Chapada Diamantina, no interior da Bahia. Amante das coisas simples e do cotidiano. Escreve de modo intuitivo, como se soubesse o que diz ou sabendo, diz apenas o que deseja e pode. Contato: @adilsonoliveira.psi



# Entrevista exclusiva com Gianni Maria Carneiro

POR ADEMIR PASCALE



Gianni Maria Carneiro - Foto divulgação

Gianni Maria Carneiro, nasceu em 1967, de uma costureira. Aos 6 anos, quase foi adotada pela família real britânica, mas não deu certo, mas graças a essa família que despertou o gosto pela literatura.

## ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Gianni Maria Carneiro: Escrevi meu primeiro poema em Londres, depois só voltei a escrever no Brasil em 1982, em 2000, tive um poema classificado em concurso e publicado com outros autores pela Phoenix, depois, pela trevo e poeart, passei a me dedicar a literatura no Brasil, tendo

como resultado a publicação de *Lírio no Charco* pela Viseu.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "*Lírio no charco*". Poderia comentar?

Gianni Maria Carneiro: Sim, escrevi o poema *Lírio no Charco*, quando saía de uma depressão muito forte, naquele momento tinha tudo a ver comigo, e por isso dei esse título ao livro.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

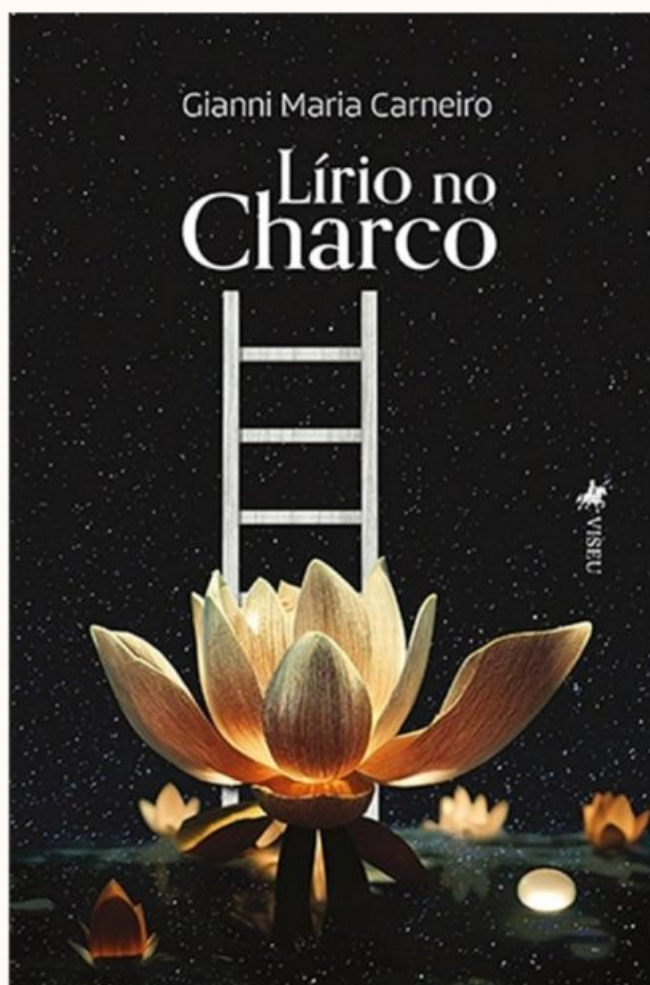
Gianni Maria Carneiro: Não tenho um método, por exemplo, estou lendo um livro e uma palavra, uma frase do livro pode me inspirar um texto, uma história. Mas gosto de me inspirar nos clássicos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Gianni Maria Carneiro:  
Mulher tu és a sublime criação  
O mundo em ascensão  
A gota de chuva  
Que faz brotar  
A planta na terra  
Às águas do mar  
O verde da serra, etc

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Gianni Maria Carneiro: Os meus livros estão nas lojas parceiras da editora; tanto físicos quanto e- books. Versão impressa: Amazon, Americanas, Magazine Luiza, Shoptime, Submarino. Versão e- books: Amazon, Apple, Barnes e Noble (USA), Google, Skeelo, wook. No livro têm a minha biografia, também tenho poemas classificados em concurso e publicados com outros autores.  
Trevo, Phoenix, Poart.



O meu e-mail é:  
giannimariacarneiro@hotmail.com

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Gianni Maria Carneiro: Infelizmente o Brasil é um país de poucos leitores, porque a literatura não é incentivada; mas sou otimista e acredito que as coisas tendem a mudar.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Gianni Maria Carneiro: Sim. Mas por enquanto vou me dedicar a este projeto.

Perguntas rápidas:

Um livro:) Senhora - José de Alencar

Um ator ou atriz: Marília Pera

Um filme:ET

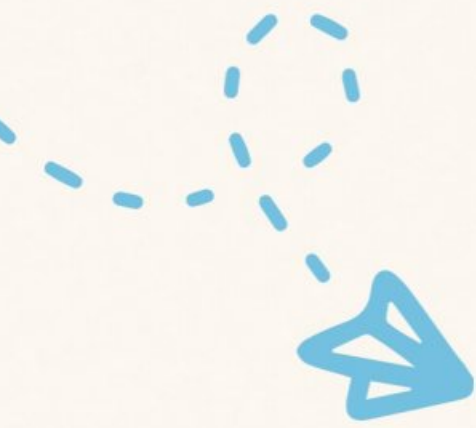
Um hobby: Ir ao cinema

Um dia especial: Meu aniversário

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Gianni Maria Carneiro: Curto os meus pets que ficam me rodeando, quando estou escrevendo.





# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

## A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



# Entrevista exclusiva com Idicampos

POR ADEMIR PASCALE



Idicampos - Foto divulgação

Idicampos, Idimarcos, professor de português literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores. Iniciou a participação no movimento literário, na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, no final da década de setenta. Escreveu a arte da palavra nos jornais da região, participou em várias coletâneas de poesia mas também contos; sendo relevante, em 2022, as coletâneas de poesias, contos mais crônicas da FLIP, em Paraty, RJ. Possui dois livros de poesia: Bilhete aos amigos e Queima de estoque. Assim como um de contos: Ironia do destino. Pode ser lido, mensalmente, na revista Conexão Literatura.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Idicampos:** Ganhei de presente dos meus pais uma máquina de escrever, aos nove anos, o agrado foi o trampolim para mergulhar na literatura. A adolescência chegou durante a ditadura militar no Brasil, quando munido do sonho de transformar o mundo depusitei na escrita criativa as expectativas, democráticas, da minha geração.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Contos em Conexão". Poderia comentar?

Idicampos: "Contos em conexão" é uma edição comemorativa, uma coletânea dos primeiros contos editados na revista Conexão Literatura. Os contos exibem a morte como pano de fundo, corroboram o medo do fim, consequência dos óbitos impostos pela Covid-19, nos anos vinte do século XXI, os quais abalaram a sociedade contemporânea.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Idicampos: Posuo uma influência da obra de Lima Barreto, escritor ocupado com as contradições da sociedade de classes; e João do Rio, cronista da vida periférica carioca. Escrevo uma literatura inspirada na realidade, repleta de ironia; uma narrativa destinada a denunciar os percalços da existência humana.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Idicampos: No conto, "Cai cedo ou tarde", o trecho: "Os casos assombrosos somavam-se ao sobrenatural. Uma dentadura, colocada com certificado de garantia, na esposa do vereador, do Bairro do



Bom Pastor, sorria sozinha. O cérebro do gênio, instalado na cabeça de um idiota, confundia a ignorância com a inteligência. Os desatinos contextualizavam os conflitos existenciais, entre a vida e a morte.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Idicampos: Antes do advento da linguagem digital, lia-se pouco no Brasil; agora, lê-se muito o display do celular. Cabe aos artistas da palavra, na minha concepção, compor um texto sintético, em consonância com o avanço tecnológico. Neste contexto, o

gênero conto oferece um horizonte às políticas de formação de novos leitores; viabiliza uma linguagem acessível à atual conjuntura do hábito de ler.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Idicampos:** Acompanhar, mensalmente, meus contos na revista *Conexão Literatura*. Ler, gratuitamente, o livro “Contos em conexão”, no site da revista. Visitar o site privado do autor para conhecer o conjunto da obra literária: [www.idicampos.com.br](http://www.idicampos.com.br).

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Idicampos:** Sim, lançarei, em breve, a continuidade deste projeto do livro: “Contos em conexão”. O próximo título será: “Contos em desconexão”, junto à edição da *Revista Conexão Literatura*.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: “Triste fim de Policarpo Quaresma” (Lima Barreto)

Um ator ou atriz: Chico Anysio

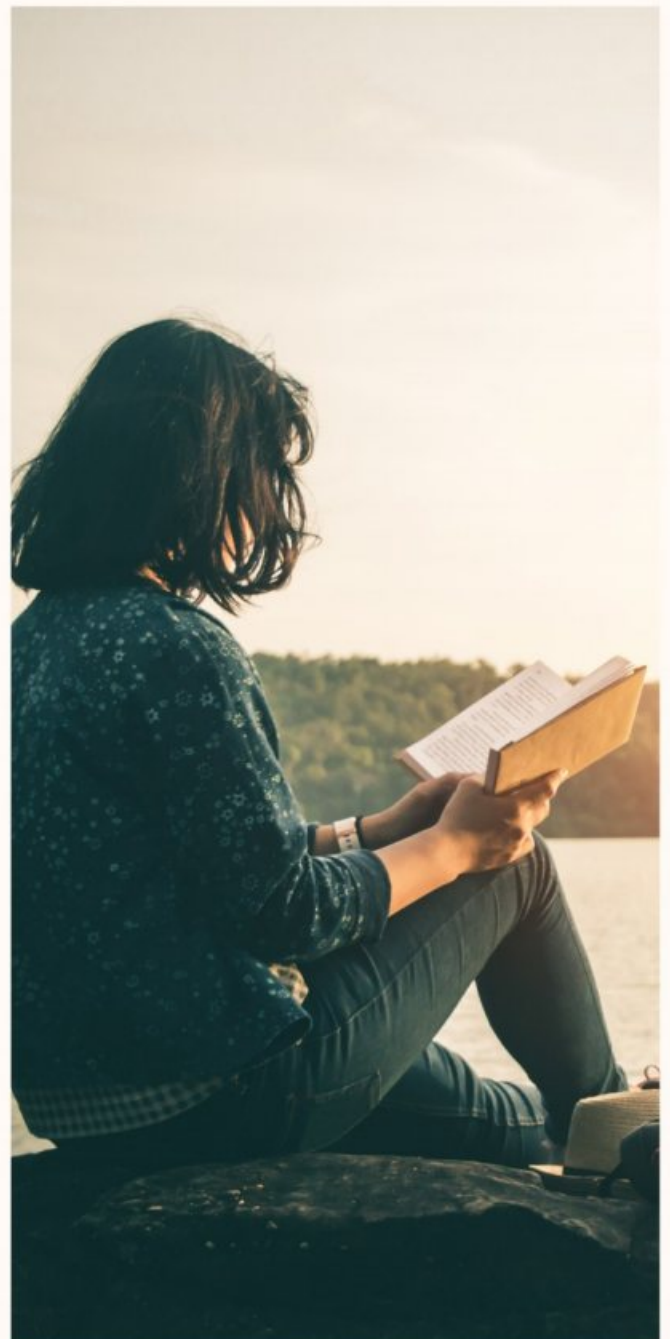
Um filme: “O grande ditador” (Charles Chaplin)

Um hobby: escrever

Um dia especial: o nascimento, 13 de maio.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Idicampos:** Agradecer ao editor da *Revista Conexão Literatura*, Ademir Pascale, pela oportunidade de publicar meus contos.





DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE  
DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

# DIVULGUE

O SEU LIVRO,  
LIVRARIA, EDITORA,  
SITE, LOJA...



CLIQUE AQUI E  
CONFIRA

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

# Entrevista exclusiva com Liege Leopoldo

POR ADEMIR PASCALE



Liege Leopoldo - Foto divulgação

Liege Leopoldo é uma escritora brasileira radicada nos Estados Unidos, com foco em literatura infantil. Pedagoga, Historiadora e apaixonada pela escrita desde cedo, viu seu interesse literário florescer ao longo dos anos como professora, criando histórias para envolver seus alunos. É autora de “O Sabiá que não Sabia Assobiar” e “Uma Coleção de Guarda-Chuvas. Liege acredita no poder da literatura para enriquecer o imaginário infantil e formar leitores engajados, buscando sempre criar obras com profundidade e beleza para o público infantil. Para ela o melhor recurso didático é um livro de literatura.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Liege Leopoldo:** Desde o Ensino Médio, quando cursei Magistério, eu sabia que tinha interesse em escrever, mas nada era muito claro ainda. Estávamos no início dos blogs, o que me interessava bastante. Escrever era um hobby, ainda anônimo. Na faculdade, participei de vários projetos envolvendo escrita, desde iniciação científica até produção para revistas. Mas foi ao começar a lecionar que meu interesse por Literatura Infantil aflorou, e eu passei a escrever textos para as minhas aulas. Ainda tenho textos desse período que pretendo publicar. Paralelamente, publicava textos

de opinião em jornais e nas minhas próprias redes. Fui escalada pela escola onde trabalhava para escrever um livro sobre a instituição e, durante dois anos, coordenei um grupo de pesquisa junto aos alunos do Ensino Fundamental II. Dali surgiu meu primeiro livro. Enfim, eu tentava aproveitar qualquer oportunidade relacionada à escrita.

**Conexão Literatura:** Você é autora dos livros *O Sabiá que não Sabia Assobiar* e *Uma Coleção de Guarda-Chuvas* (livro bilíngue - Português e Inglês). Poderia comentar?

**Liege Leopoldo:** Em 2021, um casal de amigos que sabia das minhas histórias guardadas me incentivou a enviar manuscritos para a Editora Casulo, que estava desenvolvendo um projeto literário para escolas. Eu era completamente desconhecida, mas enviei meu manuscrito, e *O Sabiá que não Sabia Assobiar* se transformou em um livro lindo. Foi uma experiência incrível. Trabalhar com tantos profissionais qualificados, extremamente focados em oferecer literatura de qualidade, abriu meus olhos para vários aspectos do mercado literário. O "Sabiá", como eu o chamo, é um livro repleto de elementos que amo na Literatura Infantil: sonoridade, humor e ensinamentos. Ele é ilustrado por Kaleb de Carvalho, um ilustrador com muita experiência. Escrevi a história utilizando como base a sequência das



notas musicais. Em 2023, comecei a trabalhar com a Editora Asinha no meu novo livro, *Uma Coleção de Guarda-Chuvas*, que explora elementos muito importantes no universo infantil, como amizade, memórias afetivas e imaginação ativa. Com o talento da ilustradora Sabrina Oliveira, o componente criativo foi muito bem explorado. O livro ainda traz detalhes interessantes: um manual de etiqueta para chá da tarde, uma receita da Jaíne Mackievicz (escritora e chef brasileira talentosíssima), e é bilíngue.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as

suas inspirações?

Liege Leopoldo: Escrever histórias para o público infantil é um verdadeiro exercício mental para mim. Amo muitos elementos presentes na literatura infantil: as estruturas textuais, a sonoridade, as referências folclóricas. Tudo isso me desafia a reunir esses elementos em uma história. As parlendas e cantos de roda são uma forte fonte de inspiração. Outra grande influência é o trabalho da britânica Charlotte Mason e os critérios que ela usava para selecionar livros para seus alunos, os chamados "livros vivos". É importante para mim pensar que desejo alcançar esses critérios nos meus textos: um autor apaixonado pelo tema, uma narrativa envolvente e ideias significativas a transmitir.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Liege Leopoldo: No meu livro Uma Coleção de Guarda-Chuvas, as personagens Clara e Ana, após explorarem toda a coleção de guarda-chuvas de Clara, refletem sobre o significado daquela explosão de cores:

“Ana vibrou de tão legal que achou essa história de colecionar guarda-chuvas. Sua amiga acrescentou, dizendo que elas poderiam colecionar muitas outras coisas para os dias de chuva, como brincadeiras para dentro

e, também, fora de casa, comidas deliciosas, bons filmes... foram tantas as ideias que surgiram que elas resolveram pegar lápis e papel para anotar tudo. Afinal, a vida ainda é bonita, mesmo o céu não sendo anil.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Liege Leopoldo: Uma Coleção de Guarda-Chuvas, da Editora Asinha, está disponível nas principais plataformas digitais do Brasil e no exterior, como Amazon e Americanas. Você também pode adquirir exemplares comigo pelo meu Instagram (@liegeleopoldo). O Sabiá que não Sabia Assobiar está disponível através da Coleção Cápsula e é vendido exclusivamente para redes de ensino que adotam o projeto,



que já alcançou quase 15 mil alunos. No site da Editora Casulo, há informações sobre todos os livros que compõem a Coleção Cápsula.

**Conexão Literatura:** Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

**Liege Leopoldo:** Essa é uma pergunta crucial e muito decisiva para o Brasil. Resido nos Estados Unidos há oito anos e vejo o quanto o acesso à leitura e a cultura literária são valorizados. As escolas possuem ótimas bibliotecas, as cidades têm acervos maravilhosos, e o livro é muito mais acessível. Me admira ver como muitas famílias investem em formar bons acervos para seus filhos desde a primeira infância. Há livros, sites e várias iniciativas promovendo leitura. Comparando com os anos em que lecionei no Brasil e com minha atuação atual no campo literário, vejo que temos um longo caminho pela frente. Existem muitas iniciativas brilhantes no país, mas o acesso ao livro não é fácil para a maior parte da população. A leitura é o "arroz com feijão" da educação, e nossas crianças não conseguem ter acesso suficiente. A média de leitura da população diz muito sobre um país. O povo brasileiro é inteligente, criativo e talentoso e o acesso contínuo e sistemático à literatura desde a infância é um passo fundamental para o fortalecimento e o desenvolvimento da nação.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Liege Leopoldo:** Muitos. Há bons textos que "clamam" para sair da gaveta e também projetos digitais para orientar pais e professores sobre o universo da leitura.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Deus em Questão: C.S. Lewis e Freud Debatem Deus, Amor, Sexo e o Sentido da Vida, de Armand M. Nicholi

Um ator ou atriz: Morgan Freeman

Um filme: Um Sonho de Liberdade

Um hobby: Tocar flauta transversal

Um dia especial: Quando tirei minha filha do hospital, depois de cinco meses.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Liege Leopoldo:** Como autora, meu propósito é enriquecer o imaginário infantil, criando livros repletos de conexões e ilustrações de qualidade.



**DIVULGUE O SEU  
LIVRO OU TEXTO NA**



## **Revista Projeto AutoEstima**

**Entrevista: R\$ 180,00**

**Entrevista.** Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

**Texto: R\$ 70,00**

**Poema até 2 páginas, R\$ 70,00**

**Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00**

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

**Contato: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) C/ ELENIR ALVES**

# Entrevista exclusiva com Marcos Borba

POR ADEMIR PASCALE



Marcos Borba - Foto divulgação

Marcos Borba é professor, psicanalista, poeta e no seu segundo livro lançado em novembro desde ano fez sua estreia como cronista pela Editora Viseu. Com sensibilidade, objetividade e delicadeza a obra REFLEXÕES SOBBRE A VIDA E A MORTE convida o leitor a pensar sobre questões existenciais apresentando um olhar de ressignificação diante do sofrimento, da dor e do luto. Partindo da experiência de cuidador durante o tratamento de câncer de sua mãe, o autor consegue com sutileza apresentar reflexões profundas do momento que vivia gerando no leitor uma empatia e solidariedade digna das grandes experiências de transformação que os seres humanos podem viver.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

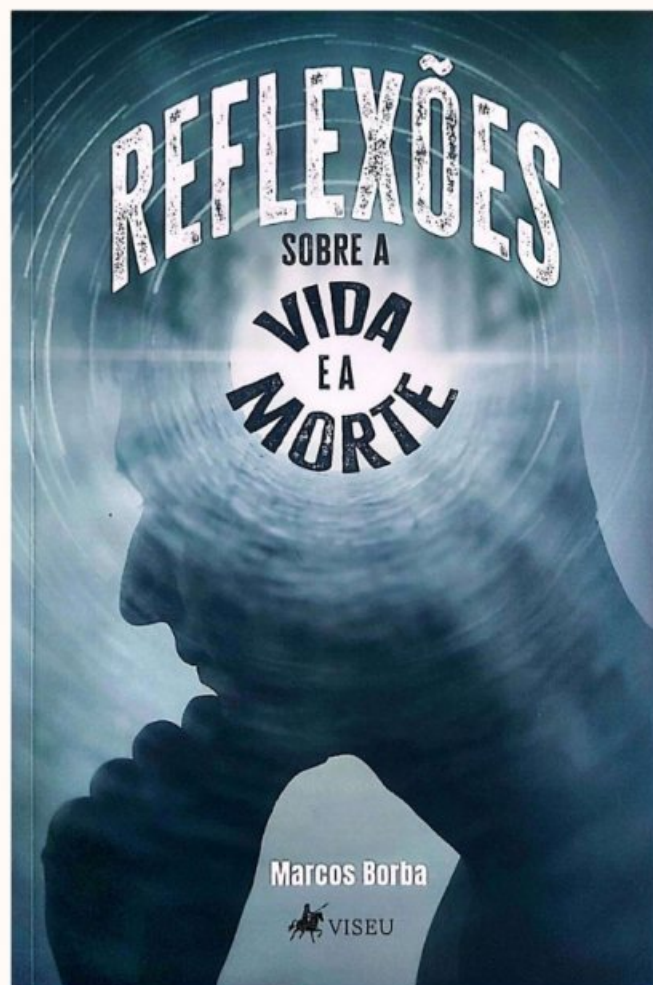
**Marcos Borba:** Em 2005 pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores (CBJE) lancei minha primeira obra com 45 poemas que se chama “O Palco da Vida, Alegoria Frágil”. Lá se

apresentava um Marcos pós-adolescente que encontrou nas palavras uma maneira de vivenciar e fantasiar o mundo que vivia. Desde então, outros poemas e pequenos textos foram escritos de maneira esporádica. 19 anos se passaram até o lançamento da segunda obra e nela podemos perceber um Marcos amadurecido, conciso e sensível que foi sendo modelado pelo tempo, pela filosofia, pela psicanálise e pelas experiências vividas.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro "Reflexões sobre a vida e a morte". Poderia comentar?

**Marcos Borba:** A obra é resultado de um processo único. Em 2018 descobrimos que minha mãe tinha um câncer raro de tireoide e não teria cura. Sempre costumo dizer que começamos uma "guerra" sabendo que iríamos perder. Na verdade, todo o processo, que durou 6 meses, foi uma oportunidade única de me repensar como filho e ser humano e ajudou toda a família a se redesenhar como membros de uma comunidade afetiva.

Minha residência é em São Paulo e meus pais moravam em Joinville/SC. Depois do diagnóstico, pedi licença do trabalho, fechei o apartamento e mudei para Joinville para acompanhar todo o processo. No início recebíamos ajuda de pessoas próximas, mas com o prolongamento do tratamento as



peças seguiram suas vidas e ficamos praticamente sozinhos.

Minha rotina era de casa para o hospital e do hospital para casa. No terceiro mês de tratamento, nas vésperas do Natal comecei a sentir a necessidade de conversar, desabafar, de ter uma válvula de escape, porém a rotina de um hospital e a redução do meu ciclo social (visto que se encontrava em São Paulo) levou-me a escrever. No prefácio começo dizendo “que as palavras me salvaram” e foi isso mesmo.

Comecei a escrever para conseguir suportar a realidade que vivia. Meu pai, irmão, cunhada e sobrinhos



também estavam saturados e buscavam seus meios para passar por tudo e o meio que consegui encontrar foi a escrita. As palavras me ajudaram transcender o que vivia. Foi pensando nos textos de filosofia que li na universidade, principalmente dos filósofos existencialistas e nos de psicanálise, sobretudo Freud e Jung que figurou a minha necessidade de externalizar os sentimentos, ou seja, encontrei na escrita minha válvula.

O conteúdo era a vivência, as conversas, as observações, as insatisfações, os medos, a revolta, a angústia, e esperança, a frustração e a impotência de viver tudo que estava vivendo sem uma perspectiva esperançosa do amanhã. O detalhe ao meu redor, a solidão do presente e a incerteza do futuro me levou a escrever.

No início não tinha pretensão de transformar os escritos em livro. Após o falecimento da mãe precisei de um tempo para me reencontrar, viver o meu luto e deixar no esquecimento tudo que vivi. Sei que esse esquecimento é fictício, mas foi necessário. Quando completou 5 anos de tudo que tinha acontecido, acordei no primeiro dia do mês do falecimento da mãe e pensei: “vou publicar os textos”.

Sem muitos critérios, ou melhor, sem nenhum critério estético e literário enviei para 10 editoras os originais. Um pouco descrédito e sem grandes pretensões, fiquei surpreso quando

06 editoras retornaram com um aval positivo para publicação dos textos. Uma das análises literárias apontou que: “com sensibilidade e poesia o leitor se identifica com a obra pela coragem do autor de fazer de sua fragilidade a grandeza do momento que vivia”.

Conexão Literatura: Como essa obra pretende chegar aos leitores?

Marcos Borba: Diferente de escrever um romance, um poema ou uma ficção, este livro parte da experiência empírica e sensível do que foi se vivendo ao longo de 3 meses. Não existia uma inspiração, uma “iluminação divina” para escrever. O que existia era a fragilidade de um filho que cuidou de sua mãe até os últimos dias da sua vida. Apesar de ambientar as reflexões com temas delicados e espinhosos para muitos, o livro não tem um apelo ao emocional destrutivo, ao contrário, ele serve como estímulo, autoconhecimento e suporte para todos que passam por situações de fragilidades, independentemente da causa geradora.

Outra crítica literária me disse que “este é um livro que não serve apenas para quem teve um familiar com câncer, mas sim, para qualquer pessoa que busca entender a complexidade humana, seus afetos e desafetos através de uma maneira direta e profunda”. A fala desta crítica

me fez perceber que certos temas, mesmo que partam da experiência pessoal são universais. A dor, o amor, o perdão, a compaixão e as necessidades humanas são inerentes a cada pessoa, independente do credo, da condição social ou da cultura que se vive.

Poder reunir os escritos daquela época e apresentá-los em um livro não é apenas um privilégio, mas uma necessidade de dividir com outras pessoas a mais puro e genuíno sentimento. Os textos têm vida própria. Você pode ler na ordem apresenta ou não, reler depois de um tempo e sempre descobrirá uma nova moção, uma nova compreensão, uma nova maneira de se identificar com o que foi lido ou está sendo relido.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Marcos Borba: Não vou destacar um trecho em específico, mas sim, quatro reflexões que apresento no livro, pode ser?

1)Gosto muito da crônica que fala sobre “sentir falta x sentir saudade”. A falta é diferente da saudade e cada uma delas nos impacta de uma maneira. Aprender a preencher as faltas que surgem em nossas vidas, aprender a transformar a saudade em algo bom é essencial para realizarmos uma processo de luto e de superação

de maneira sadia.

2)Outra crônica que apresento é referente aos “vazios”. Quantos vazios possuímos ao longo do nosso existir? O vazio de um amor, de um afeto, de uma amizade, de uma realização, da morte. Cada tipo de vazio nos atinge de uma maneira e nos direciona a uma ou várias necessidades diferentes.

3)“O tempo” que temos, ou que gostaríamos de ter, ou que imaginamos ter. Esse texto fala de maneira delicada como o tempo pode ser libertador ou aprisionador. Tudo dependerá da maneira como vamos vivenciar o tempo presente para não sentirmos a angústia de perder o tempo que nem sabemos direito que possuímos.

4)“A morte nos leva a vida”. Esse tema aparece em algumas crônicas e nos questiona da necessidade de viver. A não imortalidade, a necessidade de controlar o futuro, os traumas do passado... Quantas coisas nos levam a morte e quantas coisas nos impulsionam para vida. Escolher viver para não morrer ou morrer para não viver? A analogia que se apresenta é só um dos exemplos do quão complexo e necessário é pensar e refletir as questões fundamentais do existir humano.

Conexão Literatura: Como analisa a



questão da leitura no Brasil?

Marcos Borba: Somos um país que lê. Quero acreditar nessa premissa. O que me questiono é o que estamos lendo? O que é publicado? Quais tipos de literatura nos é ofertado? Desenvolver um país leitor é de responsabilidade de todos. A família precisa ser leitora, os professores precisam ser leitores, os “influencer” precisam ser leitores. O que quero dizer com isso é que todos nós precisamos ler e ser exemplo de leitores para outros.

Muitos jovens dizem que não gostam de ler. É comum ouvir isso. Quando escuto essa afirmação me questiono que tipo de experiência e influência esses jovens tiveram e têm para dizer que não gostam de ler? Não importa se a leitura é em um livro físico ou na tela de algum aparelho eletrônico, o importante é fazer o jovem (e todos) lerem mais. Ensinar a ter o gosto pela leitura.

Existe uma cultura de elitização dos bens culturais “de qualidade”. Isso é algo que me incomoda profundamente. Repensar o acesso à cultura e aos livros é primordial para o desenvolvimento do nosso país. Não podemos usar as redes sociais como inimiga da literatura. Precisamos aprender estas novas linguagens e usá-las a nosso favor, usá-las como instrumento de identificação e incentivo para a cultura e a leitura.

O estereótipo de que o brasileiro não lê agrada a quem? A quem interessa essa passividade da população a produção literária e cultural nacional? Quem ganha (e perde) com a inacessibilidade das pessoas aos livros e autores nacionais? Quando apenas uma parcela restrita tem acesso a produção cultural e literária dos seus conterrâneos, só aumenta de modo escandaloso a desigualdade intelectual (e social) das pessoas que formam o país. Qual a intenção de incentivarmos (socialmente falando) a produção literária e musical, por

exemplo, de estrangeiros e não proporcionamos o mesmo espaço e visibilidade aos nossos escritores e artistas locais?

Penso que a questão da leitura no Brasil é muito mais abrangente do que falar que brasileiro não conhece Machado de Assis ou Cruz e Souza. É preciso repensar todo o sistema, toda a estrutura, para que tenhamos orgulho da nossa história, dos nossos escritores, dos nossos artistas, da nossa história, de quem produz cultura e literatura brasileira. Muitas vezes um autor brasileiro precisa ser validado lá fora para ser aceito aqui. Isso é muito triste.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Marcos Borba:** A obra REFLEXÕES SOBRE A VIDA E A MORTE pode ser adquirida da seguinte maneira:

**Comercialização do livro impresso:** Amazon, Americanas e Magazine Luiza.

**Comercialização do e-book:** Amazon, Apple, Barnes & Noble (EUA), Google, Kobo, Livraria Cultura e Wook (Portugal).

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Marcos Borba:** Novos projetos já estão a caminho. Um livro de poemas, a publicação da dissertação do mestrado profissional que estou realizando na UFABC em Ensino de Filosofia e mais um livro de reflexões (o tema é surpresa). Gosto de me aventurar por estilos literários diferentes. É algo que me faz bem, me renova, afinal, é pelas palavras que consigo mostrar ao mundo o mundo que existe dentro de mim e os mundos que gosto de imaginar, fantasiar, sublimar.

**Perguntas rápidas:**

**Um livro:** Budapeste, de Chico Buarque.

**Um ator ou atriz:** Tarcísio Meira e Denise Fraga.

**Um filme:** O fabuloso destino de Amélie Poulain e A pele que habito (de Pedro Almodóvar)

**Um hobby:** Caminhar na areia, molhar os pés no mar e sentir a brisa do mar (o cheiro de maresia) no rosto.



Novos vídeos no canal  
**CONEXÃO NERD**



**INSCREVA-SE**

**[www.youtube.com/conexaonerd](http://www.youtube.com/conexaonerd)**

**APRESENTADO POR  
ADEMIR PASCALE**



# Entrevista exclusiva com Renata Feltrin

POR ADEMIR PASCALE



Renata Feltrin - Foto divulgação

Conexão Literatura: Você é autora de duas obras e logo lançará a terceira, nelas são apresentadas experiências vivenciadas por você. Poderia comentar?

Renata Feltrin: Minhas obras são resultado de uma busca incessante por autoconhecimento, coadunando em histórias que se relacionam com minha trajetória e de pessoas próximas, de diversas maneiras. Os livros desafiam os paradigmas existenciais atuais, abordando, por exemplo, a não linearidade do tempo e a acessibilidade a realidades simultâneas. Uma consciência se manifesta em muitos lugares e tempos,

através de inúmeras versões de si mesma. O que se pode perceber em meus escritos, é que acontecimentos existem e deixam de existir em virtude de nossa mudança de concepção e atitude. Nada está pronto ou acabado, tudo sempre pode ser transformado. Não é possível afirmar que os fatos narrados nos livros existiram, pois, sendo o passado ou o futuro um reflexo do agora, podem deixar de existir em qualquer momento.

Conexão Literatura: Desde criança, você tem vivido experiências fora do corpo físico, com o auxílio de seus amparadores. Quem são eles?

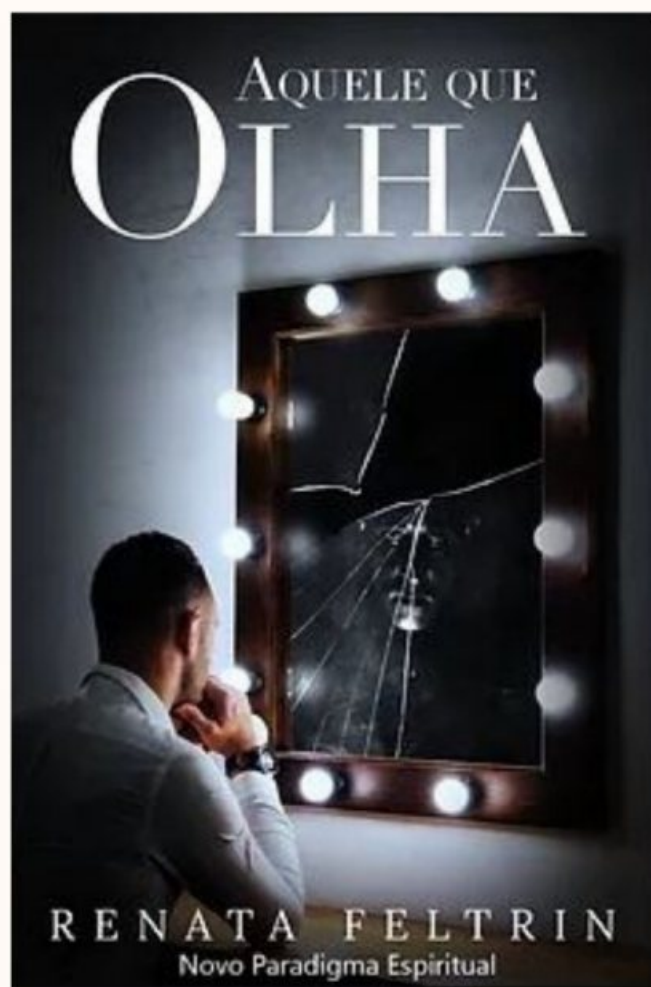
Renata Feltrin: São seres multidimensionais que se manifestam através de diversas versões de suas consciências, e que se conectam comigo em virtude de trajetórias em comum. São grandes amigos de inúmeras existências. Posso citar os coautores de meus livros, Juarez, Anselmo e Thereza como consciências que estão sempre presentes em minha vida e conectadas por propósitos em comum, além de profundo amor.

Conexão Literatura: Como funciona seu processo de criação no momento da escrita?

Renata Feltrin: Minha escrita surge de intensa conexão com seres multidimensionais que compartilham suas histórias em minhas obras. Essas consciências, que vivem em tantos lugares e se manifestam de muitas maneiras, têm uma longa história comigo em tantos espaços e tempos inimagináveis. Ao me concentrar, a fim de escrever uma história, conecto-me com os pensamentos da consciência que me inspira e, juntas, criamos e captamos vivências que estão em nossas memórias além daqui.

Conexão Literatura: Comente sobre a parceria com o autor Klander Stokler Feltrin.

Renata Feltrin: As experiências parapsíquicas são parte da minha vida



desde a infância, assim como o contato com um ser “espiritual” que sempre teve papel fundamental em meu desenvolvimento enquanto ser humano. Ao escrever meu primeiro livro, Ala Saudade – Um lugar perdido no tempo, não imaginei que estaria abrindo um portal para o encontro físico com a dita “alma” que sempre me acompanhou e que me ditava sua biografia. Esse ser multidimensional que se fez presente durante toda minha vida, que contou sua trajetória como Juarez, protagonista de meu primeiro livro, é, na verdade, também uma das versões de meu marido, Klander Stokler Feltrin.



Inegavelmente, ao escrever *Ala Saudade*, em sincronia com Juarez, uma das versões da consciência de meu marido, Klander (situação que só seria compreendida posteriormente), eu vivia o paradigma de que ele era um espírito. um amigo querido, que estava somente nos planos espirituais.

Eu pensava estar separada daquele ser que, então sem corpo, me contaria sua vida passada. Imaginava ser uma captação de uma vida que fora.

Não é assim, a história jamais tem fim, acontece a todo momento, e muda a cada novo olhar. Quando nos situamos

multidimensionalmente, não vivenciamos as cadeias de eventos de uma forma linear, isso nos permite refletir e alterar significativamente nossa trajetória.

Klander e eu somos consciências inseparáveis, que vencemos a morte, nos reencontramos e reconstruímos nossa história.

**Conexão Literatura: Qual é a sua maior missão como autora?**

Renata Feltrin: O meu maior desafio como escritora é desenvolver uma linguagem simples e cativante, destacando vivências e problemas vividos por todos nós. Sem fazer uso de clichês, muito comuns em algumas obras que abordam questões espirituais, ressaltar a possibilidade de alterar a realidade com uma nova visão.

Acredito que a verdadeira arte da escrita reside na capacidade de transmitir emoções, provocar reflexões e despertar questionamentos. Assim, cada palavra que escolho e frase que construo tem o propósito de tocar a alma, de iluminar mentes e de inspirar corações. E, acima de tudo, considero minha missão romper com os ciclos intermináveis de sofrimentos provocados por crenças limitadoras.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para nossos leitores?**



Renata Feltrin: Trecho do livro Aquele que Olha:

“Teu passado, presente e futuro são apenas existências tuas. Saibas quem és vendo teu reflexo em todas as tuas vivências e, se não gostares do que vês, olha novamente, agora de outra maneira.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

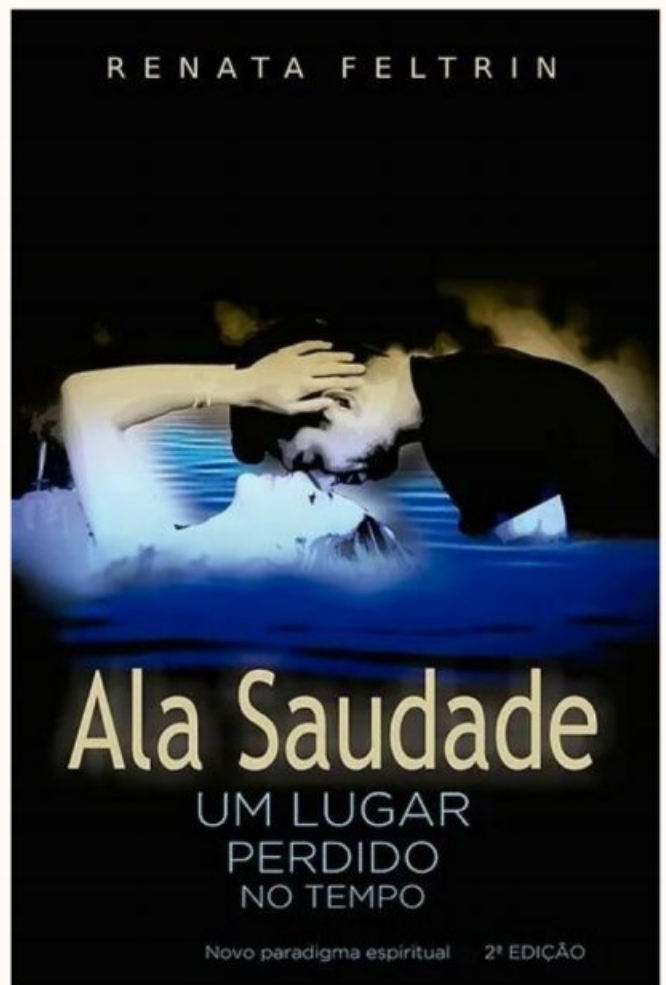
Renata Feltrin: Minhas obras encontram-se disponíveis na Amazon, no Kindle Unlimited e pelo link na bio do meu Instagram: renataeklander\_escritores

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Renata Feltrin: Em abril de 2025 lançarei meu terceiro livro em Leiria, Portugal, através da Editora Mágico de Oz. Meu marido e escritor, Klander Stokler Feltrin, também lançará um livro com a fundamentação do novo paradigma consciencial que propomos em nossas obras. Já estou escrevendo meu quarto livro, que pretendo lançar em 2026, ou, final de 2025.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Universo Autoconsciente – Amit Goswami



Um ator ou atriz: Nicole Kidman Um filme: A Casa dos Espíritos Um hobby: caminhar e meditar

Um dia especial: o dia que iniciei a escrita do meu primeiro livro. Aquele momento alterou toda minha história.

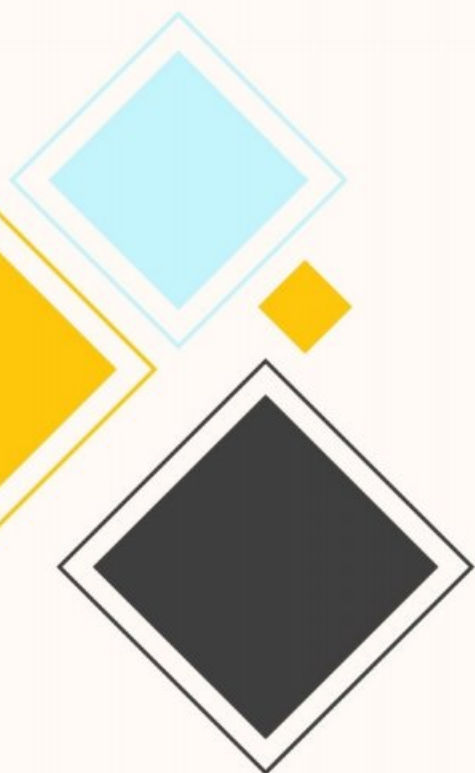
Conexão Literatura: Gostaria de encerrar com mais algum comentário?

Renata Feltrin: A escrita, em minha vida, tornou-se o veículo pelo qual eu compartilho minhas experiências multidimensionais e visão de mundo. Cada livro que crio é um convite para

uma jornada, incentivando os leitores a explorarem além do conhecido.

Não há maior estímulo do que perceber as luzes da curiosidade acendendo-se nos olhos de quem lê, sinalizando que novas perspectivas sobre a vida e nossa capacidade de alterá-la estão sendo consideradas.

Obrigada à Revista Conexão Literatura pela oportunidade de compartilhar um pouco de minha trajetória como escritora.



# Entrevista exclusiva com Rodrigo Marcon

POR ADEMIR PASCALE



Rodrigo Marcon - Foto divulgação

Rodrigo Marcon nasceu em Lages/SC em 1979. Formado em Ciências Sociais pela UNIPLAC, trabalhou durante dez anos na Polícia Civil de Santa Catarina no cargo de Investigador; há doze anos está nos quadros da Polícia Federal como Agente. Já residiu no Amazonas e Rio Grande do Sul, tendo atuado em diversos outros estados da Federação. Pós-graduado em Segurança Pública, publicou seu primeiro livro em 2002. Já teve também diversos contos avulsos publicados on-line e em antologias. Casado com Carine, pai de Maria Eduarda e Marília. É membro efetivo no Moto Clube NACIONAES LEMC.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

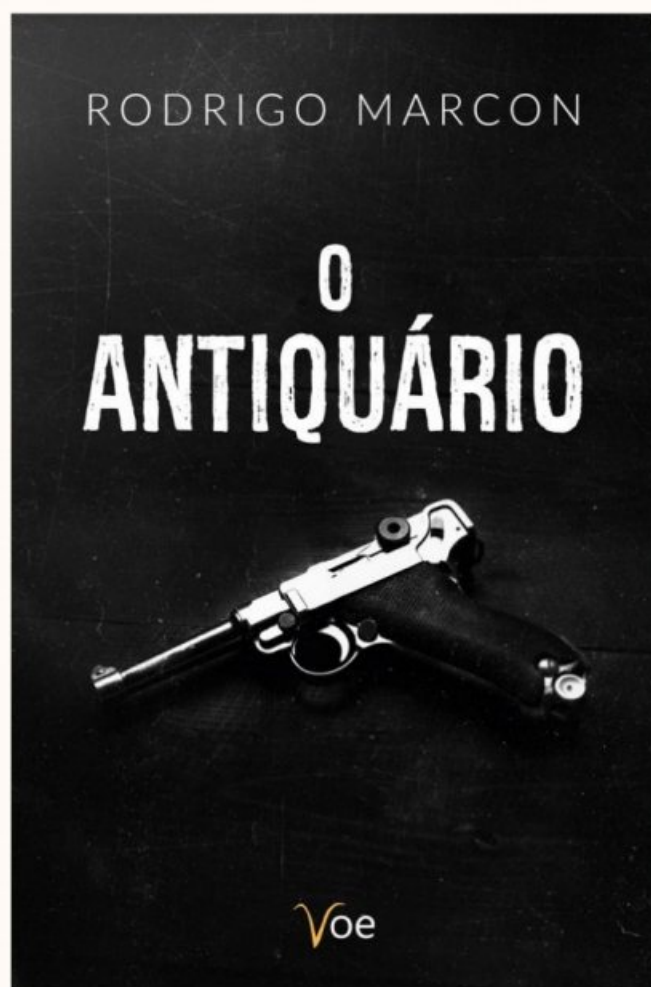
**Rodrigo Marcon:** Comecei a escrever ainda na infância, obviamente que apenas para mim. Acabei sendo alfabetizado no meu primeiro ano escolar, graças à qualidade da instituição católica em que fui matriculado e aos esforços de minha mãe. Depois deste único ano em um colégio particular, acabo indo para o ensino público e a partir de então a leitura passou a ser uma parte essencial da minha vida. Frequentava assiduamente as bibliotecas escolares e passei logo em revista boa parte dos

clássicos infantis da época: Coleção Vaga-Lume da Ed. Ática; Monteiro Lobato, Irmãos Grimm, dentre outros. Já iniciando a adolescência passo para leituras mais sérias como Machado de Assis, Érico Veríssimo, Rubem Fonseca, Jack London, Philip Roth, Hemingway, alguns Russos, dentre outras coisas. Como isso não quero afirmar que fui algum prodígio escolar, pelo contrário, sempre fui um aluno medíocre. A verdade é que, depois que aprendi a ler, a escola me desinteressou quase que totalmente. Quando ingresso no curso de Ciências Sociais, já casado e com filhos, começo a participar de alguns concursos e seleções literárias. Em 2002 foi contemplado em um edital do Estado de Santa Catarina e publico a coletânea de contos “Cinco Movimentos” pela Editora Letras Contemporâneas. Também tive a oportunidade de fazer duas oficinas de criação literária pelo SESC, uma delas com o grande mestre Tabajara Ruas. Também tive alguns trabalhos publicados online e em antologias com outros autores, especialmente contos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O antiquário”. Poderia comentar?

Rodrigo Marcon: O livro “A Antiquário” foi inspirado em uma matéria antiga, de 1994, da Revista Magnum, um periódico nacional sobre tiro, armas

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



de fogo e temas correlatos. A matéria versava sobre uma pistola alemã Parabellum Luger P08 em calibre .45ACP, um objeto bastante raro e valioso, considerado quase que o “graal” dentre os colecionadores de armas. A partir disso, passei a imaginar como um objeto como esse poderia vir parar no Brasil, mais precisamente no interior de Santa Catarina - aproveitando o gancho da colonização europeia de parte do estado - e os personagens envolvidos nessa história. Aliado a isso, também exploro questões legais e de época como o advento da Lei 10.826/03 (Estatuto do Desarmamento), os

primeiros anos do governo Lula, além de aspectos técnicos e históricos relacionados à 2ª Guerra Mundial e ao nazismo. O livro também traz diversas referências ao cinema, literatura e cultura pop dos anos 1970, 1980 e 1990, o que permite com que o leitor possa se identificar com muitos aspectos da trama, seja capaz de sentir certa familiaridade ou mesmo nostalgia. Por fim, acredito que a história tenha ficado bem amarrada, sendo capaz de instigar e suspender o leitor na medida certa, provocando seu imaginário com ilações e possibilidades ao longo da leitura. O feedback tem sido bastante positivo neste sentido até agora.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Rodrigo Marcon: Acredito que não tenha nada de onírico ou sobrenatural, trata-se mais de um processo de reflexão e não ter preguiça de tomar nota das ideias e referências que vão surgindo. Eu gosto de investir naquilo que chamo de “juntar massa crítica”, pesquisando, tomando nota, assistindo a filmes e lendo livros a respeito do que pretendo escrever. Acredito que, se de fato existe algum diferencial no modelo que adoto para produção e criação literária, seriam estes. No que diz respeito à inspiração sou quase um descrente, mas talvez ela seja responsável por, talvez, uns

10% do processo, tipo um “insight”, algo como: “hei, pode haver um boa história nisso aqui” ou “e se as coisas fossem dessa forma, com esses personagens...”. De resto acredito em uma escrita mais livre, mais solta, quase como um fluxo de consciência em certa medida, além de muita pesquisa. Depois disso, análise e revisão profunda do texto, das composições, busca por erros de continuação, fidelidade das locações, construção de personagens verossímeis, cuidado com aspectos históricos e técnicos. A revisão da escrita, ao menos para mim, é essencial e não necessariamente ela deve ocorrer ao término da escrita. Por vezes é necessário um distanciamento temporal para se permitir o amadurecimento da história, e mesmo do autor, para que só então se permitam os ajustes e acertos necessários.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Rodrigo Marcon: O protagonista e narrador anônimo da história tem alguns diálogos bastante interessantes, trata-se de um homem de muitas leituras e certa erudição, condizente com sua profissão como antiquário. Também fica evidenciado que era foi seminarista durante uma fase de sua vida, por conta disso acho significativa sua conversa com um



padre ancião que assiste no asilo onde está seu pai:

– Me permite uma pergunta pessoal, Padre?

– Claro, meu filho, já falei demais. Às noites de sábado me deixam um tanto melancólico.

Eu podia entender. Intimamente devia haver em Padre Nelson a necessidade de conversar com outra pessoa, não na qualidade de religioso, mas como homem, como alguém simplesmente humano, falho e já um tanto decrépito, mas não em busca de perdão ou coisa que o valha.

– Acredita na salvação da sua alma?

Faço a pergunta não por conta do que o senhor acabou de falar, mas por ser algo que vez por outra me questiono, não pela situação que passei recentemente, não é isso. Apenas não me tenho como uma pessoa boa, independentemente das coisas boas ou caridosas que eventualmente faça. É que... se o senhor titubeia, imagina gente como eu.

Padre Nelson apanhou outro cigarro e, enquanto o acendia, fitava o horizonte escuro.

– Acredito que qualquer um que tenha esta certeza já se perdeu, mas isso também pode ser uma forma de presunção e de julgamento da minha parte. O que me permito é a esperança de ter combatido o bom combate e guardado a fé, mas sem ousar a certeza na salvação de que fala São Paulo em sua segunda carta a Timóteo. Não digo isso por excesso de humildade, que também acaba se consubstanciando em vaidade, mas apenas por guardar a certeza de que a santidade não está para mim nem se eu tivesse a graça de poder começar de novo.

Padre Nelson fitou o chão tirando baforadas curtas do cigarro. Era um homem forte para consigo mesmo, feito de uma têmpera que não se encontra facilmente hoje em igrejas, quartéis ou universidades. Toquei seu ombro.

– Foi uma boa conversa, Padre. Daquelas que um homem guarda por uma vida inteira...

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Rodrigo Marcon: O livro está disponível na forma física com envio imediato no site da editora Flyve (<https://www.flyve.com.br/>) e também pode ser obtido em impressão sob demanda ou e-book pela Amazon, lembrando que está disponível também para quem assina o Kindle Unlimited. Maiores informações e link para compras na landing page do livro:

<https://rodrigomarcon.com.br/o-antiquario/>. Quem preferir pode também acompanhar minhas redes sociais onde costumo publicar alguns trabalhos, especialmente microcontos, assim como postar algumas das leituras que venho fazendo: @rodrigomarcon357 (tanto no Instagram quanto no X).

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Rodrigo Marcon: Acredito que tenha havido um incremento na leitura, mas ainda trata-se de um universo limitado em nosso país. Por outro lado, posso estar equivocado por conta da convivência profissional. Sou Policial Federal e, no meu trabalho, especialmente entre aqueles da minha geração, a leitura é um hábito

relativamente comum. Além disso, muita coisa vem sendo publicada ultimamente - o que demonstra que há consumo - e mesmo o processo de publicação ficou mais acessível. No passado recente eram necessárias tiragens mínimas de mil exemplares para o lançamento de um livro, a tecnologia atual permite impressões bem menores ou mesmo sob demanda. E ainda temos os leitores digitais, celulares e tablets para leitura de e-books. No entanto, não vejo um aumento significativo na qualidade literária propriamente. Todos os anos me arrisco com um ou dois autores novos que estejam em maior evidência, até mesmo para me manter "atualizado" com o que está acontecendo, o que está sendo consumido e por quem. O que tenho visto é muita emulação de publicações estrangeiras contemporâneas, especialmente no universo da fantasia, e uma certa insistência em romances melodramáticos com uma pegada plastificada e superficial do sexo e dos relacionamentos. Também tem me assustado a frivolidade e previsibilidade dos personagens, e não se trata apenas dos clichês, mas sim da falta de humanidade e todas as virtudes e vicissitudes que vem junto com ela. Creio ter podido evitar incorrer nesses erros. De qualquer forma, alguém já disse que aprendemos mais com os livros ruins do que com os bons, ao menos no que diz respeito a escrever creio que

assertiva esteja correta.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Rodrigo Marcon: Sempre. Minha pretensão é trabalhar algo no universo sci-fi, alguma coisa próxima de uma distopia, tendo algum lugar aqui no Sul do Brasil como locação. A pandemia e tudo que veio junto com ela ensejou muitos “e se” na minha imaginação, tendo sido uma espécie de experimento social sem precedente recente na história humana; acho que dá pra tirar muita coisa daí. Também temos a questão dos “tecnocratas jurídicos” (na falta de expressão melhor) que vem buscando direcionar a história e regular os demais poderes constituídos, assim como as liberdades individuais, senão com o apoio ao menos com a indiferença de boa parte da sociedade. São questões bastante atuais que tem me instigado mas que, de tão radicais ou absurdas, só vejo como alternativa a abordagem no universo na ficção científica.

Perguntas rápidas:

Um livro: “O Tempo e o Vento” Érico Veríssimo

Um autor: Ernest Hemingway, mas ultimamente tenho lido mais Cormac McCarthy e Michel Houellebecq

Um filme: “Full Metal Jacket” de 1987,

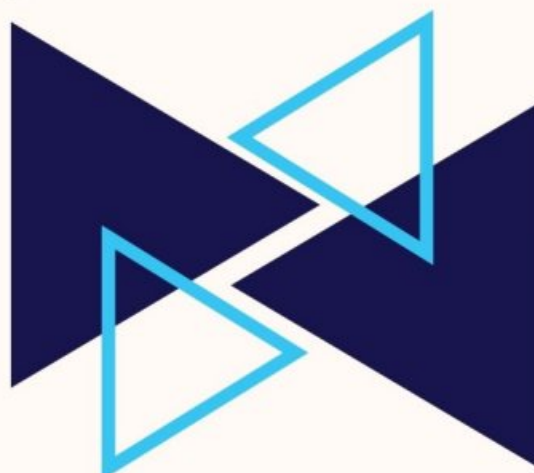
Dir. Stanley Kubrick

Um hobby: Motos e Livros

Um dia especial: o nascimento de minhas filhas.

Conexão Literatura: como tem sido a recepção do livro “O Antiquário”?

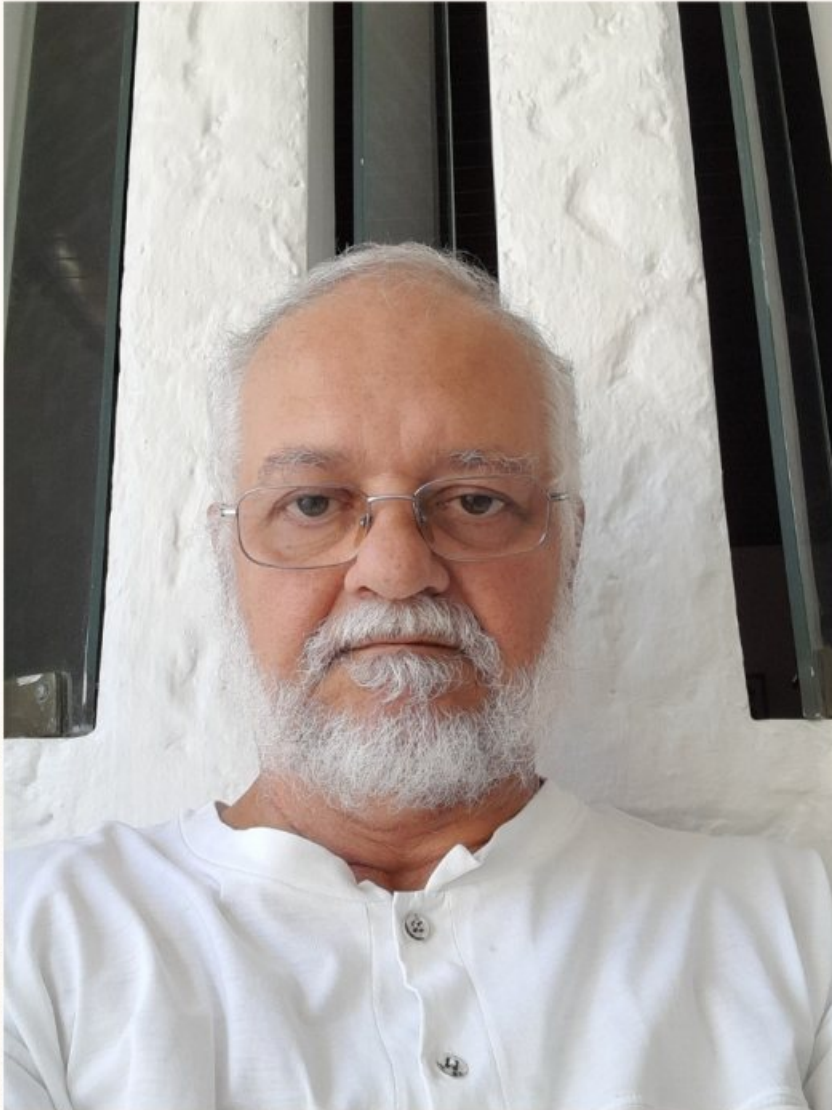
Rodrigo Marcon: O livro tem se saído muito bem, até mesmo acima do esperado visto que explora temas um tanto incomuns como a questão histórica ligada a armas de fogo e tem como locação o interior do estado de Santa Catarina; essa questão foge do lugar comum de manter as locações em grandes centros de cidades conhecidas ou ainda no interior de regiões como o nordeste. Entendo que, em que pese a riqueza da cultura gaúcha, há muito mais a ser explorado na região Sul do Brasil, usos, costumes, geografia, saberes e fazeres capazes de emoldurar e enriquecer qualquer trama bem urdida. Acredito que o livro explora de forma adequada essas características e que elas dão um sabor diferenciado à história. A crítica dos leitores até aqui, que ao fim a ao cabo é o que realmente importa, tem sido bastante positiva.





# Entrevista exclusiva com Antenor de Bayreuth

POR ADEMIR PASCALE



Antenor de Bayreuth - Foto divulgação

## Marcelo Gomes Jorge Feres

nasceu em 6/7/1957, na cidade de Niterói (RJ). Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; licenciado em História na UNICESUMAR, Maringá (PR), em 2019; estudante de Filosofia; publicou 25 livros de conteúdo poético-filosófico e, desde 1987, participa de várias antologias.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Antenor de Bayreuth:** Desde adolescente escrevo. Foi tudo, e continua sendo, como se uma necessidade inabalável de cumprir um destino. Às vezes, sentimos impulsos determinados que fazem de nossos arbítrios meros coadjuvantes. O que vaza e extravasa por dedos é parte de enredos e, atores e poetas, todos somos postos em palcos de desempenhos. O mundo também é o cenário para admiradores de estrelas.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Dioniso em espelhos". Poderia comentar?

Antenor de Bayreuth: O fio condutor de minha vida é esse estar-se de prontidão para surpreender as belezas do “tudo em tudo”. Fim do dia, recosto-me e deixo as músicas preencherem o todo. Aí registro poesias. São rituais de diários que escrevo em forma de aforismos, arrazoados e poemas.

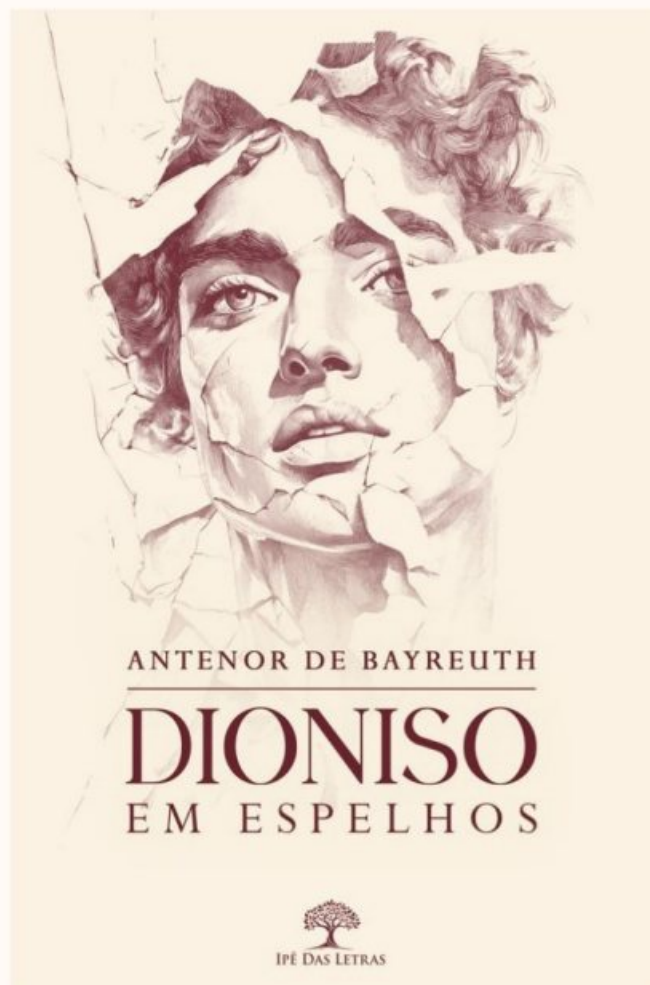
Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Antenor de Bayreuth: Inspiro-me com e no Ser. Ponto e Todo mirando-se reciprocamente em espelhos infindos. O tudo e o nada de mãos dadas patenteiam o Ser que une os opostos, que busca seus sentidos, que sai afora quando deveria tudo buscar adentro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Antenor de Bayreuth:

Estamos a caminho  
Nada estancará agora  
O Ser surgido infinito  
Transporá a si adentro  
Subirá a céus derradeiros  
Despenará em terras alheias  
Será príncipe de muitos reinos  
A todos deixará por satisfeito



Renascera quase inteiriço  
Reunirá seus pedacinhos  
Comporá Universos plenos  
Ascenderá a seus avessos  
Será Arcanjo de luzes coloridas  
Arderá em ser de muitas fogueiras  
Despertará em todos novos dias  
Dormirá em seus silêncios

\*

“Dioniso em Espelhos”, como se um possível mero reflexo do Absoluto de Hegel, que, Sozinho, Infnitizou-se todo adentro, e recriando – aí, sim – imaginários universos infndos em um lá fora inexistente, pois que tudo está adentro, e reelaborando as filosofias

monistas que, sob várias denominações, e em vestes de religiões, ciências e doutrinas, deságuam nas vertentes da Poesia – a única capaz de tal reelaboração dos múltiplos infindos em cada só e todo despedaçado pedacinho. E, assim, quando o tudo em tudo, os ventos de poemas que, soprando os grãos de areias de letras, formatando palavras inteiras, em fatas morganas de paraísos a deriva, apontam para nós mesmos em espelhos, viandantes dos mundos aos avessos, vendo-nos, então, em Espelhos de Dioniso e de Hegel, mas já como se um Apolo refeito e refletido, ao fim dos caminhos terrenos de despedaçamentos e de poeiras soltas, e também sozinhas, mas que então só agora, e só assim, livres, em imanes e eternos ventos.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Antenor de Bayreuth:

Estamos em retrocesso. As tecnologias e inteligências artificiais retiram muitas das motivações de conquistas pessoais, e as precariedades objetivas da Matéria afastam das subjetividades enriquecedoras das magias, metafísicas e redescobertas do espírito.

Conexão Literatura: Como o leitor

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Antenor de Bayreuth: estará à venda em breve nos sites associados à Editora Ipê das Letras. Querendo trocar impressões acerca de impressões derivadas dos meus escritos, é só me contactar pelo e-mail:

[marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com](mailto:marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com)

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Antenor de Bayreuth: Sim, já há alguns anos, escrevo e publico dois livros por ano. No momento, estou escrevendo o livro Pelos poros dos ventos.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Livro dos Espíritos de Allan Kardec

Um ator ou atriz: Nicole Kidman

Um filme: O Labirinto do Fauno

Um hobby: Ler e escrever

Um dia especial: todo dia o é

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Antenor de Bayreuth: O mundo está cansado. Roda e roda e gira há milênios, em busca dos seus sentidos. Não os encontra nas matérias putrefatas. Quando buscará o Espírito?



# Entrevista exclusiva com Henrique Medeiros Sérgio

Escritor e Ilustrador do Livro: “Aquiência – Consentir ou não Consentir?”



Henrique Medeiros Sérgio - Foto: Fotógrafo do Evento

Conexão Literatura: Você está produzindo o projeto “Caixas de Coisas – Uma Jornada na Praia de Lustrina”. Poderia comentar?

Henrique Medeiros Sérgio: O livro “Caixa de Coisas – Uma Jornada na Praia de Lustrina” irá reunir histórias de pessoas e propõe uma mistura entre realidade e fantasia – uma espécie de “adstringência mental”, como gosto de chamar. A ideia é que, ao se imaginar na Ilha de Lustrina, a pessoa não apenas contemple a beleza ao seu redor, mas também faça uma viagem interior. Ao explorar suas “Caixas”, o autor do texto é convidado a resgatar memórias felizes e refletir sobre aquilo que não foi tão bom.

A missão de cada autor é trazer à tona, de maneira lúdica, o que o incomoda e desapegar-se disso, depositando esses sentimentos ou experiências em uma ou mais caixas. Essas caixas simbolizam o descarte ou a eliminação de

cargas emocionais. Dentro da narrativa, o personagem conduz suas caixas até uma pedra localizada na praia, onde ocorre o ato simbólico de entrega.

Neste cenário deslumbrante, sentimos a pulsação da vida em cada grão de areia e em cada gota de água salgada. A Praia da Lustrina é um convite ao autoconhecimento e à cura, um lugar que nos lembra da importância de deixar para trás o que já não nos serve, abrindo espaço para novas possibilidades.

No coração desse paraíso, encontra-se a enigmática pedra entre as palmeiras da praia. Ela não é apenas um marco físico, mas também um relicário de histórias e mistérios que atravessam gerações. Sua superfície rugosa, adornada por musgos que se alojam em suas fendas, parece acolher os segredos daqueles que a procuram.

Os habitantes locais acreditam que a pedra é um portal entre o mundo material e o espiritual. Segundo a tradição, ao depositar “Caixas de Coisas” contendo dores, medos ou arrependimentos em uma abertura de 30 cm por 30 cm na pedra, as pessoas realizam um ato de desprendimento e transformação. A mágoa, ao ser deixada na caixa, é transmutada em leveza, e a pedra assume o papel de guardiã dessas intenções.

Mais do que um objeto físico, a pedra representa um elo entre o passado e o



presente, uma guardiã das esperanças e um escudo para aqueles que enfrentam seus próprios fantasmas. Ela nos ensina que o caminho da renovação começa com a coragem de soltar o que já não faz parte de nós, permitindo que o novo floresça.

Conexão Literatura: Como o autor irá produzir suas “Caixas de Coisas” e qual a importância delas na narrativa?

Henrique Medeiros Sérgio: A ideia de criar “Caixas de Coisas”, sejam elas físicas ou imaginárias, foi inicialmente apresentada por mim no livro *Aquiescência*, lançado em dezembro de 2024. Lá, proponho:

“Tenha suas caixas e ouça essa proposta: em umas, coloque as coisas boas, deixando-as livres, sem amarras. Em outras, coloque as coisas ruins; para essas, é preciso adstringir.



Ninguém sabe ao certo onde tudo começa,  
**Certas coisas! Coisas certas!!**  
 Depois vão dando  
 espaço para tantas outras caixas de coisas.  
**O que tem nelas?**  
 Muitas coisas.  
 De Certas coisas!  
 De coisas certas!  
 Segredos? Lembranças?  
 Sonhos? Guardados?  
 Protegidos? Esquecidos?  
 Arquivados? Quinquilharias?  
 Nem sei!

Vasculhe e faça um passeio pelas relações de amizades, amorosas ou até mesmo aquelas casuais. Faça uma faxina. Arrume uma caixa e coloque dentro as palavras e as línguas ferinas, embrulhadas em lustrina. Abrir essa? Jamais.” (Aquiência – Consentir ou Não Consentir? Henrique Medeiros Sérgio, 2024, p. 23)

Embora não seja uma regra, acredito que o descarte das “Caixas de Coisas” por cada autor levará à Ilha de Lustrina as “Caixas de Coisas – Certas Coisas”, um reflexo das experiências e sentimentos que cada um decide libertar.

**Conexão Literatura:** Como o autor poderá participar?

**Henrique Medeiros Sérgio:** As narrativas de cada autor devem ter até 10 páginas (tamanho A4), utilizando fonte 15 e espaçamento 1,5. Cada história contará com 3

ilustrações do cenário da praia.



**Conexão Literatura:** Você considera esse projeto uma antologia?

**Henrique Medeiros Sérgio:** Sim, mas prefiro chamá-lo carinhosamente de “Coleção Caixas de Coisas – Certas Coisas! Coisas Certas”. Isso porque cada autor terá sua história publicada

em volume separado, podendo utilizá-la da forma que considerar melhor, seja para postar nas redes sociais, disponibilizar em plataformas digitais ou até realizar palestras sobre a obra.

**Conexão Literatura:** Qual o diferencial deste projeto em relação às antologias tradicionais?

**Henrique Medeiros Sérgio:** A principal diferença está na proposta de uma "adstringência mental". Além disso, o projeto oferece aos autores a oportunidade de uma consultoria comigo para o desenvolvimento do conto. Durante essa consultoria, não apenas a narrativa será analisada, mas também o significado e o impacto do que será "depositado na caixa".

**Conexão Literatura:** O que esse projeto pode contribuir para saúde mental de quem escreve ou lê?

**Henrique Medeiros Sérgio:** A pandemia de COVID-19 aumentou em 25% os casos de ansiedade e depressão em todo o mundo durante o primeiro ano, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Dados de 2023 indicam que o Brasil lidera o ranking global de ansiedade, com 26,8% da população já diagnosticada com a doença.

Nesse contexto, a proposta de guardar "coisas em caixas" oferece uma oportunidade para autores e leitores refletirem sobre suas



angústias, memórias, aprendizados e experiências únicas. Essas narrativas podem se transformar em inspiração e apoio para quem busca se reencontrar, se reerguer e voltar a sonhar.

Não é a primeira vez que utilizo essa abordagem. Em 2020, publiquei o livro-reportagem ilustrado "Pleníssimas: Deixamos a Tristeza pra Lá", no qual entrevistei 14 mulheres que compartilharam suas histórias, enriquecendo a obra com contribuições valiosas. O retorno dos leitores foi extremamente positivo, evidenciando o impacto transformador que essas narrativas podem ter.

Certamente, Caixas de Coisas apresentará uma obra rica e inspiradora, com grande potencial para ajudar outras pessoas a se reconectarem com suas próprias histórias.

## Conexão Literatura: Quais são as vantagens de participar do projeto?

Henrique Medeiros Sérgio:

- Consultoria individual para o desenvolvimento do conto;
- Texto publicado em livro individual;
- Três ilustrações do cenário da praia ou da praia com caixas;
- Um volume único com todos os textos acompanhados de análises das narrativas apresentadas;
- Entrevista exclusiva no Podcast Exame Minucioso para falar sobre o conto do autor;
- Participação e citação dos autores em matéria publicada em revista especializada em literatura;
- Texto disponível em formato .epub;
- Diagramação em formato 20 cm x 20 cm, ideal para publicação nas redes sociais.

Qual o valor para participação?

- Leitores e Escritores: R\$ 550,00 (Pix ou Cartão)

Até quando será a participação? -

O prazo final previsto é 15 março de 2025

Existe uma previsão de lançamento?

Dia 27 de abril de 2025







### Presente para os leitores:

"Neste fim de ano, estou presenteando os leitores com um modelo de 'Caixa de Coisas' para reflexão. Essa caixa é versátil: nela, você pode guardar algo concreto, realizar uma faxina mental ou registrar uma escrita, transformando-a em uma verdadeira cápsula do tempo. Se quiser compartilhar o que colocou na sua caixa, escreva para [henriquemedeirossergio@gmail.com](mailto:henriquemedeirossergio@gmail.com). Terei o maior prazer em responder.

Feliz 2025!

@HenriqueMedeirosSergio"

# Entrevista exclusiva com Rosamares da Maia

POR ADEMIR PASCALE

Rosamares - Foto divulgação



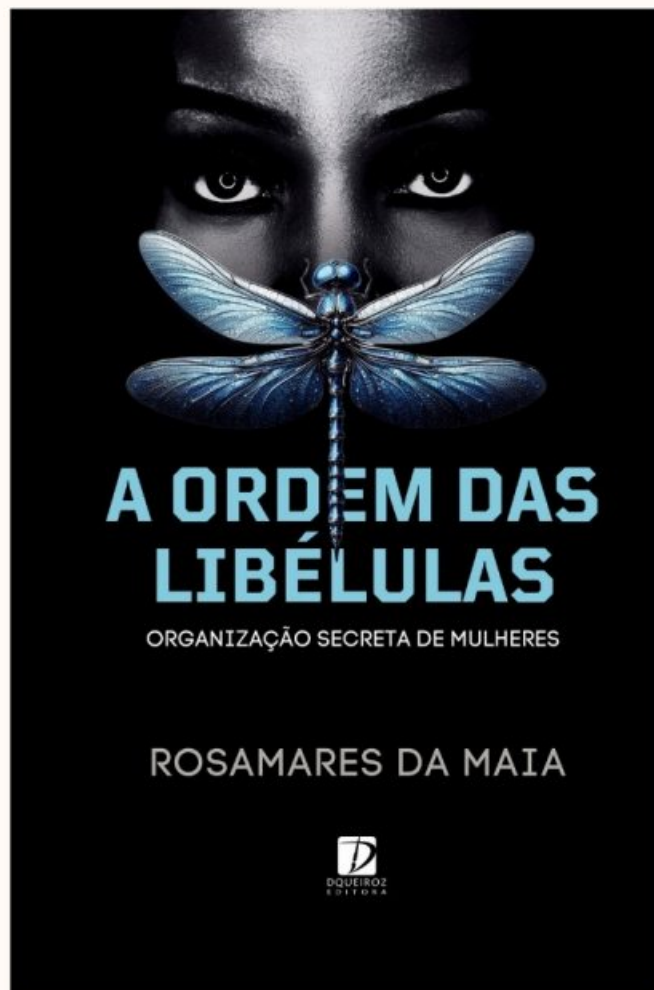
Rosamares da Maia, nascida em Pendotiba, Niterói - RJ é Bacharel em Direito, com Pós-Graduação na área do Conhecimento Humano, autora de contos, crônicas, poemas, infanto-juvenis, com a Ed. Scortecci/ Bienal 2024- SP As Miscelâneas do Caldeirão da Bruxa, com a Ed. Andross. Finalista no Prêmio Strix-anos 2020/21/22. Com a Ed. Litteris: Ludmila a Lagartinha Maratonista, As Aventuras de um Barquinho de Papel, Retalhos de Vida, Amores Cores e Sabores, Haicais à Brasileira e Tempo de Contradições, Contos: Não Sei se Devo, Mas Vou CONTAR. Certificada pela Revista Conexão Literatura, por participação em Antologias. Coletâneas Selo OF FLIP, em 2020/21/22/23.com a D. Queiroz Ed. Literárias, em 2024, Poemas Tortos e A Ordem da Libélula.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Rosamares:** A minha iniciação no meio literário deu-se como leitor. Tão logo

começamos, eu e meu irmão, a compreender os textos que liamos, o meu pai, passou a nos “municiar” com gibis, revistas em quadrinhos da nossa época de infância e logo foram chegando os livros, ganhamos em um Natal, uma coleção contendo 10 livros infantis, Coleção Madrigal. Os livros iam de Um lanque na Corte do Rei Artur (Mark Twain) a Pinóquio (Carlo Collodi), dentre outros, depois Monteiro Lobato e um mundo de autores e histórias. Ler para nós não era uma obrigação, mas um prazer. Crescemos em uma época em que as escolas introduziam livros como atividades curriculares, muito além do “ler para fazer provas”, eram atividade lúdicas. Não haviam tecnologias de mídias, computadores, tablets ou celulares, tínhamos livros e com eles a possibilidade de viajar em suas histórias.

Comecei a escrever redações nas aulas de português e com a leitura veio a facilidade nas argumentações dos textos. Participei de inúmeros concursos escolares de redação, ganhei alguns, aprendi a contar histórias, primeiro através das poesias, a primeira que escrevi, aos 12 anos de idade, foi para a minha mãe que era Catarinense, e chamava-se “Saudades do Sul”, era um soneto cuja a última estrofe diz: Que dor se apodera do meu peito / Ai! Minha boa terra de céu azul / É uma coisa estranha e sem jeito / Ai um Deus! Que saudades do sul. Herdei de avó



portuguesa a boca tagarela e a imaginação para criar histórias. Sonhava com elas, escrevia, mas, ficavam nas gavetas e/ou nas rodas de conversa, até que um dia, contei uma delas para o David Queirós de Oliveira, que na época, fazia um trabalho de ilustração para os projetos da empresa em que trabalho. Enquanto eu contava a história da Pita Pitanga e a Abóbora Moranga, ele embarcava no meu sonho e rabiscava em papel, com lápis os personagens, .... E aí, tudo começou, nasceu o primeiro dos 12 livros que tenho publicados hoje.

Conexão Literatura: Você é autora do

livro “A Ordem das Libélulas – Organização Secreta de Mulheres”. Poderia comentar?

Rosamares : A Ordem da Libélula – Organização Secreta de Mulheres, é uma ficção criada para falar de uma realidade de violência existente num mundo corporativo, que é misógino, racista, sexista, etarista, homofóbico, dentre outras coisas, e que poucos conseguem vislumbrar a partir da expectativa de segmentos empresariais, pois as pessoas consideram que a violência contra os mais vulneráveis, acontecem somente a partir dos relacionamentos informais da sociedade, principalmente entre os segmentos mais pobres, e que em um mundo regido por regras trabalhistas, isto não acontece e por isso é minimizado, - doce ilusão, pois a própria regra é permissiva, se não fosse, não haveria a discrepância salarial entre homens e mulheres para uma mesma atividade, mas, esse é apenas um sintoma.

A história é uma catarse emocional, que pontua a capacidade de se indignar diante de uma vivência real. É um apelo para que as pessoas não percam esta capacidade, para que elas, protestem, denunciem e façam movimentos para mudar a vida de seus semelhantes e, mesmo que não concordem com a ficção, que se utiliza de métodos pouco ortodoxo para promover o “equilíbrio da balança”, não deixem de ler e refletir sobre o

que se vive neste mundo corporativo, que parece apartado desse tipo de desvio de conduta.

Há um compromisso também, em demonstrar estatisticamente os índices da violência no Brasil, com dados trazidos do Anuário de Segurança Pública, até agosto de 2023, que contem, por exemplo, dados sobre crianças vítimas de estupros, algo aterrador. Trazemos ainda, um quadro que chamei de NÃO SE CALE! PEÇA SOCORRO, que contém os números de telefone e endereços para que as pessoas possam buscar a proteção e o amparo legal.

Devo lembrar que A Ordem da Libélula, não é um livro sexista e/ou feminista – Mulheres contra homens, absolutamente, mas, é um grito de revolta, um pedido de socorro em nome de muitos vulneráveis, é um pedido de insurgência contra comportamentos absurdos, deploráveis em pleno século XXI, a era da AI (Inteligência Artificial), homens continuam matando e estuprando mulheres e crianças.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Rosamares: Normalmente o meu insight é precedido de uma inquietação, como uma água que vai aquecendo antes de ferver, e quando ferve, ela tem princípio meio e fim, dificilmente eu começo a escrever



uma história em que eu não saiba onde quero chegar. Muitas vezes já levantei durante a madrugada para escrever. Já escrevi em pé na cômoda do quarto, fazendo o roteiro do que escreveria no conto ou versos de um poema. O que me inspira é o viver e os seus desdobramentos, as situações que me apontam que ali existe uma possibilidade de história para além dos olhos, por exemplo: Escrevi um poema de nome Acácia do Ténéré, baseado na história real de uma árvore de acácia que vivia há mais de 200 anos na Região do Ténéré, Deserto do Níger, sendo a única árvore sobrevivente, num raio de mais

de 300km, essa árvore, serviu de “bússola” para as caravanas, o povo do deserto a venerava, suas ramas não foram pasto para nenhum animal, no entanto ela foi atropelada duas vezes, uma por um corredor do Rali Paris X Dakar e sobreviveu, e segunda vez, fatalmente atingida, por um bêbado ao volante - no Deserto! A capacidade de destruição do homem me inspira e me causa perplexidade.

Sou como a acácia do Ténéré /  
Solitária no deserto inclemente. /  
Olhos postos no impiedoso céu,  
/Resistindo ao passar dos séculos.  
(Primeira estrofe)

Atualmente lendo sobre a Fortaleza de Santa Cruz da Barra em Jurujuba – Niterói-RJ, palco de riquíssima história do Brasil, assim como de lendas fantásticas, comecei a escrever um conto sobre as pedras que choram em determinada data, e que ficam localizadas por de trás da Capela de Santa Barbara. O local segundo reza a lenda foi palco de uma triste história de um amor proibido.

A inspiração muitas vezes subverte a verdade, para contar de forma mais palatável, mas gosto de história com um bom trabalho de pesquisa e viés ancorado na realidade, principalmente se ela tem questões sociais pungentes, denúncias, causas necessárias. A Ordem da Libélula é um destes casos onde a inspiração cria todo um pano de fundo, mas não se

descola do propósito maior que é o repúdio à violência de todas as formas, sofridas por mulheres, crianças e demais pessoas em situação de vulnerabilidade, trazendo inclusive dados estatísticos do Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

Certamente viver, ver e tentar traduzir o sentimento que a grandiosidade da vida causa é a minha fonte de inspiração.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Rosameres: Trecho do Livro a Ordem da Libélula. (Diálogo entre o Delegado Hamilton e a Delegada Adjunta Dra. Renata.)

“.... Neste exato momento ele explodia e sapateava no seu gabinete da DP de Homicídios da Região Leste do Estado.

- Ora Dra. Renata! Isto lá são horas das suas conclusões de “bolinhos de bacalhau”?

- Estes cretinos estão caindo como moscas nos meus jardins. São sete desde o Paducian. Todos em lugares inofensivos. Jardins, parques e até em floriculturas. Sete homens

mortos, um para cada dia da semana e a Dra. concluiu que há uma “mulher aranha” matando todos eles? Está faltando uma teia também, não acha? - Bolinho, só bolinho!

- Dr. Hamilton, quantas mulheres foram vítimas destes crimes misteriosos? Casos de envenenamento claramente, mas para o qual não se acha um fio condutor?

- Cuidado porque se a Dra. achar vai levar choque! - Nem sabemos se na realidade há crime.

- Mas quanto aos locais, o Dr. Não acha que há uma estranha coincidência? No mínimo é inusitado.

- Dra. Renata, eu não sou pago para achar e sim para comprovar através das evidencias. ...”

No trecho destacado fica caracterizada a relação desrespeitosa do titular da Delegacia de Homicídios, com os seus subordinados, principalmente com as funcionárias.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Rosameres: Existem diferentes aspectos de contextualização da questão da leitura e do leitor no País: Primeiro, a qualidade da educação, principalmente da educação pública, que não me parece ter o foco voltado para priorizar a formação do leitor, atualizado o projeto pedagógico literário, para o aluno em suas várias etapas do processo de aprendizagem e voltado para as regionalidades. O aluno acontece como leitor nas grandes Feiras Literária, as Bienais, com incentivo público para a aquisição de livros. São comprados os livros e escritores da moda (nada contra) e,

nos pós eventos, nada se sabe, nada se avalia e nada se repercute, pelo menos publicamente, sobre o projeto pedagógico, alvo do investimento público (ai, nada a favor). Quanto aos alunos da rede privada, nada se sabe mesmo.

Muito embora a mídia volta e meia, fale de projetos fantásticos de leitura, financiados por empresas, grande parte tem o seu momento midiático e depois são pulverizados sem consolidação de resultados. A formação do leitor é ato perene, desenvolve necessidade de alimentação e de construir visão crítica.

Outro aspecto é o custo – no Brasil o livro é caro, dificultando o acesso, principalmente das populações com rendas menores, não há incentivo à cultura das bibliotecas públicas, próximas, nos bairros e até itinerantes. O livro também é muito caro para os autores, desconhecidos, aqueles que necessitam correr atrás dos seus sonhos de publicar e por isto, ficam à mercê do mercado editorial de médio e pequeno porte, que só se propõe a publicá-los, mediante o total custeio das obras pelo próprio autor, com lucros assegurados a editora. Ok. Afinal de contas é um negócio, mas, estes livros quando são colocados à venda no mercado tornam a gerar lucro para a editora e também para loja vendedora e o autor fica com a parcela mínima sobre o que conseguir vender. É muito difícil vender, pois há

um investimento pífio ou nenhum em mídia divulgando a obra. É preciso quem se diga também, que há uma necessidade enorme de sorte, não é uma questão de talento ou de qualidade. Não! É questão de sorte ou do famoso QI – quem indique – para que um novo autor possa chegar as grandes editoras. Conheço projetos que por anos ficam sem qualquer resposta e na grande maioria das vezes, nem são analisados. Sob esta ótica a leitura é a maior prejudicada, uma vez que está em segundo plano, pois ninguém lê o que não conhece, nunca ouviu falar. Nos últimos três anos constatou-se através de pesquisas um decréscimo de 30% de leitores.

Felizmente, tenho a oportunidade de trabalhar, hoje, com ótimos editores, trabalho com pessoas que me são muito queridas e que tem me ensinado a trabalhar. Vendo pouco, mas não me sinto enganada.

As mídias digitais têm lá o seu efeito sobre o leitor, mas, ao mesmo tempo que ela coloca uma quantidade enorme de informações e possibilidades para a leitura e o leitor, eu particularmente, acho que elas não superam o fascínio de um livro físico, ainda não, até porque a variedade é tanta, que a qualidade de uma boa parcela é duvidosa. Minha outra teoria é que a utilização de uma mídia eletrônica é necessária e indispensável, nos dias atuais, mas, a sua utilização é sempre um momento

tenso e não de relaxamento, como é o livro. Mesmo o livro mais denso e carregado de simbolismos e conceitos, trará ao leitor uma catarse emocional, uma imersão totalmente desligada das tomadas e da eletricidade e das urgências das realidades virtuais.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Rosamares:** A Ordem da Libélula – Organização Secreta de Mulheres, e o livro Poemas Tortos, podem ser adquiridos, na loja da D. Queiroz Edições Literárias / [www.dqueiroz-edicoesliterarias.com](http://www.dqueiroz-edicoesliterarias.com)

Para saber sobre o meu trabalho e publicações em editoras como a Litteris Editora e a Editora Scortecci podem acessar o Instagram: [maia\\_rosamaria](https://www.instagram.com/maia_rosamaria) e/ou o FaceBook: Rosa Maria Maia (Rosamares da Maia).

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Rosamares:** Sim, tenho alguns projetos em andamento para o ano de 2025, pelo menos dois livros mais, pretendo que estejam finalizados para a publicação, um conto e um de poesias, mas, há também, dois livros infantis, que são a continuação de As Aventuras de Um Barquinho de Papel,

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



prontos aguardando pela ilustração e orçamento para publicação.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Os Meninos da Rua Paulo (Ferenc Molnár)

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro e Anthony Hopkins

Um filme: Ensaio sobre a Cegueira (Baseado no livro de José Saramago)

Um hobby: Trabalhos Manuais (Bordado/ Crochê/ Macramê/ Costura)

Um dia especial: 30/09/1987 – quarta-feira (nascimento do meu filho).

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?



Rosamares: Gosto muito do projeto executado pela Revista Conexão Literatura, que dá oportunidade a publicação de novos autores, divulgando os seus trabalhos, de forma justa, tranquila, respeitando o texto do autor, gosto ainda do implemento cultural, do reforço nos conceitos de ortografia, com preciosas dicas para o uso correto da língua portuguesa, que é extremamente difícil, mas linda e doce e onde temos muitas palavras para um único objeto, situação ou fato. Complicada e maravilhosa. Gosto também, dos artigos e entrevistas; Da forma independente e leve como a Conexão Literatura chega ao público, pois realmente cria uma conexão. Muito obrigado pela oportunidade de divulgar o meu trabalho e parabéns a Revista Conexão Literatura pela qualidade de tudo que vocês têm feito em prol da literatura.



# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



## Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



## Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



## Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

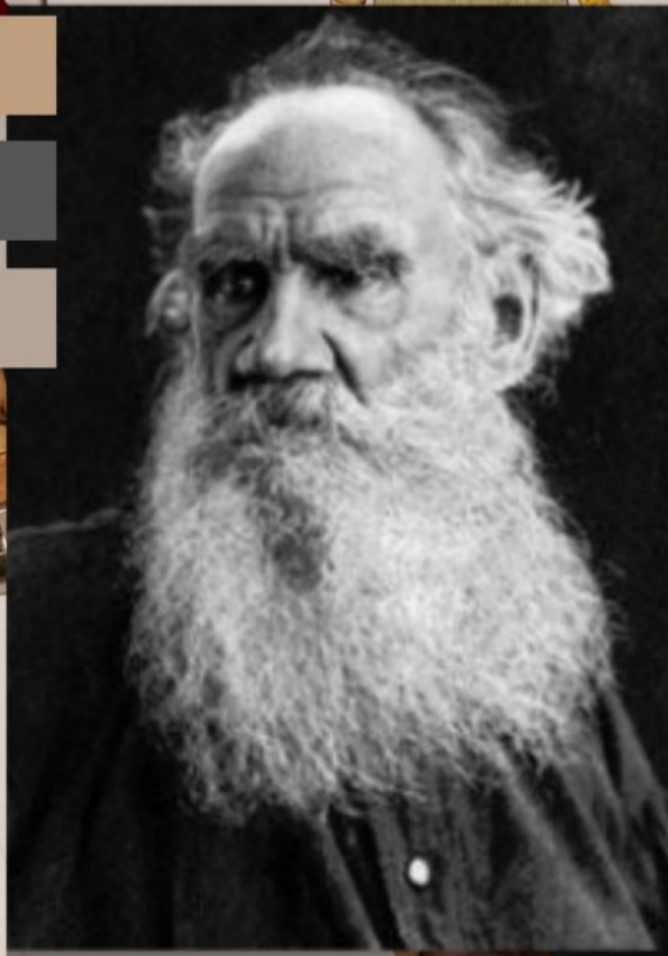
Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



## Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



citações  
 de grandes  
 autores

Revista  
 Conexão Literatura


lock(6)  
Fina Naackling

inspired by  
Russian costume sarapan  
1858



“A arte é um dos meios  
que une os homens.”

LEON TOLSTÓI



“O sofrimento acompanha sempre uma inteligência elevada e um coração profundo. Os homens verdadeiramente grandes devem, parece-me, experimentar uma grande tristeza.”

**FIÓDOR DOSTOIÉVSKI**



Ademir Pascale - Editor



participe das nossas

# Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais  
CLIQUE AQUI

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



POR MÍ SANTIAGO

# ESPERANÇA

**A**pós retornar de um mês de férias, me juntei a uns amigos da Brigada de Incêndio da empresa e partimos para o Pantanal na ânsia e na glória de podermos voluntariamente somar esforços junto a brigadistas e Corpo de Bombeiros, que lutam de todas as maneiras e métodos para conter os focos de incêndio, que se alastram com total naturalidade pelo Centro-Oeste afora.

Com temporada de seca histórica, mudanças climáticas e desmatamento crescente em outros biomas, como a Amazônia e o Cerrado, o estado no Pantanal tornou-se alarmante e terrível por tanta destruição da flora, fauna e da perspectiva de vida de comunidades como a ribeirinha.

E foi com espírito de fazer o bem e de salvar o que for possível que o grupo — eu, Valentina, Rodolfo, Carlos Eduardo, João Claudio e Helder — partimos para a nossa maior aventura: a da esperança em trazer a vida pós-destruição e devolver à natureza o que lhe foi roubado.

Nem mal chegamos a um dos pontos e uma labareda se formou a nosso redor.

— Rápido, gritou o coordenador das ações do grupo a que nos juntamos, vamos acabar com esse foco imediatamente, não deixemos que se alastre, peguem os abafadores que eu e outros voluntários iremos puxar a mangueira — grita Renato, como não deu tempo para apresentações, vi o nome dele costurado no uniforme.

E assim a equipe conseguiu extinguir o foco. Logo imaginei o que mais teria por vir, pois uma coisa é você acompanhar o que está acontecendo por meio de noticiários, internet e outra é sentir na pele todo ardor do calor das queimadas, da secura do local, da umidade e da fumaça que sufoca a respiração e a alma. E pensar que todo esse sofrimento poderia ser evitado com leis firmes, com fiscalizações constantes contra o desmatamento e a destruição, um mal que demorará a ser reparado.

O cabo Renato conseguiu juntar o grupo após a vitoriosa ação.

— Pessoal, eu agradeço em nome da Corporação os voluntários que se juntaram a nós nessa empreitada, das mais difíceis, pois os incêndios florestais afetam de maneira grave a biodiversidade e a saúde da comunidade; sem contar que aceleram o processo de aquecimento global, poluição dos rios e do ar. Mediante esse cenário, temos que ser firmes e fortes para enfrentarmos as situações que virão pela frente. Como vocês já devem ter acompanhado, todos os municípios do Pantanal registraram focos de incêndio entre julho e setembro. Para mim este ano será coroado como um dos piores anos da história, diz o cabo Renato com lágrimas aos olhos.

E ele finalizou as ações do dia com duas horas de descanso, pois partiríamos para outro local, era só olhar ao redor e ver o amarelo ardente das chamas consumindo tudo pela frente. São as chamas da purificação? Ou as chamas da vergonha produzidas pelo próprio homem?

Poconé e Barão de Melgaço, no Mato Grosso foram os locais com maior número de focos e o Parque Estadual Encontro das Águas está localizado nesses dois municípios, nosso próximo ponto de serviço.

Chegando ao parque nos juntamos ao grupo de biólogos, veterinários, brigadistas que assim como nosso grupo, agregam Esperança.

Em meio ao desespero dos animais que lutavam desesperadamente para fugir do fogo, incansavelmente os profissionais partiam para resgatá-los. E foi o momento em que



me distrai olhando toda aquela cena, queria que fosse *flash* de algum filme, mas não, era a vida passando bem diante dos meus olhos em câmera lenta.

Por trás de uma onça extremamente machucada eu via chegando bem lentamente ao encalço luzes brilhantes, e reluziam a cada batida do coração, a cada gesto de bondade para com o animal, eram as luzes do Amor! E os rostos e corpos dos profissionais ficaram desfocados porque tudo o que eu conseguia enxergar eram fagulhas brilhantes da centelha divina, retirando e salvando do fogo esses seres indefesos da natureza.

Aquela visão deu mais clareza às minhas ideias sobre a vida, os seres humanos e seu papel neste mundo, assim como as nossas “obrigações” para com o planeta com ações e ideias mais produtivas para o bem comum, para a manutenção da natureza, da responsabilidade e das atitudes.

Afinal, qual é a luz que você deseja refletir no Universo?

A história fictícia enaltece a coragem e perseverança de todos os profissionais que lutam diariamente com o fogo, reescrevendo o presente para que possamos contemplar um futuro.

Aproveito a oportunidade para agradecer a todos os leitores da Revista, que ano a ano nos dão forças e Esperança para que possamos progredir nas letras e no entretenimento. Boas Festas e um Feliz 2025!



**Mí (Míriam) Santiago:** jornalista e graduação em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o start para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras. Mensalmente contribui na Revista Conexão Literatura. Além de amar escrever, ainda se dedica à fotografia e leitura.

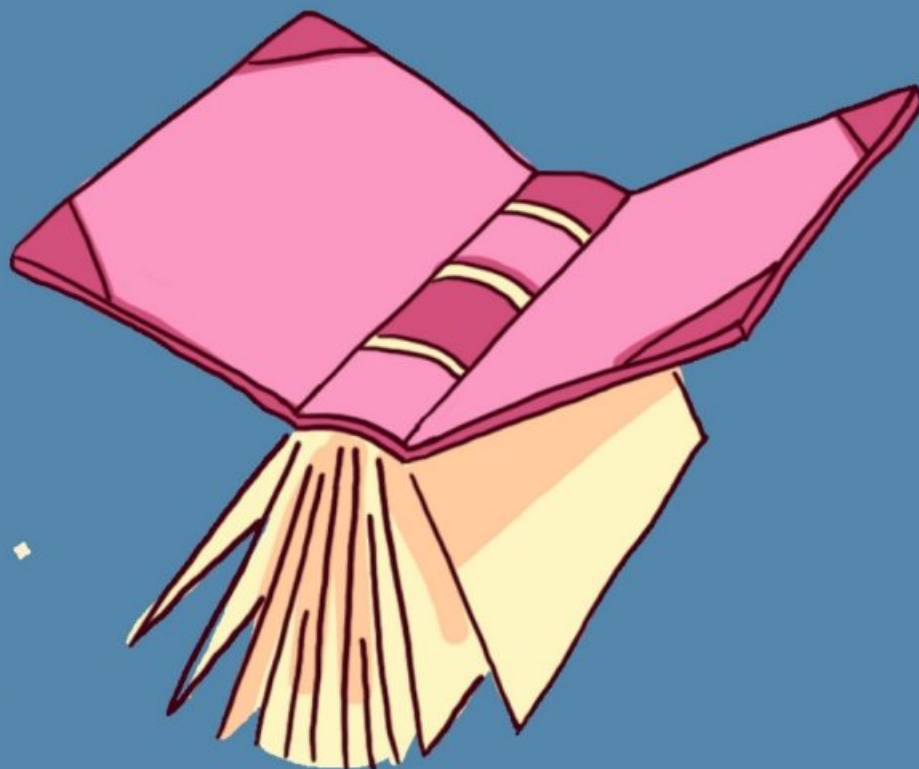
**Contato:** [miriansssantos@gmail.com](mailto:miriansssantos@gmail.com)

<https://www.instagram.com/miriammorganuns>

<https://www.facebook.com/miriam.santiago.372>

<https://miriammorganuns.blogspot.com>

Deixe que  
os livros  
te levem para  
lugares nunca  
antes vistos



Revista Conexão Literatura

# ME DÁ SUA MÃO

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE



O dia acabou com o céu alaranjado, mesclado de vermelho e negro. Um crepúsculo impactante, como o último mês havia sido para Iracema. Pensava nisso com seu olhar perdido no horizonte, enquanto acabava de lavar a louça que o filho Guilherme e o esposo Djalma tinham depositado no interior da pia da cozinha. Achava realmente incrível que nenhum dos dois tivesse a mínima iniciativa para fazer o trabalho simples e imprescindível de limpeza. Esperavam-na voltar do trabalho para isso, além de providenciar “o jantar” ou o lanche, que se não organizasse basicamente, ensejaria várias reclamações e algum delivery cheio de calorias e excesso de sal, pedido a contragosto pelo marido.

Guilherme possuía doze anos. Um grande menino, pois, embora já estivesse entrando na fase da adolescência, comportava-se como criança, tanto nas brincadeiras como nos hábitos. Nem se comparava com Marta, sua sobrinha, filha da irmã mais velha, a estava na mesma faixa etária de Guilherme. Marta já se mostrava com ares de senhora de si, escolhia as roupas que vestia, usava gloss labial e pintava os olhos, delineando-os levemente com lápis preto. Mas em algum lugar daquela menina que insistia em se exibir como mulher adulta, deveria estar a sobrinha, ainda com doze anos de existência. Nunca entendeu direito por qual razão as meninas pareciam amadurecer mais cedo do que os meninos. Seria apenas algo aparente ou haveria consistência íntima? Não sabia, era mãe apenas de um garoto. O que possuía eram impressões, nada além, a partir de suas próprias memórias.

Telefone tocando, teve que sair da divagação e atender o aparelho. Djalma saiu para ir à academia e Guilherme estava no quarto, sentado defronte ao computador brincando com um jogo eletrônico permitido pelos pais nos horários prescritos e fiscalizado por ambos. Djalma trabalhava na polícia militar e não deixava de observar detalhes, como pessoas que pudessem se aproximar do filho aparentemente de modo natural e inocente, pois já havia ouvido inúmeras histórias de vitimização de crianças por pedófilos na internet, dentre outros abusos e violências. Embora já ocupasse cargo elevado na corporação e se diferenciasse de muitos colegas por ser fiel à esposa e pai presente, motivo de não raras vezes ser alvo de chacotas, não havia como ele esquecer das experiências impactantes que tivera no início da carreira, quando soldado da polícia militar. Chegou a levar um tiro na coxa direita e por muito pouco não ficou com dificuldade para caminhar. Parece que a vida era mesmo “por um triz”. Entre a perda de um membro, de um colega ou, até mesmo, da própria vida. Era uma carreira desafiadora e bastante estressante, mas considerava-se vocacionado e fazia seu trabalho com apreço.

— Alô, quem fala? — indagou Iracema, na cozinha, em alto som.

Guilherme de súbito entrou, com o passo rápido e largo, num prenúncio do homem que seria, forte e alto, vez que aos doze anos já estava com 1m e 70 cm de altura.

— O que, Maria? A vovó caiu da cama?! Mas e minha mãe, onde está?

Guilherme arregalou os olhos, assustando-se com a frase proferida pela mãe e seu ar de preocupação. Só podia ser algo com a bisavó, mãe de sua avó materna, Ana Lúcia. O garoto era muito apegado à bisavó. Ela era chamada de “Dona Flor” e residia sozinha numa casa térrea de bairro, com uma cuidadora e outras moças que se revezavam. Estava lúcida, mas possuía algumas dificuldades para andar e nos autocuidados. Às vezes se esquecia de algo e

ficava como sua mãe, Iracema, olhando para o vazio...sim era desse mesmo jeito que ela permanecia por alguns minutos. Mas como ela estaria?

— Tá bom, Maria, já estou pegando a bolsa, vou aí rapidinho, vamos tentar levar a vovó para o PS, precisa tirar uma radiografia pelo menos... fica calma, já já eu chego...

Guilherme olhou para sua mãe com a fisionomia séria e os cabelos em desalinho. Estava aflito para saber o que acontecera.

— Que foi, mãe? Como assim, a bisa caiu e se machucou, foi isso? Eu quero ir lá!

— Ai, Guilherme, fica tranquilo por favor, respira vai... Já estou ansiosa demais! É o seguinte, a bisa caiu da cama, parece que foi tirar um cochilo após tomar o chá e comer bolacha de água e sal que ela adora, mas não sei se não tinha ninguém no quarto, se não levantaram a proteção da cama, enfim, o fato é que ela virou e caiu no chão, de lado, batendo a cabeça....preciso levar a vovó ao hospital, seu pai que não chega...você é criança para ir comigo a hospital agora à noite, não sei que horas eu volto, você tem aula amanhã. Melhor não...

Iracema não teve tempo de acabar a frase e foi interrompida por seu filho que, de súbito, metamorfoseou-se em adulto, de modo absolutamente surpreendente e similar à postura adotada pela prima Marta, com quem devia ter aprendido aquele modo de atuação. Só podia mesmo ser isso.

-Não, mãe, não sou criança, sou adolescente e você sabe disso. Vive me jogando na cara essa condição dizendo para eu arrumar o quarto, estudar, parar de jogar no computador e outras coisas chatas. Agora eu te digo que sou adolescente e vou sim ajudar porque eu adoro a bisa e ela está precisando de mim. Nem pense em me deixar aqui, eu vou de qualquer jeito!

— Ai, Guilherme, tá bom, vai então colocar um tênis e pega uma blusa de moletom, não tenho tempo nem energia para discutir com você a essa altura, mas nem pense em reclamar que está com sono e querer voltar logo para casa, tá bom?

— Claro, mãe. Eu tenho noção, né...

Iracema ficou apenas olhando para aquele menino crescido que parecia lhe dizer independer dela, por completo. A não ser pagar contas, comprar coisas, fazer comida, arrumar a casa, levá-lo aos lugares que ele queria ir... era isso a maternidade, mas com muito amor.

Deixou um bilhete na geladeira para Djalma e depois lhe telefonaria, porque estava apreensiva com o estado de saúde da vó Flor. Guilherme não tardou e com ar grave, foi rapidamente com a mãe sem nada dizer.

O que se seguiu foi uma correria entre encontrar a avó deitada no chão de madeira do quarto, com a parte lateral da cabeça ferida e um pouco atordoada. Como Iracema havia ouvido falar que é preciso cuidado para posicionar uma pessoa acidentada após algum impacto, ficou com receio de mexer no corpo da idosa e achou mais prudente chamar uma ambulância. Ao menos não correria o risco de algum coágulo, porventura formado, deslocar-se ou algo similar. A avó possuía 89 anos, estava frágil, um pouco magra. Embora haja

reconhecido a Guilherme em primeiro lugar e depois, à neta, estava agitada e meio perplexa, o que era natural.

Enquanto Iracema fazia as ligações necessárias, no cômodo ao lado, juntamente com a cuidadora da idosa, Guilherme sentou-se no chão de pernas cruzadas, próximo à bisavó, cuja cabeça estava apoiada em uma toalha dobrada, a qual fora colocada com todo o cuidado por Iracema, que inclusive havia delicadamente limpadado vestígios de sangue na lateral da cabeça da senhora idosa.

— Bisa, você tá legal? Tá me ouvindo?

— Estou, Guilherme, estou velha, mas não totalmente surda... — disse Dona Flor revirando os olhos e dando-lhe um meio sorriso.

Guilherme abriu um sorriso amplo.

— Aí, bisa, que bom, vai passar, foi só um susto, viu, eu já cai muitas vezes inclusive no jogo de futebol na escola, olha meu joelho, tá roxo ainda!

O menino levantou-se rapidamente e, colocando-se em um ângulo no qual seria visto pela bisavó, deitada sobre o chão, apontou para o joelho arredondado e escurecido por hematomas.

— Tá bom, Gui, volta aqui, senta pertinho de mim de novo, vai.

Num instante, o menino já se postou com as pernas cruzadas, ao lado da senhora.

— Está com alguma dor, bisa?

— Me dá sua mão, Gui? Vou ficar mais tranquila sentindo a sua mão na minha!

— Claro! Quer que eu te conte alguma história, como você fazia comigo quando eu era criancinha?

— Sim, quero sim, conta o que você quiser. Pode ser essa partida aí de futebol, mas tem que me explicar direito porque eu não entendo nada de regra de jogo!

E assim ficaram os dois, com as mãos entrelaçadas, prestando atenção mutuamente nos gestos, palavras e sentidos daquele momento.

Iracema entrou mais calma no quarto, chegaria à ambulância em quinze ou vinte minutos, segundo lhe prometeram. Não pode deixar de sorrir tenuamente ao ver a cena do bisneto e a bisavó conversando como dois amigos, os quais não se viam há muito tempo. Não poderia pensar em uma melhor definição para a palavra amor.

\*\*\*

**Luciana Simon de Paula Leite:** exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital *Magis*.

Você não sabe como divulgar

# O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO, NÓS FAZEMOS ISSO PARA VOCÊ!

DIVULGUE PARA MAIS DE 900 MIL  
LEITORES POR APENAS R\$ 180,00

SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI ←

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



POR ROBERTO SCHIMA

# O FAROLEIRO



**E**ra um antigo farol fincado sobre uma ilhota perdida no mar. Nele vivia o faroleiro, um velho de rosto vincado, barbas brancas, pullover puído, calças de tecido grosseiro, gorro de lã azul escuro e um inseparável cachimbo.

Devia ser o emprego mais solitário do mundo, pois a região inóspita não se constituía em uma rota movimentada de navegação. Os raros navios que passavam naquele fim de mundo se destinavam à pesquisa científica e dirigiam-se à Antártida. Quando isso acontecia, o farol lançava seu poderoso fecho de luz, criando uma esteira dourada na superfície do mar. Em agradecimento, a embarcação fazia soar sua sirene em meio à imensidão. E o farol respondia do mesmo jeito enquanto as ondas fustigavam sua estrutura cilíndrica, ameaçando derrubá-lo.

Era uma rotina difícil, no entanto, o faroleiro não se queixava, pois considerava a melhor vida que poderia desejar: o familiar som das ondas, o grasnar das gaivotas, a vastidão do céu e do oceano.

— Que mais posso desejar? — murmurou, sentado em seu rochedo favorito, olhar perdido no horizonte, enquanto expelia uma generosa baforada de fumaça. — Tenho paz.

Tinha paz... Até surgirem os navios de turismo.

Ele nunca imaginara que as pessoas comuns, presas ao dia a dia agitado das cidades grandes quisessem gastar uma fortuna para enfrentar os mares gelados, os *icebergs* e os rigores do clima apenas para admirarem por poucas horas os pinguins, as focas, os petreus e, com muita sorte, uma baleia.

— Por todos os diabos, o que mais me falta?

Viu seu trabalho ser perturbado.

A tranquilidade e a solidão tiveram fim.

Mas ainda continuou o serviço na ilha deserta.

Até o dia em que aquilo que faltava apareceu na forma de empolados empreendedores imobiliários. Em trajes sociais, desembarcaram na ilhota com seus sorrisos, cumprimentos, poses e falatórios:

— Faremos um atracadouro, construiremos um hotel e um restaurante onde os passageiros poderão colocar os pés em terra firme e se aquecerem antes de prosseguirem viagem até a Antártida. O senhor ganhará uns bons trocados, prestando informações sobre a ilha ou posando junto aos turistas. Terá companhia!

Todavia, o faroleiro não queria nada daquilo. Só precisava de sossego e solidão para exercer seu ofício: estudar a vida marinha, as correntezas, o clima, as formações geológicas, a incidência de raios solares, o campo magnético e, de vez em quando, orientar as naus de pesquisa, que, de resto, nunca vieram visitá-lo.

Como prosseguir de forma satisfatória aquilo que vinha realizando durante décadas com uma horda de turistas mimados e abelhudos a sua porta?

Fechou a cara para os homens de negócio, mostrou o punho fechado e retrucou:

— Enfiem os trocados no (...)!

Deu às costas, pisou duro e trancou-se no farol até os intrusos partirem.

— Velho desmiolado — resmungou um dos empreendedores, cuspidando no chão. — Queira ou não, viemos neste buraco pra ficar!

Quando se viu novamente a sós, o faroleiro refletiu demoradamente. Decidiu.

— Miseráveis! Enfiem seu maldito hotel naquele lugar também!

No crepúsculo que se abateu sobre a ilha, nenhuma alma presenciou quando o solo rochoso começou a tremer a medida em que o som de rugido crescia e crescia. Aves fugiram assustadas. No topo, o farol estava apagado, contudo, a luz de mil faróis se acendeu sob a efervescência do mar ao redor. Sua intensidade aumentou até se tornar fulgurante. As ondas bateram furiosas de encontro aos penhascos.

Em seguida a astronave alienígena se ergueu, desvencilhando-se de seu disfarce de areia, rochedos e vegetação.

O "faroleiro" ajeitou o gorro, mordeu o cachimbo e subiu aos céus a fim de encontrar outro recanto no qual prosseguiria seus estudos sem ser incomodado.

Meses depois, quando o sol da primavera tornou a clarear as águas austrais, um estupefato grupo de ávidos empresários nada encontrou:

Nem farol.

Nem ilha.

Nem faroleiro.

\*\*\*

**Roberto Schima** é Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei até o momento de trezentas e quarenta e três antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)


<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>


# Revista Conexão Literatura

## Vidas Secas, de Graciliano Ramos



“Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal.”

**Clássicos da Literatura**



POR JOSÉ GERALDO SOUZA

# O CAIXÃO QUINTUPLO

O caixão era conduzido por dezesseis homens. Todos da família do senhor Botelho. Ele foi construído com cinco repartições onde ficava os finados. Estava dentro o próprio senhor Alencar Botelho, homem rico e bondoso. Dono de muitas terras e lojas no vilarejo. Sua finada esposa, a senhora Lauriete Botelho, economista e luxuosa. Sempre amada por quem trabalhava na sua casa. Os três filhos que são o menino Raimundo Botelho de onze anos, a menina Amélia Botelho de dez anos e a caçula Andréia Botelho de cinco anos. Foram mortos de uma vez só. Sua filha bastarda e autista não estava ali, por que ninguém sabia da existência dela, apenas a governanta dona Maria Adélia, que era sua avó secreta.

Foi uma morte que chocou todo o vilarejo onde eles moravam e dominavam. De acordo com o laudo da perícia foram envenenados. O maior problema que contam que, eles se mataram sem nenhum motivo ameaçador. Isso deixou a polícia local sem entender a situação. Todos os empregados da casa foram chamados para depor. Também os seus amigos próximos. Os sócios da sua empresa de grãos, da fazenda produtiva e a oficina de charretes. Nenhuma suspeita foi encontrada neles. Foi comprovado realmente o suicídio coletivo. A cidade toda entrou em luto. Centenas de pessoas passaram para despedir da família. Eles o tinham como um homem bondoso. Desde quando assumiu os negócios do seu pai, ele cresceu as empresas gerando muitos empregos e comércio local. Passaram idolatrá-lo.

Antes dessa tragédia macabra, ele havia feito um inventário sobre sua herança. Não deixou nada para os parentes e sim para sua filha bastarda autista, a menina Pâmela de onze anos. É mais um mistério para a polícia desvendar. Essa menina é filha de um relacionamento extraconjugal com uma ex empregada sua, também falecida. Quem tinha contato com ela era sua governanta Maria Adélia, essa senhora de uns cinquenta anos. Trabalha na casa uns vinte anos, bem antes do senhor Botelho se casar. Ela sempre foi de confiança para família. Sabia de tudo que passava dentro da casa. Esse suicídio para ela não foi um mistério. Pode ser que ela esteja à parte de tudo. Foi a primeira a ser interrogada. Houve muita desconfiança da polícia do seu comportamento. Tudo terminou em nada. Foi liberada para preparar o velório. Depois de tudo organizado foi buscar a menina Pâmela, a futura herdeira de todos os bens dos Botelhos. A própria governanta cuidaria da menina, até que atinge a idade de maior. Os boatos são muitos, pois, como uma menina que não tem domínio próprio vai cuidar de uma fortuna? Ela não sabe nem cuidar de si própria? É totalmente dependente? Isso foi o que mais comentavam na despedida no cemitério.

O sacerdote fez sua última oração em favor dos mortos. Abençoou todos parentes e amigos mais próximo que podia participar do culto de despedida.

A governanta chega com a menina Pâmela. Ela toca no rosto de cada um dos irmãos que não conhecia. Depois no rosto do pai. Ignora a madrasta que há negou. Ficou um tempo com o rosto colado no do seu pai, que o via pela primeira vez. Pouco entendia o que tinha acontecido.

Finalmente o caixão quádruplo foi coberto com terra. A cova era imensa, foi cavada para três sepultura normal. Todos jogaram flores por cima.

Maria Adélia pegou o braço da menina e a levou de volta a charrete. Foram pelas ruas sombria da cidade, pois a tarde estava indo embora. Pâmela contemplava tudo que via pela frente. Achava estranho o lugar. As pessoas que a encarava muito.

O condutor parou e ajudou Maria Adélia descer. Ela foi até a portaria da oficina que faz parte do conjunto de empresas da família falecida. Um dos marceneiros, senhor Laércio veio ao seu encontro. Ela entregou um pacote com muito dinheiro dentro. Foi ele que construiu o caixão para cinco pessoas. Falou algo baixo no seu ouvido e voltou para o veículo puxado por cavalos. Volta pelas ruas só param quando passa por uma indústria de grãos. De novo ela desce e conversa com uma mulher loira que já a aguardava. Falou algo baixo no seu ouvido e voltou. Passam pelo porto onde centenas de homens e mulheres trabalhavam levando sacas de grãos para um navio.

— Tudo isso que viu é seu querida — disse Maria Adélia num tom sinistro.

Chegam à casa da família. A menina desce da charrete e corre para o quintal. Tinha bonecas espalhadas no chão e brinquedos. Sentou no chão brincando com uma delas. No canto viu um trenzinho de ferro com quatro vagão. Levantou ido até ele e subiu num dos vagões imaginando se que viajava de verdade. Logo um dos empregados da casa veio buscá-la. Foi levada para o interior da casa onde lhe foi mostrada cada cômodo dela. Depois para o escritório onde Maria Adélia estava sentada ao lado da mesa que foi do senhor Alencar Botelho.

O advogado Dr. Ernesto leu em voz alta para os que estavam presentes. Os funcionários da casa, os sócios da fabrica de grãos, da oficina de charretes e gerente da fazenda produtiva. Houve muitas murmurações de discórdia. O motivo por que a menina era autista e seria criada pela governanta, que mal assinava o nome, mesmo assim, ninguém se atreveu enfrentar a decisão do patrão falecido.

Pâmela começou uma nova vida. Gostava de ficar sempre em cima do trenzinho brincando com sua boneca. Não preocupava com nada. Na hora do almoço sempre vinha alguém lhe chamar para almoçar. A tarde tomava seus remédios normal.

Uma noite chovia muito. A menina no seu quarto dormia encolhida com medo dos relâmpagos e trovoadas. Assustada levantou. Pegou uma vela acesa e andou a casa toda procurando a governanta. Viu uma porta aberta com pouco luz. Aproximou e viu uma reunião lá dentro. Estavam reunidos em círculo, o marceneiro, o delegado, a mulher loira que viu na fabrica de grãos, ela tentava receber o espírito e não conseguia o advogado Dr. Ernesto, o médico e a governanta Maria Adélia.

A menina com medo da chuva entrou no salão deixando todos atordoados. Ali não era lugar para crianças. Fazia uma sessão espírita. Estavam horas tentando ver a mulher loira receber o espírito vingador e não conseguia. Ele entrou na menina.

— Me chamaram eu vim — disse fazendo Pâmela girar o corpo com muita velocidade.

— Nela não! – desabafa Maria Adélia.

— Por que não? Ela é pura! É inocente como fui há séculos a traz — relembra fazendo a menina parar.

— Fizemos o que foi certo! Esse homem era bonzinho de aparecencia. Ele engravidou minha filha quando ainda tinha treze anos. Ela não aguentou o parto e morreu. Deixou minha neta perdida e doente — desabafa Maria Adélia.

— Ele me dava ordens para contratar incendiários para incendiar os concorrentes — chora a mulher loira nervosa.

— Ele aproveitou da minha falência financeira e tomou minha oficina de charretes. Ainda me fez empregado – detona o marceneiro.

— Perdi minha esposa em sigilo para ele, que a fazia de sua amante, sem que sua família soubesse — resmunga o delegado.

— Eu dei receita falsas e envenenei pessoas inocentes — avisa o médico pálido.

— Como advogado tomei muitas terras e inocentes a mando dele — desabafa o advogado.

— Tem razão. Ele fingia de santo e todos acreditavam nele. Eu atendi seus rituais. Fiz que o mesmo envenenasse sua família e a si próprio. Vocês me obrigaram a fazer isso. Sou um espírito vingador. O que querem mais de mim? — pergunta fazendo a menina levitar com as costas arrastando na parede.

— Queremos que você não deixe testemunhas nos denunciar. A cidade procura uma resposta — pede Maria Adélia.

— Como delegado do caso apaguei as provas, perco meu cargo e vou amargar na prisão perpetua — teme o delegado.

— Eu vou livrar vocês de todo mal que esta por vir. Você marceneiro vai fazer outro caixão quántuplo. Será poupado por enquanto. Agora vocês, só vão escapar da justiça dos homens se partirem desse mundo. Não existe outro lugar seguro, a não ser o cemitério.

O espírito deixou a menina e entrou no corpo do delegado. Ele sacou sua arma, atirou na mulher loira, no advogado, no medico, na Maria Adélia. Depois apontou a arma na sua cabeça e falou para o marceneiro:

— Não se esqueça, está sendo poupado porque vai construir outro caixão quántuplo. Depois enterre eles no jardim e ninguém descobrirá — acabando de dizer obrigou o delegado atirar nele mesmo. Os cinco ficaram mortos diante do marceneiro em pânico e a menina sem entender.

Os dias se passaram. A menina ficava o dia todo em cima do seu trezinho brincando. Chega uma pessoa estranha e disse pra ela:

— Eu sou a nova governanta, vou cuidar de você.



## Biografia do autor José Geraldo Souza

Na literatura.

- 1994 – O Balão Redondo (infantil) Ed. Litteris, RJ  
1995 – Poemas e Poetas (antologia) Ed. Litteris, RJ  
1996 – Falando de Deus (antologia) Ed. Litteris, RJ  
1997 – Excelência Literária (antologia) Ed. Litteris, RJ  
1997 – BH: Arquitetura Poética (antologia) Ed. Colégio Lambert, BH  
1999 – UNSP (antologia) Ed. Sindicato dos Escritores de BH, BH  
2000 a 2006 – Colaborou com o jornalzinho Postal Clube, RJ  
2006 – Kelzinha e o Passarinho (infantil) Ed. Independente, BH  
2006 – Vila Cachoeirinha (poema), foi usado como tema na exposição de bairros de Belo Horizonte na Escola Eleonora Pieruccetti, BH  
2007 – Rei Salmom e seus súditos (roteiro) Edição do autor, BH  
2008 – A Fórmula Mágica (roteiro) Edição do autor, BH  
2012 - Poetas em cena (antologia) Ed. Rogério Salgado. BH  
2017 – Kelzinha e Estrela Pisca-Pisca (infantil) Peça de Teatro, BH  
2018 - A Cigarra e os Lavradores (infantil) Peça de Teatro, BH  
2019 – Dorinho, O Pintinho Garnisé (infantil) Ed. Chiado Kids, BH  
2020 - Em Cima da Laje (roteiro) Edição de autor, BH  
2021 – Planeta dos Bonecos (romance ficção científica) Ed. Independente, BH  
2024 – Eu Sou Gente do Bem (romance drama) Ed. Uiclap, SP  
2024 – Duke, O Gigante Pardo (romance aventura) Ed. Clube dos Autores, Joinville, SC  
2024 – Brutal e Extremo (antologia) Ed. Quimera, RJ





*Apoie a nossa causa*

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

**APOIA.se**



**Agradecimentos aos nossos apoiadores:**

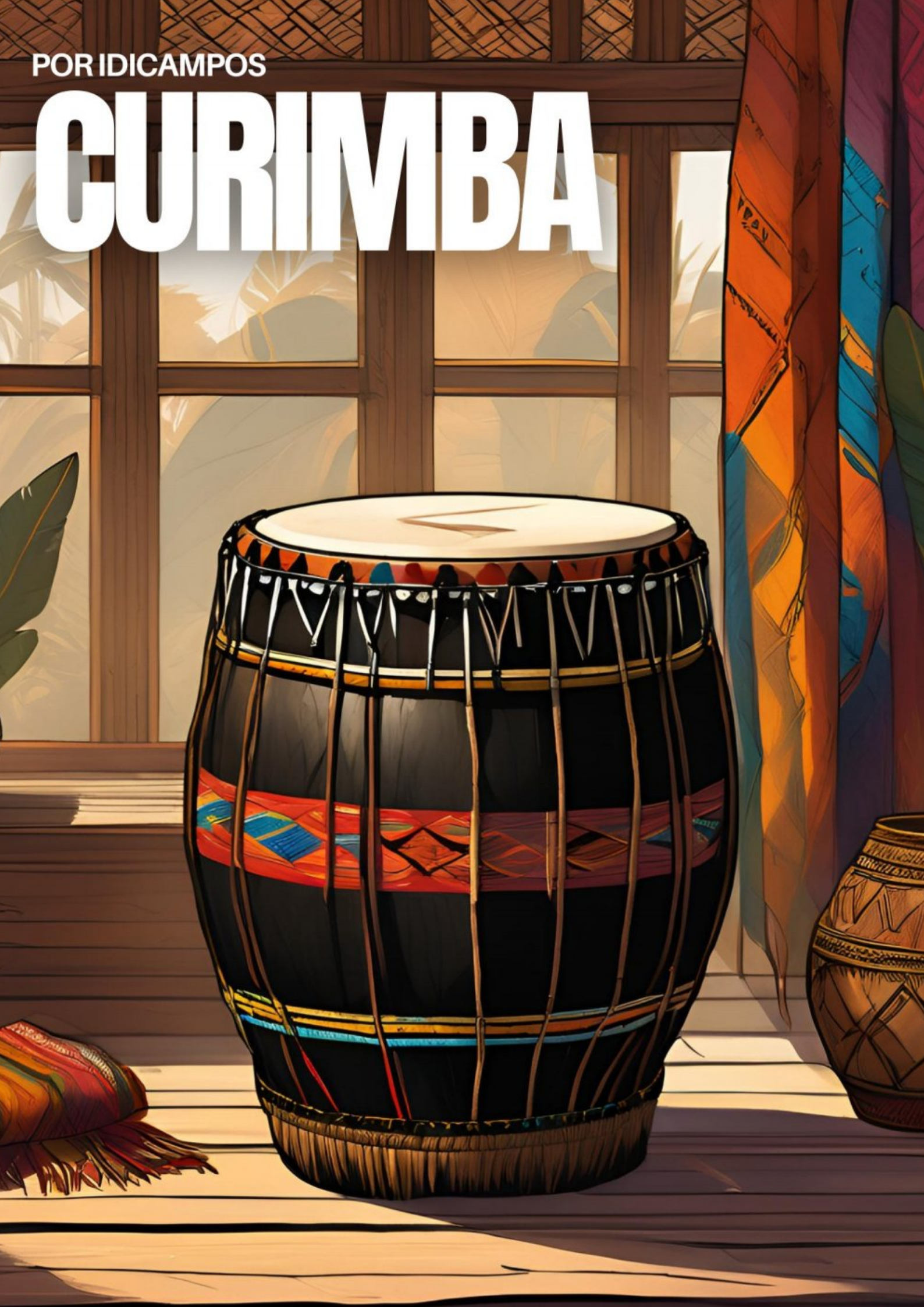
Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

**você também pode apoiar, acesse:**

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

POR IDICAMPOS

# CURIMBA



Quando os atabaques rufaram na religião de matriz africana, o canto brilhou na força do som, os umbandistas já sabiam que era dia treze de maio, de 2024: baixava no terreiro o Preto Velho. Nascendo de novo a cada suspiro do Ogã.

Preto Velho germinou no continente africano, berço da civilização humana. África que teve o privilégio de testemunhar as realizações faraônicas da cultura egípcia, vitrine das enigmáticas pirâmides de pedra.

Entregue à própria sorte, a um traficante de gente, nas praias da África, vendido a preço módico; consequência da perda de uma batalha tribal, foi negociado pelo oponente tipo objeto inanimado.

O preto sofreu o pão que o diabo amassou, mostram as cicatrizes do açoite, a recordação do navio negreiro atravessando o oceano. Os primeiros dias no Brasil, a exposição pública feito mercadoria; assujeitado às controvérsias do comércio escravagista no século XVI.

Em 1539, ocasião desse capítulo histórico, a Europa presenciava uma revolução cultural, a antítese das ideias. O fiel da balança era o ser, o saber expandia a rebeldia contra a teocracia religiosa. Florença gestava a audácia do Renascimento.

As capitanias hereditárias, no recém Brasil Colônia, implementavam a cultura da cana-de-açúcar. Cultivavam a planta em resposta ao alto valor agregado do produto no mercado internacional.

Nesta tumultuada época, Preto Velho atracou no Brasil, submetido ao racismo, às humilhações da colônia. Rascou a pele cortando cana de sol a sol, adoçava os salões dos palácios com a sua dor. Uma trajetória amarga cuja maldade logrou uma curta passagem por aqui, presença encerrada com a falência do corpo por desnutrição.

Mudou de dimensão, deu um tempo no quintal do além, ressurgindo, novamente, no princípio do século XVIII. Agora, cavava buracos feito tatu, embrenhado nas profundezas das terras mineiras a procura de ouro. Garimpando a riqueza da coroa portuguesa.

Diante da oportunidade escondia ouro nos cabelos, atitude causadora da sua morte inusitada; ocorrida ao fugi do capitão do mato, alvejado num golpe de espada, falecendo vazando sangue na mata.

O Governo Geral, centro político da supremacia lusitana, mantinha uma sociedade com a mão de obra escrava, uma economia baseada na exploração do ouro. Os fidalgos portugueses, com o apoio da Igreja Católica Romana, concebiam a ideia de que africanos e índios não tinham alma.

Enquanto isso, Preto Velho viajava na linha do tempo, acomodado no universo espiritual. Tinha alma sim, fazia curso com os arcanjos, estudava a evolução do espírito... Convivia com a bondade dos anjos, absorvia a sabedoria, entendia as curvas do carma: colava o passado, presente e futuro a uma existência única.

Então, o planeta gira, reina a misericórdia divina no sopro da vida... Preto Velho despencou do azul do infinito — vindo a luz no parto — contudo esquecido da catarse, alienado do pretérito, acolhido em outro organismo. Reaparece no ventre de uma preta linda, na segunda metade do século XIX, beneficiado na Lei do Ventre Livre.

Rala o bucho no porto como carregador, porém um homem livre; reúne as economias, vai estudar, apaixona-se pelas leis, aprofunda o conhecimento jurídico: forma-se em advogado.

Na batuta do direito, defendeu a abolição total da escravatura, livrou da senzala um incontável número de pessoas. Advogava com altivez, encantava o júri nos tribunais, possuía uma explanação impecável. Uma performance digna da admiração da vanguarda intelectual do momento. A militância do advogado humanista convergia com as novas ideias dos anos 1800.

Desencarna, em casa, com a família ao lado, de velhice, com a certeza do dever cumprido; rodeado de amigos, reunia um cortejo de bons corações para celebrar uma vida voltada para um mundo melhor.

Venerado no umbral da Grande Fraternidade Branca, na comunhão da evolução espiritual, vislumbra a purificação do criador: a personificação do espírito iluminado, as vestes de grande alma.

Após atingir o grau de mestre do saber nas iniciações da fraternidade, recebe o merecido reconhecimento, podendo transitar em várias dimensões; caminhar com a vida na morte, munido do direito de ter com os vivos e socializar sabedoria.

Preto Velho, ciente dos mistérios da magia de Deus, responde ao chamado do atabaque na curimba, traz o branco nos cabelos, a coluna curvada do peso do tempo, montado na sua história de escravizado. Senta no banquinho, toma um gole de vinho, recebe com pertencimento a dor do devoto.

Levanta as mãos ao céu numa prece de saudação a terra onde pisa, à água que mata a sede, ao fogo trazendo a luz no fim da caverna e ao ar transmutando a respiração em nascimento.

De posse do respeito, de joelhos, a mãe de santo, a babalorixá, pergunta ao espírito visitante: — Preto, de onde vens?

— Venho da ferida da guerra, na busca pela evolução da humanidade.

— Quem é o adversário nesta luta?

— O mal.

— Como venceremos a batalha entre o bem e o mal?

— Acabando com a ignorância.

— Por quê?

— A maldade é fruto da ignorância humana, da incapacidade de ver no próximo um pouco de si mesmo.

O Preto Velho da lida, tímido, pediu licença — levantou — partiu pra dança... Agradeceu ao criador o milagre da vida; rodou no ponto tocado em sua homenagem. Abandonou o galope do cavalo, saiu de banda na roda de umbanda.



**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

POR IRACI J. MARIN

# VIDAS SECAS



“Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andaria certo? Não sabia.”

(Vidas Secas, Graciliano Ramos)

**S**e existe acaso, então foi por acaso que cheguei a um vilarejo isolado que me causou perplexidade desde o primeiro momento. Devo dizer que passei a viajar meio sem destino em meu jipe de capota de pano preto, com a intenção de conhecer lugares fora dos caminhos tradicionais. Passei por lugares interessantes e conheci histórias fascinantes. Era uma espécie de relíquia ou tesouro o que eu encontrava em cada viagem solitária. Dei por acaso naquele vilarejo, onde permaneci poucos dias. Foi uma das grandes experiências que tive nas andanças que fiz.

Acomodei-me no pequeno galpão ao lado do casebre de um casal de idosos, que, em troca de vários reais, me davam também o que tinham para comer. E era pouco.

Havia um riacho que cruzava o vilarejo e ninguém sabia explicar o que tinha acontecido com a água que sumira. A terra era árida e pedregosa. O trabalho na roça era brutal. O sol escaldante obrigava os moradores do vilarejo a trabalharem quase na madrugada e bem à tardinha, só algumas horas por dia. Na sombra minguada das poucas árvores que havia, os homens se abanavam com seus chapéus de palha para aliviar o calor. Olhavam o vapor que se desprendia da terra seca e fazia ondas quentes no ar.

Algo parecido acontecia com o olhar deles. Observei a secura de seus olhos logo que cheguei. Eram sem expressão. Eles se olhavam e parecia não se verem. A surpresa foi tamanha que, na primeira noite, fiquei algum tempo tentando assimilar o fato: precisava me acostumar com aquilo e não me surpreender nos encontros que teria com eles enquanto permaneceria ali.

Não foi a única coisa que me deixou surpreso e intrigado. Com o passar dos dias, fui conhecendo um pouco mais sobre a vida deles. Interroguei muitos. Poucos respondiam alguma coisa e em geral as respostas eram um desafio. Eu era, afinal, alguém que ouvia o seu lamento, mesmo que não tivesse qualquer solução.

Descobri que queriam sair do lugar porque tinham perdido o sentido de viver. Não que algum deles tivesse falado isto. Eu fui descobrindo esta verdade triste na medida em que me encontrava com um e outro. Inicialmente, achava que era uma loucura coletiva, pois o sentimento geral era de desalento. Reclamavam do sol forte, da terra árida, da sobrevivência difícil. No fundo, reclamavam da secura geral de suas vidas.

Encontrei um só casal jovem. Mas não sabiam quase nada. Estavam ainda entusiasmados com a novidade da nova morada. O encontro com eles, no entanto, me proporcionou algo bom: conhecer a mulher. Encantei-me com ela, que não tinha o olhar seco do marido. Tinha um olhar fértil, de quem semeia e colhe.

Certa noite, o senhor que me acolheu sentou num toco de madeira ao meu lado. Sem mais nem menos, com voz de desânimo, confessou que ele e a esposa (“minha velha” - disse) queriam ir embora dali, abandonar aquela terra ruim, que os tinha feito sofrer tanto. Silenciou um momento, como a pensar na próxima revelação. Então acrescentou o que eu já descobrira: que todos queriam sair dali, mas ninguém sabia para onde ir, ou como fazer.

A vida do casal – e a vida de todos no vilarejo - pode ser toda resumida em poucas palavras. Nasceram e se criaram no mesmo casebre onde moravam. Trabalharam muito a vida toda, mas só colhiam o pouco que a seca não matava e por isto viviam pobremente.

Suspirou com dor.

Aí, num desabafo queixoso, afirmou que nunca valeu a pena viver. Um dia, uma coisa bem ruim começou e a cada ano sentiam mais e mais dificuldade para dormir, falta de vontade para trabalhar e cansaço. Viviam sem graça. Meio encabulado, disse que o ruim chegou a tal ponto que eles não tinham apetite nenhum (“se bem me entende”, falou, baixando a cabeça, talvez de vergonha do que queria mesmo dizer).

Olhava para o fundo da noite, como se não houvesse horizonte. Mudou de assunto e passou a falar sobre o que eu já percebera: que só tinha adulto no vilarejo, nenhuma criança ou jovem. Se lamentou com a falta de resposta para aquele vazio. Ninguém sabia explicar por que não nascia mais criança. Eles casaram, outros casaram, mas ninguém teve filho, e isto só podia ser uma desgraça.

De novo ficou um tempo em silêncio. Mexeu-se um pouco, se inclinou para o meu lado e comentou baixinho: “ Não sei se foi as muié que secaro de repente, ou os home, ou se foi todo mundo”.

Achei que ele ia chorar, mas apenas assoou o nariz nos dedos, limpando-os na calça. Aí falou sobre a vinda de um casal jovem, e sua voz dava impressão de que estava colocando neles alguma esperança. Mas logo acrescentou que com eles também nada ia vingar, era a sina de todos naquele lugar.

Ficamos algum tempo em silêncio. Levantou-se de repente e, sem nada dizer, entrou na escuridão de sua casinha.

Já tinha bastante informação sobre a vida naquele recanto, com inúmeras impressões pessoais na bagagem. Em nenhum outro lugar de minhas excursões aventureiras encontrei semelhante situação. Fiquei impressionado com aquele mundo e seus habitantes desanimados. Até eu senti um certo desânimo na convivência rápida que tive com os habitantes daquele lugar.

Ocorreu-me pensar que o desânimo poderia explicar a situação deles, mas tal explicação podia ser simplista e superficial; serviria apenas para me conformar. Abandonei a ideia, conformei-me com a realidade e passei a fazer um último giro pela estreita rua de terra, tentando afastar pensamentos ou intenções. Queria apenas observar mais uma vez os casebres mal acabados, a aridez da terra, a secura das plantas. Caminhava

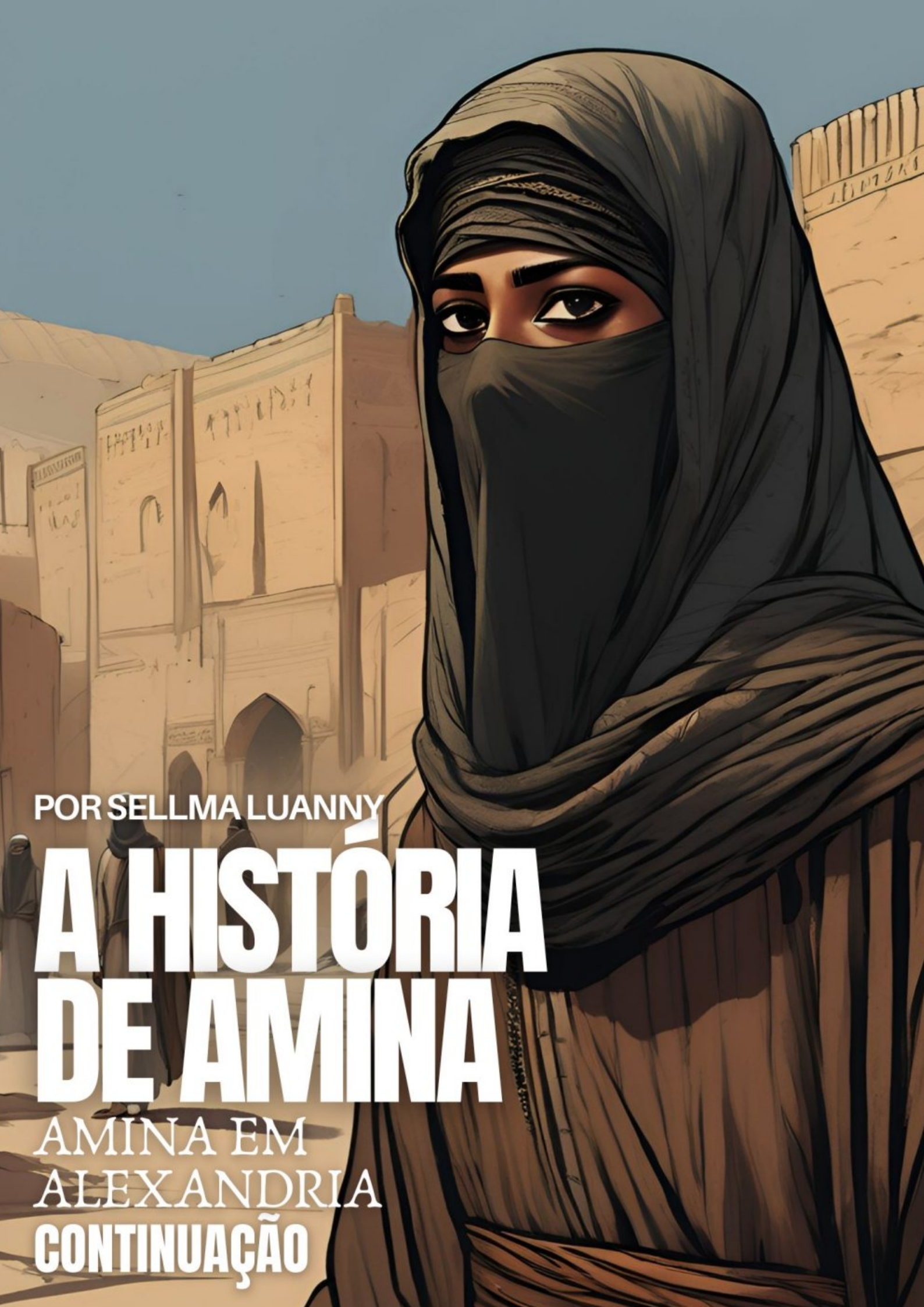


ao acaso. Acabei chegando no riacho seco. Pisava com cuidado as pedras arredondadas e cobertas de pó. A cada passo, arrepios cutucavam o meu corpo.

Parei na sombra pequena de um arbusto. Vi um casebre a certa distância. Logo apareceu na porta um vulto feminino, que caminhou na minha direção. Era a jovem mulher cujo olhar me encantara. Chegou bem perto de mim e, sem palavras ou sorrisos, puxou-me. Deitamos na grama seca e ali consumamos o que era devido. Se levantou, puxou o vestido gasto, me olhou com olhos iguais ao do marido e foi embora.



**IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

An illustration of a woman wearing a black niqab, looking directly at the viewer. She is standing in a street with ancient Egyptian architecture, including buildings with hieroglyphs and arched doorways. The scene is set in a warm, golden light, suggesting a sunset or sunrise. In the background, other figures in traditional dress are visible, and a sign with hieroglyphs is on a building to the left.

POR SELLMA LUANNY

# A HISTÓRIA DE AMINA

AMINA EM  
ALEXANDRIA  
CONTINUAÇÃO

Amina chega a Alexandria e não havia tempo a perder.

**A** pesar de ser já tarde no seu primeiro dia naquela cidade, encaminhou-se resoluta para a entrada da grande Biblioteca, que era, como já se sabia na época, além de uma coleção de quase todos os livros e escritos antigos, um centro - possivelmente o maior e mais importante daquela época - de estudos e desenvolvimento intelectual e científico.

Amina deixou sua pequena bagagem junto ao vão que dava para a porta principal e entrou no grande átrio. As pessoas iam e vinham e posicionavam-se ao redor de mesas, bancadas e cadeiras. Aquele cenário era-lhe completamente desconhecido e de início pareceu-lhe ao mesmo tempo assustador e fascinante.

Ao notar e ouvir alguns anciões discutindo sobre física e matemática, os olhos de Amina brilharam e ela se aproximou.

Um ou outro virou-se para ela mas o grupo continuou nos seus argumentos: a terra deveria ser mesmo redonda, pois observando-se a linha do horizonte que avançava sempre e as grandes distâncias que vistas de lugares altos, iam além do que se via do terreno e que pareciam nunca chegar ao fim do mundo, mas acrescentar mais e mais à medida que se subia em altura – como quando se avançava no terreno -, nenhuma outra explicação parecia plausível.

Como Amina dominava o idioma grego, não lhe era nada difícil absorver qualquer ensinamento ou novidade que ouvia naquele meio.

No final de uma longa discussão, com Amina sempre atenta, um dos intelectuais voltou-se para ela e perguntou-lhe o nome, a que Amina prontamente respondeu "Zeron".

O seu recomeço estava sendo lançado.

Era o início do seu sonho maior. Estar no meio de sábios e absorver os seus ensinamentos.

Amina/Zeron não tinha ainda onde se hospedar e para não perder nenhum instante daquele "sonho" ela resolveu adormecer pelas escadarias da entrada principal. Agora, para ela, fazer-se notar e poder conversar com os frequentadores daquele centro de cultura e ciência eram as suas prioridades. Pelo visto, qualquer indivíduo interessado em aprender ensinamentos dos intelectuais, literatos e cientistas era bem-vindo àquela instituição, pois entendiam que os que ali entrassem iriam sempre contribuir para aumentar o conhecimento geral. E para Amina (agora Zeron) qualquer outra coisa vinha em segundo plano.

E assim por algumas semanas, foi o que lhe aconteceu. Comia qualquer coisa e quando podia, e passava o seu tempo na Biblioteca de Alexandria.

Aos poucos foi entrando nas discussões de matemática, história e literatura (participando nos colóquios, com a bagagem que aprendera e trouxera de casa) e além disso, aprendendo o que podia de anatomia e medicina.

Após alguns meses neste meio, vários dos professores e sábios da Biblioteca passaram a notar em Amina, um veio em potencial, apesar de ainda "bruto".

Foi então que ela começou a ser aceita naquele meio intelectual e foi convidada a fazer parte do grupo reconhecido de estudantes privilegiados, os quais se sozinhos (sem família) podiam recorrer ao direito de comer e dormir nas dependências ao redor do edifício central e que faziam parte da Grande Biblioteca.

Tudo isso financiado e garantido pela dinastia dos Ptolomeus que alçava o Egito a um novo patamar no mundo de então.

Para o grupo de intelectuais da Biblioteca, se Zeron era cidadão Grego da Grécia ou de uma das possessões do enorme Império Helênico de Alexandre, o Grande - apesar de já dividido - não era importante.

Naquele local de sapiência, o que importava era o grau intelectual ou em potencial de cada um e a sua dedicação para poder sempre acrescentar ao vasto reservatório que era aquela instituição.

Por ser um centro científico, a Grande Biblioteca era entendida como um meio imparável em todos os campos, do que se entendia como "sabedoria" naquela época.

Ao que se resgatou da Grécia, arredores, Oriente e da própria sabedoria e conhecimento milenar do Egito, era preciso acrescentar sempre.

E a Medicina passou a ser o campo mais avançado daquela escola e do mundo conhecido de então, principalmente do que se conhecia do Império Helenístico e sua influência.

Amina/Zeron não tardou a ser aceita naquele círculo de estudos médicos. Ela acompanhava todos os procedimentos – anatômicos, fisiológicos, cirurgias e tratamentos variados, formulação de medicamentos e venenos retirados de plantas e animais, muitos dos quais, os primeiros a serem realizados no mundo.

Após alguns anos de dedicação total, ela passou a ser reconhecida pela sua disciplina, inteligência e conhecimento e a confiança que adquiria dos seus mestres gradualmente foi aumentando.

A vida pessoal de Amina se limitava à Biblioteca e arredores, onde ela, à noite, continuava a praticar o seu treinamento físico similar ao que fazia em casa.

Ela vestia longas túnicas quer fosse inverno ou verão e procurava disfarçar qualquer traço feminino mais evidente, para não levantar suspeitas.

Afinal, até aquela época, mulheres ainda não eram aceitas no meio intelectual e científico da Biblioteca.

Passaram-se dez longos anos da vida da jovem Amina/Zeron, em Alexandria. Apesar de tanto esforço e abnegação, o seu espírito e determinação nunca decaíram. O

empenho que colocou na sua visão de vida de liberdade e conhecimentos, era a sua energia vital para avançar mais.

Após esses dez anos de estudos na Grande Biblioteca, parte do seu sonho já era realidade. Amina passou a ser um membro integrante essencial dos estudiosos e docentes daquela instituição.



Nota de rodapé: quarta parte do conto A HISTÓRIA DE AMINA - partes a serem publicadas mensalmente nesta revista.

**Sellma Luanny** são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



POR NEY ALENCAR

# SUBTAMENTE HUMANO

“A humanidade não são homens,  
A humanidade são as emoções  
Que definem os homens!”

— Antônio

**I**mortalidade é um negócio muito solitário!  
Faz um século hoje que me tornei um vampiro!  
Não foi por vontade própria, muito pelo contrário, Esmeralda me mesmerizara, me atraía para as trevas, de onde nunca mais consegui me desvencilhar.  
Nunca pensei em tornar outros iguais à mim!  
Inseminar neles esta louca maldição!  
Pra quê? Não espero concorrência ou mesmo camaradagem de nenhum dos mortos-vivos que conheci, são todos egoístas e narcisistas!  
Não sou também? Não são todos os homens?  
Ainda penso que me qualifico como ser humano!  
Por vezes mais humano que muitos dos vivos que caminham durante o dia, talvez até mais!  
Ah sim, mato por necessidade apenas!  
A sede me impulsiona e me coage de uma forma irrefreável!  
No início lutei contra ela, até compreender sua natureza seletiva e espontânea, não era mais diferente do que um tigre caçando!  
Fazia-o apenas por necessidade, ainda que existissem aqueles que se satisfaziam com o prazer da caçada e com o sofrimento da vítima e tiravam dali sua satisfação e o sentido para sua existência!  
Não existem muitos daqueles que se autodenominam mortos-vivos que caçam por prazer e estes geralmente tem um fim precoce nas mãos de seus iguais!  
Não gostamos de propaganda! É contraproducente!  
Somos melhores quando deixados nas trevas, afinal o que o homem não acredita não o pode ferir nem se alimentar dele, não é?  
A reflexão sobre minha humanidade perdida ainda é uma constante em minhas noites mais escuras, pois ela me incomoda como uma cocêira que não posso coçar!  
Logo eu que desejava viver intensamente a vida, agora sou privado pela própria natureza daquilo que mais desejo! Incapacidade inglória!  
Frustrante, não é? Eu que o diga!  
Mas fugi do assunto novamente, estas divagações me consomem de uma forma quase obtusa e exasperante, como contas espalhadas pelo chão, que não consigo contar.  
Hoje faz um século que me tornei este morto-vivo!  
Por isso decidi que hoje encontrarei uma companheira para minha solidão.  
Já brinquei com a idéia de criar outro igual a mim, ou outra talvez, mas nunca fui adiante.  
Todos com quem conversei sempre em dissuadiram da idéia, não digo que seus argumentos não fossem coerentes, eles eram!  
Coerentes demais, verdadeiros demais! Foi isso que sempre me dissuadiu.

Agora, porém, cheguei em um ponto onde a melancolia brinca com a depressão e a escuridão dentro de mim ri desvairada um riso mordaz e enlouquecido!

Hoje quando a noite veio, algo dentro de mim se partiu, um desejo sôfrego, uma vontade cruel e desalmada que embargou minha garganta e teria feito descer lágrimas de sangue de meus olhos, se tal pudesse acontecer!

Eu incorporo os medos mais profundos da humanidade e ao mesmo tempo simbolizo também sua parte mais solitária! Seus desejos insondáveis!

Mas isso não é suficiente!

Quando abri os olhos e olhei dentro da noite vi uma luz que passava e ela me mesmerizou assim como Esmeralda, que me tornou o monstro que sou hoje, ela pareceu querer me tornar outra coisa que ainda não reconheço dentro de mim.

Algo tão diferente do que sou hoje como o hoje é diferente daquilo que fui um dia!  
Esse foi o gatilho que me levou a querer torna-la igual à mim!

A buscar o refrigerio de minha alma atormentada na dela, ainda inocente.

Mas será que tenho este direito? Será que devo?

Será que posso tirar sua vida tão plena e transformá-la neste monstro que sou?

Tirar todos os seus sonhos e tudo aquilo que a torna humana para deixa-la apenas como uma casca vazia? Sempre faminta?

Guardá-la como uma flor morta que se guarda dentro das páginas de um livro que já li tantas vezes, esperando reter o perfume e a maciez das pétalas, mas obtendo apenas uma folha seca, triste lembrança do que um dia foi belo e vivo!

Tesouro perdido!

Essa dúvida me corrói, brinca com meus medos e com meus desejos mais intrínsecos consumindo meus pensamentos, apagando até mesmo a fome imortal que grassa dentro de meu espírito!

A sede é um mero artifício insuportável diante da vicissitude do Tempo!

Porém a luz de seus olhos, um azul outro verde, iluminaram o abismo que reverbera em meu interior, e este abismo refletiu aquele olhar sincero, ainda que ingênuo.

Como se refletisse a própria luz do sol, algoz necessário, pela qual hoje tanto anseio.

Por vezes me repreendo imaginando que talvez seja só a expectativa de ter alguém ao meu lado que me impele à ter estes pensamentos espúrios, uma necessidade pueril, talvez a presença real não seja o fim que almejo!

O objetivo é apenas a esperança! O destino é o acessório!

A incompreensão deste desejo esdrúxulo me faz chegar mais perto dela, acariciar seus cabelos dourados como trigo velho iluminado pelo sol, que já não posso ver!

Macios como a pele da rosa!

Essa dor pungente que vergasta meu coração morto me impele à olhar cada vez mais dentro de seus olhos, o predador mesmerizado pela presa já não pode escapar dela.

Minhas presas já se acercam da pele arrepiada de seu pescoço gentil, sinto o calor de seu sangue pulsando na artéria, na ponta de meus caninos.

Então me dou conta do eu estou prestes a fazer!

Os lábios gélidos sobre a pele fina do pescoço, a pressão dos dentes afiados que se fixaram na carne retesada!



Senti seu êxtase antagônico à espera da morte chegar.  
O horror da morte é mais forte do que a necessidade de companhia!  
Aquele momento impreciso e aterrorizante que precede a mordida.  
Aquele instante sôfrego e brutal que precede o jorro do sangue.  
Aquele ato vil e necessário que precede a saciedade luxuriosa da sede.  
O reflexo de meu rosto monstruoso em seus olhos mesmerizados me assusta.  
Me afasto sem olhar para trás.  
Hoje, ela me lembrou, ainda sou humano!



**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 357 contos publicados em 66 e-books e em 124 antologias. Possui 06 livros publicados.

POR GILMAR DUARTE ROCHA

# TODO MUNDO É FILHO DE PAPAI NOEL



**A** noiteceu. O sino gemeu. A meninada na casa de Ariovaldo ficou feliz a rezar. Afinal era véspera de Natal e, como ocorria todo ano, o bom velhinho Papai Noel desceria através da chaminé do velho fogão de lenha durante a madrugada e depositaria os presentes para cada membro da prole ao pé da árvore de Natal que, àquela hora, resplandecia em luzes multicores no canto da sala, sempre bem ornada por Joana de Jesus, a matriarca da família.

Naquele dia 24 de dezembro Ariovaldo saiu tarde da fábrica onde trabalhava. Era quase de madrugada e as lojas de varejo da região já estavam fechadas. Ele ficou preocupado e ansioso, pois não podia deixar de comprar as lembranças para os seus seis filhos pequenos; não poderia deixar a magia da data natalina se esvanecer como fumo leve que escapa entre os dedos. Lembrou-se que do outro lado da rodovia que margeava a fábrica existia uma loja de uma grande rede de supermercados que não fechava nunca.

Difícil mesmo era pular as duas barreiras que cercavam as duas pistas duplas da estrada e esperar o momento bom de atravessá-las, visto que o movimento de automóveis era incessante. Saltou a primeira barreira com muita dificuldade e aguardou eternos vinte minutos para vencer a primeira pista de mão dupla. O próximo empecilho seria pular o fosso que separava os dois lances de pista. Superou aquela barreira plena de água suja e muito limo e lodo. Faltava atravessar a segunda pista dupla, aquela onde justamente o fluxo de veículo era mais pesado, visto que aquela estrada tinha a direção do cento populoso da cidade. Aguardou uma eternidade até sentir que havia chegado o momento de atravessar a estrada. Os veículos que vinham, a julgar pela intensidade da luz, estavam a metros de distância. Ledo engano de Ariovaldo. Naquele ambiente semiescuro, ele não percebeu que uma motocicleta transitava em alta velocidade com os faróis quase apagados. Uma pancada forte. Um grito. Um uivo. Um corpo estendido no chão. A primeira pessoa que acudiu o homem que sangrava no asfalto frio foi um mendigo de idade avançada e longas barbas brancas. Ariovaldo, agonizante, ruminou alguma coisa no ouvido dele e depois apagou. Desfalecido.

\*\*\*

Amanheceu. O sino não dobrou. As crianças acordaram e não viram presente algum na árvore de Natal. O bom velhinho esquecera delas. Joana de Jesus, ciente da ocorrência trágica da noite passada, não quis dar a malograda notícia assim, de supetão, para as frustradas crianças. Inclusive ela segurava o pranto enquanto o seu peito doía de dor e de profunda tristeza. Ela aguardaria o decorrer dos acontecimentos com estoicismo e sofreguidão. Nove da manhã, alguém inesperadamente bateu à porta dos fundos. Joana foi atender. Silêncio absoluto. As crianças vislumbraram um senhor maltrapilho vestido de vermelho que entregava um saco de supermercado à mãe deles. Eram presentes e presentes, cada um mais bonito do que o outro.

A garotada entre o contentamento em apalpar e começar a brincar com os maravilhosos presentes ficaram surpresos e curiosos da aparição repentina e matutina daquele senhor de longas barbas alguns. Alguns deles, principalmente os mais velhos, encheram a mãe de perguntas:

“Mamãe, aquele velho era Papai Noel mesmo?”

“Por que ele veio de dia? Geralmente ele deixa os presentes quando a gente está dormindo”

“Papai Noel é da nossa cor, mamãe? Eu vi na TV que ele é branco e tem olhos azuis”

“Por que nosso pai viajou logo hoje no dia de Natal?”

Eram questões que a mãe, Abigail, não sabia direito o que responder. Ela tergiversava o máximo que podia, pois a notícia que recebera de um estafeta da área de saúde de manhã cedo não era nada boa. Prestes a entrar em estado ebulição, a mulher teve uma pausa de sossego quando alguém bateu à porta da frente de casa. Dona da situação, ela se adiantou às crianças e, com o coração palpitando, foi ver quem estava chegando. Abriu a porta. Viu uma ambulância com a sirene ligada e estacionada ao lado do meio-fio. O seu coração só faltava sair pela boca.

“Seu marido teve alta, minha senhora”, disse um homem todo trajado de banco que saltava do banco de caronas do veículo. Ele prosseguia: “sentimos muitíssimo em tê-lo confundido com um mendigo que foi atropelado a poucos metros dele e que provavelmente sofreu um acidente mais grave um pouco depois do seu marido ter sido atropelado. Ele, o mendigo, que veio a falecer esta manhã, portava a carteira e os documentos do senhor Ariovaldo, daí essa confusão toda. Curioso é que o mendigo estava com uma nota fiscal de um mercado ali perto e parece que ele havia comprado apenas brinquedos usando o cartão de crédito do seu marido. Contudo a polícia não localizou esses brinquedos.”

“Ah!”, interveio um enfermeiro que dirigia a ambulância e que ajudava a retirar a maca do carro, “O senhor Ariovaldo aqui deve ter sido atropelado por um veículo pequeno, talvez uma moto. Ele teve apenas uma pequena concussão no crânio, apesar de perder muito sangue. Ele deve ficar em repouso total por três dias”.

Nessa hora, a criançada, vendo o movimento em frente de casa, se aproximou do veículo:

“O que houve com papai?”

“Papai, o que senhor teve na cabeça?”

“Papai teve um acidente, seu bobo”

“Papai, um Papai Noel escuro esteve aqui hoje e nos deu presentes”

Esta última frase dita por um dos seus filhos, fez com que Abigail olhasse para o céu e visse um enorme trenó brilhante contornando as nuvens brancas que salpicavam um céu azul. O trenó era pilotado por um homem escuro, de longas barbas ásperas e brancas, e que trazia um sorriso grande estampado no rosto.

O homem e o trenó foram subindo aos céus; foram diminuindo de tamanho e desapareceram de vez no azul infinito.



**Gilmar Duarte Rocha**, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

POR SIMONE BASTOS PAIVA

# QUEM IRÁ PRIMEIRO?



**E**stavam todos da família reunidos na sala de estar, em momento festivo, para comemorar o (84º) aniversário da matriarca. Um momento de harmonia e alegria, para se eternizar não apenas em uma fotografia no porta-retratos. A festa era simples: uma torta de limão com recheio de chocolate, salgados, doces e refrigerantes, colocados sobre a mesa coberta com uma toalha de renda branca e decorada com um arranjo de flores.

Nessas ocasiões natalícias, ela arrumava-se caprichosamente. Vestia uma roupa especial, fazia um penteado diferente, colocava seu perfume preferido e postava-se no terraço da casa para receber os entes queridos. A cada chegada, abria o portão e os recepcionava com palavras afetuosas. Encabulava-se a cada lembrancinha recebida, pois não almejava nada material; o seu presente maior era o encontro familiar.

Após conversas descontraídas, risadas altas e fotos diversas, tinha-se o aguardado momento dos parabéns e, como de costume, ao final, ela sempre puxava o refrão de um cântico religioso que clamava bênçãos sobre a família. Soprava as velinhas, recebia abraços, partia o bolo... Sempre atenta para que todos estivessem bem servidos e que nada lhes faltasse.

Apesar do ambiente alegre, havia uma certa tristeza no seu olhar e no seu sorriso. Possivelmente, no íntimo, sabia que não seria sempre assim. O sentimento de melancolia fazia com que ela não aproveitasse esses momentos, plenamente, abstraindo-se da dura realidade da finitude da vida. Olhava discreta e demoradamente para cada um dos seus filhos, netos, esposo e demais parentes, como se anteviesse a tristeza que se abateria sobre o seu lar em algum momento. Era como se estivesse a se perguntar silenciosamente: *quem irá primeiro?* Um questionamento difícil de se fazer e mais ainda de tentar responder.

Quando chega o momento da passagem para outra dimensão, os pedidos de proteção, os vínculos afetuosos, os sonhos em construção... tudo é subvertido. Desconhecemos a cronologia da fatídica fila — melhor assim —, pois a vida é tão vulnerável a doenças, acidentes, violências, perturbações... sombras com as quais temos que conviver em constante apreensão.

Como todas as pessoas contemporâneas, a matriarca havia sofrido perdas de vários ascendentes, parentes, amigos e vizinhos. O baú das dores estava carregado de lembranças de pessoas queridas, que recebiam suas preces no oratório particular. As lágrimas a cada nova partida eram compartilhadas em família. Quando precisava transmitir as notícias sobre a partida de alguém conhecido, esforçava-se para ser de um jeito sereno, sempre iniciando com a frase: *lembra-se de fulano de tal?* De tanto escutá-la com essa introdução, o coração dos familiares já disparava e preparava-se para o complemento: quem? Quando? Como? E a conversa girava em torno do ente falecido, buscando compreender (ou justificar) a ocorrência dolorosa.

Com o passar dos tempos a empatia com as consternações alheias levava à constatação de que, em algum momento, também o núcleo familiar viveria o luto maior com a partida de um dos seus membros. Na estrada da vida, não temos escolha nessa questão; todos passarão pelos momentos mais intrigantes e adversos à natureza humana: o fim de uma vida.

Sempre a matriarca agradecia por sua vida abençoada com os seus descendentes presentes e amorosos. Não precisava de mais nada. Sentia-se confortável ao saber que eles estavam bem e seguros. Era difícil imaginar a sua família incompleta.

Quando jovem, a ideia da partida eterna nos parece distante. Com o passar do tempo, as ausências são cada vez mais frequentes e próximas. E nos lembram de que todos somos iguais e passageiros nesse lugar. É só uma questão de tempo para que os lares, infelizmente, vivenciem suas perdas e o encanto maior com a vida se desfaça. Nosso desejo é que esse tempo nunca chegue, pois nada pode nos preparar para a dor indescritível desses momentos.

Como as pessoas conseguem viver, lutar e construir suas vidas, sabendo que tudo é passageiro? Que força e coragem as movem diariamente, diante da incerteza do amanhã? Como ter ânimo e disposição com a consciência de que um dia não mais existirão? A vida torna-se penosa sob a sombra da finitude durante toda a nossa existência. Somente a fé em algo supremo para nos fortalecer e dar sentido à jornada, diante das angústias terrenas.

Entre uma partida e outra, é que a vida acontece. A rotina até nos faz sentir felizes, realizar projetos e sonhos, adquirir novos conhecimentos... mesmo com a aflição constante no coração. Vamos superando as enfermidades, driblando os riscos do mundo, cuidando da saúde e da mente... Mas o tempo é implacável e nos alcança em alguma esquina da vida.

E assim foi com a vida da matriarca. Antes, marcada por tantos e tantos encontros festivos, quando era só seguir o roteiro e, ao final das festas, após a despedida do último convidado, ela recolhia-se ao seu leito, satisfeita com a reunião familiar. Fazia suas orações e dormia o sono dos anjos, para, no dia seguinte, recomeçar a sua rotina, com a certeza de que todos estavam bem.

Até que, no seu (85º) aniversário, a matriarca não pôde comemorar o seu dia natalício junto aos seus. Precisou ser hospitalizada, inesperadamente, e a festa foi adiada. Como registro, apenas uma foto com um roupão cor de vinho do hospital, um olhar triste e um sorriso involuntário. O que parecia ser uma mudança de plano, com o adiamento da comemoração da linda data, poucos dias depois, tornou-se a resposta triste e impiedosa à pergunta que ela sempre se fazia: *quem irá primeiro?* Sem saber a resposta, ela foi a primeira a partir. Possivelmente, porque não suportaria conviver com qualquer resposta, pela infinitude do seu amor familiar.

\*\*\*

**Simone Bastos Paiva** - natural da cidade de João Pessoa, Paraíba. Bacharel em Ciências Contábeis (UFPB) e Pós-Graduação em Administração (UFPB). Atuou como professora universitária por quase 30 anos, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Publicou alguns contos e crônicas em Coletâneas Nacionais – Casa Brasileira de Livros, OffFlip, Editora Holandas, Hope Editora.



Revista  
Conexão Literatura

# BAIXE AS EDIÇÕES

ANTERIORES



DOWNLOAD

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# Feedback

escritores e leitores

REVISTA  
**CONEXÃO  
LITERATURA**



## Gilmar Duarte Rocha

Escritor e membro da Academia Brasileira de Letras

Publico, mensalmente, crônicas, contos e artigos na revista Conexão Literatura há mais de três anos e a cada dia sinto-me gratificado em ver o progresso desse periódico que opta pela diversidade, dando voz e vez a escritores de todos os naipes, de todos os estilos, e de todas as origens, compondo um mosaico completo de criatividade que enriquece sobremaneira a cultura brasileira. Os textos são diagramados de forma criativa e ornamentados por ilustrações escolhidas a dedo pela edição da revista.

[www.gilmarduarterocha.com.br](http://www.gilmarduarterocha.com.br)



## Mi Santiago

Jornalista, Escritora e Contista

Ah, o que dizer sobre a Revista Conexão Literatura, senão mais um projeto de sucesso do escritor e engajador cultural Ademir Pascale, que está sempre à frente quando o assunto é literatura. Desde seu lançamento, em 2015, tive a honra de entrar para o time, e pretendo participar por quantos anos existir! Agradeço ao Ademir por fazer parte de mais esta conquista, de tantas outras oportunidades.

[www.facebook.com/miriam.santiago.372](https://www.facebook.com/miriam.santiago.372)

[www.instagram.com/mirianmorganuns](https://www.instagram.com/mirianmorganuns)



Dê o seu depoimento sobre a Revista Conexão Literatura, envie o seu comentário, rede social e foto para: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

Os depoimentos poderão ser publicados no site da revista, redes sociais da revista e edições da revista.

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# Você escreve?


Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal


**Seleções Literárias**

**Filtre oportunidades**

por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

**Acesse**

**Seleções Literárias**

<https://selecoesliterarias.com.br>



Autor(a), conheça o  
**pacote**  
**divulgação**  
**para**  
**escritores**

---

Saiba mais



---

E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

[www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)



# ENCONTRE AS PALAVRAS



## ENCONTRE AS PALAVRAS

Livraria - Biblioteca - Sebo - Autor  
Poema - Conto

A	W	R	T	I	O	P	S	V	A	R	B	N	O	E
U	L	R	C	E	P	O	P	Y	U	I	S	B	F	H
T	A	C	H	I	N	E	L	E	A	R	N	I	N	G
O	K	Z	A	S	E	M	F	C	O	X	E	B	O	E
R	A	U	T	G	U	A	M	K	W	L	N	L	D	K
S	E	B	O	C	R	O	U	N	I	B	U	I	P	C
B	R	F	O	I	A	V	T	N	L	P	G	O	C	T
O	H	O	T	H	L	P	R	D	L	V	Y	T	K	P
T	B	K	T	D	N	J	O	J	D	E	S	E	F	J
I	N	P	D	E	E	P	L	E	A	R	N	C	N	G
C	O	N	T	O	T	A	L	N	L	S	Z	A	B	T
S	I	T	F	A	W	M	U	T	P	S	T	H	I	I
Y	V	L	H	E	O	I	C	B	P	J	K	I	O	O
P	A	L	I	V	R	A	R	I	A	D	R	L	T	T
J	O	I	L	I	K	F	R	C	Y	S	U	A	G	K



**VISITE O NOSSO SITE**

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**AMOR  
PELOS  
LIVROS**

**MÍDIA KIT 2024**

# **REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

## **ESTATÍSTICAS**

**+787 MIL    +183 MIL    + 5 MILHÕES DE ACESSOS**

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E  
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)  
E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

# MÍDIA KIT

## Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale

### ✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



### ✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

### ✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

### ✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

### ✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

### ✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: [www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura) e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

**PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:**

**e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale**



REVISTA  
**CONEXÃO LITERATURA**

NO AR  
DESDE 2015

CONECTANDO  
**AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

**02.01.2025**



**Mensagem do Editor**



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 110 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**  
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO**  
**ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd